

# ressuscitada

livro #9

na série Memórias de um Vampiro

morgan rice

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Direitos reservados© 2012 por Morgan Rice

Todos os direitos reservados. Exceto como permitido pela lei de Direitos Autorais dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por nenhuma forma ou meio, ou armazenada em banco de dados ou em sistemas de recuperação, sem a permissão prévia do autor.

Este e-book está disponível somente para seu uso pessoal. Este e-book não deve ser revendido nem doado a outras pessoas. Se você quiser compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, adquira uma cópia adicional para cada um. Se você está lendo este livro e não pagou por ele, ou se este não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira seu próprio exemplar. Obrigado por respeitar o trabalho deste autor.

Este é um trabalho fictício. Nomes, personagens, empresas, organizações, locais e incidentes são frutos da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

A imagem da capa é um direito reservado de Veronika Galkina, utilizada sob licença da Shutterstock.com.

## ÍNDICE

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO QUATORZE](#)

*"Quem jamais amou que não amasse à primeira vista?"*

*—William Shakespeare*

# CAPÍTULO UM

## *Rhinebeck, Nova York (Vale do Hudson) - Dia de hoje*

Caitlin Paine sentou-se em sua sala de estar, seus olhos estavam inchados de tanto chorar, sentia-se exausta e ficou ali parada, olhando o pôr do sol vermelho-sangue, quase sem ouvir os policiais que entraram em sua casa. Estava em transe. Ela lentamente olhou para sua sala e viu que lá estavam várias pessoas – pessoas demais.

Oficiais de polícia e policiais locais, todos se espalhavam por sua sala, alguns estavam sentados, outros de pé, segurando várias xícaras de café. Seus rostos estavam sombrios, alinhavam-se nos sofás, nas cadeiras, em frente a ela, fazendo-lhe perguntas sem fim. Eles estavam lá há horas. Todos naquela pequena cidade se conheciam, e estas eram pessoas que ela conhecia há muito tempo, que ela encontrava no supermercado, que lhes dizia “Oi” nas lojas locais. Ela mal podia acreditar que eles estavam ali. Em sua casa. Parecia que aquilo tinha saído de um pesadelo.

Era surreal. Tudo tinha acontecido tão rápido, sua vida tinha virado de cabeça para baixo tão facilmente que ela mal conseguia acompanhar. Ela tentou se apegar ao que lhe era normal, a qualquer coisa de rotina que lhe dava conforto, mas tudo parecia fugir. O que era normal não existia mais.

Caitlin sentiu uma reconfortante mão apertar a sua e, ao se virar, viu Caleb sentado ao seu lado, seu rosto estava pálido de preocupação.

Nas poltronas estofadas ao lado deles, estavam Sam e Polly, havia receio estampado em seus rostos, também. Aquela sala estava lotada – cheia demais para o gosto de Caitlin. Ela queria que todos que lá estavam simplesmente desaparecessem, que tudo voltasse a ser como o dia anterior. O décimo sexto aniversário de Scarlet, com todos sentados ao redor da mesa, comendo bolo, rindo. Parecia que tudo estava perfeito no mundo, como se nada jamais fosse mudar.

Caitlin voltou a pensar sobre a noite anterior, sobre seus pensamentos à meia-noite, quando ela desejou que seu mundo, sua vida, fosse mais do que apenas comum. Agora, ela se arrependia. Ela daria qualquer coisa para ter aquela normalidade de volta.

Um turbilhão de coisas havia acontecido desde que ela chegara a casa, após seu terrível encontro com Aiden. Depois de Scarlet deixar a casa, Caitlin correu atrás dela, perseguindo-a pelas ruas vizinhas. Caleb havia se recuperado de seu ferimento e a alcançaram, e então os dois correram pela pequena vila, como loucos, tentando encontrar sua filha.

Mas não adiantou. Eles logo perderam o fôlego, Scarlet havia desaparecido completamente de vista. Ela havia corrido tão rápido, tinha saltado sobre uma cobertura de oito pés em um único movimento, sem sequer perder velocidade. Caleb ficou surpreso, mas Caitlin não: ela sabia o que Scarlet era. Ela sabia que, mesmo enquanto corria, persegui-la era um esforço inútil, sabia que Scarlet poderia correr com a velocidade de um relâmpago, pular sobre qualquer coisa e que, dentro de momentos, ela estaria completamente afastada, fora de alcance.

E fora assim mesmo. Eles correram de volta para a casa, pegaram o carro e aceleraram pelas ruas, procurando-a freneticamente. Mas Caitlin sabia que, mesmo que Caleb passasse pelos semáforos vermelhos e que acelerasse ao máximo, eles não tinham a menor chance. Eles não iriam alcançá-la. Scarlet, ela sabia, estava longe demais.

Depois de horas, finalmente, Caitlin havia tido o suficiente e insistiu para que eles voltassem para casa e chamassem a polícia.

Agora, lá estavam eles, horas mais tarde, quase meia-noite. Scarlet não havia retornado e a polícia não havia sido capaz de encontrá-la. Por sorte, era uma cidade pequena, nada mais estava acontecendo e eles tinham enviado viaturas imediatamente à procura dela e ainda estavam procurando. O resto da equipe – três oficiais que estavam sentados em frente a eles mais outros três que estavam em pé – permaneceram ali, fazendo pergunta após pergunta.

“Caitlin?”

Caitlin voltou à realidade. Ela se virou e viu o rosto do oficial sentado no sofá à sua frente. Ed Hardy. Ele era um bom homem, tinha uma filha da idade de Scarlet que estudava com ela. Ele olhou para ela com simpatia e preocupação. Ela sabia que ele sentia a sua dor como um pai e que ele iria fazer o seu melhor.

“Eu sei que é difícil”, ele disse. “Mas só temos mais algumas perguntas. Nós realmente precisamos saber de tudo se vamos procurar pela Scarlet.”

Caitlin acenou com a cabeça. Ela tentou se concentrar.

“Eu sinto muito”, disse ela. “O que mais você precisa saber?”

O oficial Hardy pigarreou, olhando de Caitlin para Caleb, e depois de volta para ela. Ele parecia relutante em prosseguir com a sua próxima pergunta.

“Eu odeio perguntar isso, mas houve alguma discussão entre vocês e sua filha nos últimos dias?”

Caitlin olhou para ele, intrigada.

“Discussão?”, Perguntou ela.

“Algum desentendimento? Brigas? Vocês sabem algum motivo para ela querer sair assim?”

Então Caitlin percebeu: ele estava perguntando se Scarlet havia fugido. Ele ainda não havia entendido.

Ela balançou a cabeça com veemência.

“Não há nenhuma razão para que ela querer fugir. Nós nunca brigamos. Nunca. Nós amamos Scarlet e Scarlet nos ama. Ela não é do tipo que discute. Ela não é rebelde. Ela não iria fugir. Você não entende? Não se trata disso. Você não ouviu nada que eu lhe disse? Ela está doente! Ela precisa de ajuda!”

O oficial Hardy olhou para seus companheiros, que o encararam com ceticismo.

“Desculpe-me por perguntar,” ele continuou. “Mas você precisa entender, temos chamadas como esta o tempo todo. Filhos adolescentes fugindo. Eles fazem muito disso. Ficam com raiva de seus pais. E, em 99% dos casos, voltam. Normalmente algumas horas mais tarde. Por vezes, depois de um dia ou dois. Eles ficam na casa de um amigo. Só querem ficar longe de seus pais. E é geralmente precedido por uma discussão.”

“Não houve nenhuma discussão,” Caleb entrou na conversa, com seriedade. “Scarlet estava tão feliz quanto poderia estar. Nós comemoramos seu aniversário de dezesseis anos na noite passada. Como Caitlin disse, ela não é esse tipo de garota.”

“Eu sinto como se você não estivesse escutando uma única palavra que dissemos”, acrescentou Caitlin. “Nós falamos que Scarlet estava doente. Ela foi mandada para casa mais cedo da escola. Ela estava tendo... Eu não sei o que era. Convulsões... talvez convulsões. Ela pulou da cama e correu para fora da casa. Este não é o caso de fuga. É uma criança que está doente. Que precisa de atendimento médico.”

O oficial Hardy olhou novamente para seus colegas oficiais, que continuaram com seus olhares céticos.

“Eu sinto muito, mas o que você está nos dizendo simplesmente não faz sentido. Se ela estava doente, como ela podia correr para fora da casa?”

“Vocês falaram que a perseguiram”, opinou outro oficial, mais ousado. “Como ela poderia correr mais que vocês? Especialmente se estava doente?”

Caleb sacudiu a cabeça, parecendo perplexo.

“Eu não sei,” ele falou. “Mas foi isso o que aconteceu.”

“É verdade. Cada palavra é verdadeira,” disse Caitlin baixinho, arrependida, cheia de remorso.

Ela estava com a sensação de que esses homens não entenderiam. Mas ela sabia por que Scarlet havia conseguido correr mais que eles; ela sabia por que ela era capaz de correr tanto mesmo doente.

Ela sabia a resposta, o que explicava tudo. Mas era a única resposta que ela não poderia dar aqueles homens nunca iriam acreditar. Aquilo não eram convulsões; eram tremores de fome. Scarlet não estava correndo; ela estava caçando. E isso porque sua filha era um vampiro.

Caitlin se encolheu por dentro, queimando de vontade de contar, mas sabendo que era uma resposta que aqueles homens seriam incapazes de ouvir. Então, ao invés, ela olhou solenemente para fora da janela, esperando, rezando que Scarlet voltasse. Que ela poderia melhorar. Que ela não tivesse se alimentado. Na esperança de que aqueles homens fossem embora e que a deixassem sozinha. Ela sabia que eles eram inúteis de qualquer maneira. Chamá-los fora um erro.

“Eu odeio dizer isso”, acrescentou o terceiro oficial, “mas o que você está descrevendo... sua filha voltar da escola, ter convulsões, ter uma descarga de adrenalina, sair correndo... Eu odeio dizer isso, mas parece que são drogas. Talvez cocaína. Ou metanfetamina. Parece que ela estava usando algo. Como se estivesse sob o efeito. E a adrenalina ficou alta.”

“Você não sabe o que está falando”, Caleb retrucou para ele. “Scarlet não é esse tipo de garota. Ela nunca usou drogas em sua vida.”

Os três oficiais se entreolharam, sem acreditar.

“Eu sei que é difícil para vocês ouvirem,” o oficial Hardy disse suavemente, “é difícil para a maioria dos pais ouvir isso. Mas os nossos filhos levam uma vida que não conhecemos. Você não sabe o que ela está fazendo nos bastidores, com seus amigos.”

“Será que ela trouxe algum amigo novo para casa ultimamente?”, perguntou outro oficial.

De repente, o rosto de Caleb se enrijeceu.

“Ontem à noite, na verdade”, disse ele, havia uma raiva crescente em sua voz. “Ela trouxe um novo namorado. Blake. Eles foram ao cinema juntos.”

Os três policiais olharam um para o outro com um olhar compreensivo.

“Você acha que é isso?”, Perguntou Caleb. “Você acha que esse garoto está empurrando drogas para ela?” quando Caleb perguntou, ele começou a ter certeza que era isso, ficou otimista que tinha encontrado uma resposta lógica para explicar tudo.

Caitlin sentou em silêncio, apenas querendo que tudo aquilo acabasse. Ela estava morrendo de vontade de contar o motivo real. Mas ela sabia que não faria nenhum bem.

“Qual é o sobrenome dele?” Um dos policiais perguntou.

“Eu não tenho ideia.” Caleb virou e olhou para Caitlin. “Você sabe?”

Caitlin sacudiu a cabeça, e virou-se para Sam e Polly.

“E vocês?”

Eles balançaram a cabeça.

“Talvez eu possa descobrir”, disse Polly. “Se eles forem amigos no Facebook...” Polly então pegou seu celular e começou a escrever. “Eu sou amiga de Scarlet no Facebook. Eu não sei quais as configurações dela, mas talvez eu possa ver seus outros amigos. E se ela for amiga dele...”.

Polly digitou e seus olhos se iluminaram.

“Aqui! Blake Robertson. Sim, este é ele!”

Os policiais se inclinaram e Polly estendeu a mão para levantar seu celular. Eles o pegaram e foram passando de um para o outro, olhando atentamente para o rosto, anotando seu sobrenome.

“Vamos conversar com ele,” o oficial Hardy disse, devolvendo o telefone para Polly. “Talvez ele saiba alguma coisa.”

“E quanto a outros amigos de Scarlet?”, Perguntou outro oficial. “Você já entrou em contato com eles?”

Caitlin olhou fixamente Caleb, percebendo que eles estavam muito atordoados.

“Eu não havia pensado nisso”, disse Caitlin. “Não passou pela minha cabeça. Ela não estava indo para a casa de um amigo. Ela estava doente. Não era como se tivesse um destino.”

“Faça-o”, disse um oficial. “Fale com todos eles. É o melhor lugar para começarmos.”

“Eu tenho que dizer, de tudo o que eu ouvi,” o oficial Hardy concluiu, pronto para embrulhar suas coisas, “isso soa como drogas. Eu acho que Bob tem razão. Soa como efeito de drogas. Enquanto isso, vamos continuar patrulhando as ruas. A melhor coisa que vocês podem fazer é ficar aqui. Esperar por ela aqui. Ela vai voltar.”

Os policiais olharam um para o outro, então, de uma vez só, todos se levantaram. Caitlin podia ver que eles estavam impacientes para ir embora.

Caleb, Sam e Polly ficaram de pé e, lentamente, Caitlin também se levantou, com uma sensação de fraqueza nos joelhos. Enquanto ela apertou as mãos dos policiais se despedindo, enquanto ela se preparava para sair, de repente, algo veio à sua cabeça. Ela não podia mais permanecer em silêncio. Ela não podia mais conter o desejo ardente dentro dela de dizer a essas pessoas tudo o que ela sabia. Contar a eles que eles não estavam pensando da maneira certa.

“E se for outra coisa?” Caitlin de repente falou em voz alta, quando os policiais estavam prestes a sair.

Todos pararam, interrompidos enquanto vestiam seus casacos e, lentamente, se viraram para ela.

“O que você quer dizer?” O oficial Hardy perguntou.

Caitlin, com o coração pulsando rápido em seu peito, limpou sua garganta. Ela sabia que não deveria contar-lhes; ela ia parecer maluca. Mas ela não conseguia mais guardar aquilo para ela.

“E se minha filha estiver possuída?” ela perguntou.

Todos eles ficaram ali, se encarando, como se ela fosse completamente louca.

“Possuída?” um deles perguntou.

“E se ela não estiver sendo ela mesma?” Caitlin perguntou. “E se ela tiver mudado? Se transformado em alguma coisa?”

Um silêncio pesado e denso encheu a sala, Caitlin sentiu todos, incluindo Caleb, Sam e Polly olhando para ela. Suas bochechas ficaram coradas de vergonha. Mas ela não podia parar. Não agora. Ela teve que se inclinar para frente. E ela sabia, assim que fez isso, que este seria o ponto crucial, o momento em que a cidade inteira já não olharia para ela como uma pessoa normal, que sua vida mudaria para sempre a partir daquele momento.

“E se minha filha estiver virando um vampiro?”

## **CAPÍTULO DOIS**

Depois de Caleb ter visto os policiais saírem, ele fechou a porta e entrou de volta na sala,

franzindo o cenho para Caitlin. Ela nunca tinha o visto olhar para ela com tanta raiva antes e seu

coração apertou. Ela sentiu como se sua vida inteira se desenrolasse diante de seus olhos.

“Você não pode falar essas coisas em público!”, retrucou. “Você parece uma pessoa louca! Eles

vão pensar que estamos todos loucos. Eles não vão nos levar a sério.”

“Eu NÃO estou louca!” Caitlin retrucou. “E você deveria estar do meu lado, não do deles, e pare

de fingir que tudo é normal. Você estava no quarto comigo. Você sabe o que viu. Scarlet jogou você

do outro lado do cômodo. Será que uma convulsão causaria isso? Uma doença?”

“Então o que você está dizendo?” Caleb respondeu, levantando a voz. “Isso significa que ela é

um monstro? Um vampiro? Isso é ridículo. Você fala como se você estivesse perdendo a sanidade.”

A voz de Caitlin levantou de volta para ele. “Então como você explica isso?”

“Há um monte de explicações”, disse ele.

“Tipo o que?”

“Talvez tenha algo a ver com a sua doença. Ou talvez, como eles disseram, ela estava usando

algum tipo de droga. Talvez aquele garoto Blake –”

“Isso é ridículo”, Caitlin replicou. “Blake é um bom garoto. Ele não é um traficante de drogas. E,

além disso, você viu como ela correu mais que nós. Nós sequer tínhamos a menor chance. Aquilo não

era normal. Não finja que não viu o que você viu.”

“Eu não vou escutar mais isso”, disse Caleb.

Ele se virou e andou pela sala, tirou seu casaco do exército do gancho, o vestiu e rapidamente o

fechou.

“Onde você está indo?”, perguntou Caitlin.

“Estou indo procurar por ela. Não posso ficar aqui. Isto está me deixando louco. Eu tenho que ir

atrás.”

“Os policiais disseram que o melhor lugar para ficar é aqui. E se ela chegar em casa enquanto

você estiver lá fora?”, perguntou Caitlin.

“Então você pode ficar aqui e me ligar”, Caleb respondeu. “Eu estou saindo.”

E, com isso, ele atravessou a sala, abriu a porta e a fechou atrás dele. Caitlin escutou o som de

suas botas descendo rapidamente os degraus da varanda, esmagando todo o cascalho, em seguida, o

ouviu entrando em seu carro e dando partida.

Caitlin sentiu vontade de chorar. Ela não queria brigar com Caleb, especialmente agora. Mas ela

não podia deixar que ele a convencesse de que ela estava perdendo o contato com a realidade. Ela

sabia o que viu. E ela sabia que estava certa. Ela não ia deixar que os outros a convencessem de que ela estava perdendo a cabeça.

Caitlin se virou para Sam e Polly, que tinham ficado ali, imóveis de olhos arregalados, surpresos.

Eles nunca tinham visto Caitlin e Caleb brigarem antes. Caitlin mesma nunca tinha discutido com ele

– até aquele momento, a relação deles sempre fora harmoniosa. Sam e Polly pareciam atordoados,

com medo de interferir. Eles também olharam para ela como se ela fosse um pouco louca, como se

não estivesse em seu juízo perfeito. Ela se perguntou se eles estavam do lado de Caleb.

“Sinto que eu deveria estar lá fora procurando, também,” disse Sam timidamente. “Dois carros

procurando nas ruas é melhor do que um. E eu estou muito inútil aqui. Tudo bem?”, ele perguntou

para Caitlin.

Caitlin acenou com a cabeça, com medo de abrir a boca por achar que ela iria chorar. Sam estava

certo; ele não seria muito útil ali em sua casa. E ela tinha Polly. Sam aproximou-se e deu-lhe um

abraço, então se virou e saiu.

“Eu estarei com meu celular”, disse ele, quando saiu. “Ligue-me se você ouvir qualquer coisa.”

Sam fechou a porta atrás dele e Polly se aproximou de Caitlin e lhe deu um longo abraço. Caitlin a abraçou de volta. Era tão bom ter sua melhor amiga ali, ao seu lado. Ela não sabia o que faria sem ela. As duas se sentaram lado a lado no sofá, Caitlin enxugou uma lágrima

que se formou no canto de seus olhos. Seus olhos já estavam vermelhos e inchados por tantas horas de choro. Agora, ela só se sentia exausta.

“Eu sinto muito mesmo”, disse Polly. “Isto é um pesadelo. Simplesmente horrível. Não há palavras. Eu não entendo o que aconteceu. Nada disso faz sentido. Eu sei que Scarlet não usa drogas. Ela não faria isso. E você está certa: Blake parece ser um bom garoto.”

Caitlin ficou lá, olhando pela janela para a noite que estava caindo, concordando com a cabeça, sem entender. Ela queria falar, mas ela se sentia tão instável, estava com medo de explodir em lágrimas novamente se o fizesse.

“O que você acha sobre o que a polícia disse?”, Perguntou Polly. “Sobre entrar em contato com os amigos dela? Você acha que é uma boa ideia?”

Quando Polly disse isso, Caitlin percebeu que era a coisa perfeita para fazer. Ela forçou seu cérebro, se esforçando para pensar em como entrar em contato com os amigos. Em seguida, lhe veio uma ideia: o celular de Scarlet. Ela tinha se levantado rapidamente, sem sequer parar para pegá-lo antes de sair. O telefone dela deveria estar em algum lugar da casa. Talvez em sua bolsa. Provavelmente em seu quarto. Caitlin deu um pulo do sofá.

“Você está certa”, disse ela. “O celular dela. Deve estar no quarto dela.”

Caitlin correu pela sala para subir os degraus, Polly e Ruth a seguiam em seus calcanhares. Ela correu para o quarto de Scarlet, viu os lençóis e travesseiros revirados, viu o local na parede onde Caleb havia sido jogado, onde sua própria cabeça tinha batido e se lembrou. Aquilo lhe trouxe as lembranças à mente e ela se sentiu tonta revivendo tudo. Parecia o cenário de um desastre.

Caitlin sentiu uma onda de determinação enquanto vasculhava o quarto. Ela procurou pela bagunça na mesa, sobre a cômoda – e então viu a bolsa de Scarlet pendurada em uma cadeira. Ela vasculhou por dentro, sentindo-se um pouco culpada e sentiu o celular dela. Ela o puxou para fora, vitoriosa.

“Você encontrou!” Polly gritou, se aproximando.

Caitlin viu que ainda havia um pouco de bateria. Ela abriu o celular, sentindo-se mal por espionar, mas sabia que precisava. Ela não sabia os telefones dos amigos de Scarlet e não havia outra maneira de entrar em contato com eles.

Ela selecionou os contatos de Scarlet e depois foi para os favoritos dela. Percorrendo as telas, viu dezenas de nomes. Alguns que ela reconhecia e outros que não.

“Nós deveríamos ligar para todos”, disse Polly. “Um por um. Talvez um deles saiba alguma coisa.”

Caitlin ficou lá parada, em transe, de repente, se sentindo muito exausta. Quando ela foi clicar no primeiro contato, ela percebeu o quanto suas mãos tremiam. Polly também notou isso; ela estendeu sua mão e a colocou no pulso de Caitlin, reconfortando-a.

Caitlin olhou para cima.

“Caitlin, querida, você ainda está em estado de choque. Deixe que eu ligo para todas essas pessoas por você. Por Favor. Isso é algo que eu posso fazer. Vá se sentar e descansar. Você passou por um inferno e já fez tudo o que podia.”

Quando Polly lhe disse isso, Caitlin viu que ela estava certa. Ela não estava realmente em seu juízo perfeito. Ela olhou para o celular e, por um momento, quase se esqueceu do que estava fazendo. Ela estendeu a mão e passou o telefone para Polly.

Caitlin se virou e saiu do quarto e, dentro de instantes, ela ouviu a voz de Polly ressoando pelo ar, já com alguém na linha.

"É a Heather?" Polly gritou. "Aqui é Polly Paine. Eu sou a tia de Scarlet Paine. Desculpe-me incomodá-la, mas estamos à procura de Scarlet. Você a viu?"

A voz de Polly lentamente desapareceu à medida que Caitlin a desceu os degraus. Ela segurava o corrimão enquanto passava pelos degraus, estava tonta, com a sensação de que o mundo pudesse escorregar por baixo dela.

Ela finalmente chegou à sala, caminhou até uma poltrona grande, estofada e se afundou nela. Ficou ali sentada, olhando para fora da janela, sua mente acelerada. Apesar de seus esforços, as imagens passaram por sua mente: Scarlet na cama, gritando; os grunhidos; ela arremessando Caleb; ela correndo para fora de casa ... Foi tudo real?

Enquanto relembrava essas coisas, ela não conseguia deixar de pensar em seu encontro com Aiden. De suas palavras, de seu diário. Foi seu diário que causou tudo isso? Por que ela tinha que ter ido àquele maldito sótão? Por que ela teve que visitá-lo? Se ela não o tivesse feito, se ela tivesse deixado tudo em paz, será tudo aquilo teria acontecido?

Ela pensou no aviso de Aiden, que Scarlet iria trazer o vampirismo de volta para o mundo.

*Você precisa pará-la.*

Caitlin ficou lá, se perguntando. O que será que Scarlet estaria fazendo lá fora, naquele instante? Será que ela estava se alimentando de pessoas? Será que ela estava transformando-as em vampiros? Ela estaria espalhando o vampirismo, naquele momento? Será que o mundo nunca mais seria o mesmo? E Caitlin era a responsável?

Caitlin sentiu vontade de pegar o telefone e ligar para Aiden. Discutir com ele. Exigir que ele lhe contasse tudo, cada detalhe.

Mas ela não conseguia. Ela estendeu a mão e, ao segurar o telefone, algo dentro dela parou. Ela lembrou as palavras finais de Aiden e isso lhe trouxe uma nova onda de náusea. Ela adorava Scarlet mais do que sua vida e jamais iria machucá-la.

Enquanto Caitlin estava sentada, segurando o telefone, olhando pela janela, ouvindo a voz abafada de Polly lá de cima, sua mente funcionava a todo vapor. Suas pálpebras ficaram pesadas. Antes que ela percebesse, ela caiu no sono.

\* \* \*

Caitlin acordou e se viu sentada sozinha em sua casa, grande e vazia. O mundo estava paralisado.

Ela ficou ali sentada, se perguntando onde estariam todos, depois se levantou e atravessou a sala. Curiosamente, todas as persianas e cortinas estavam bastante esticadas. Ela caminhou até uma das janelas e as puxou de volta. Quando ela olhou para fora, viu um sol cor vermelho-sangue – mas, desta vez, ele parecia diferente. Ele não parecia ser o pôr-do-sol, mas sim o nascer do sol. Ela estava confusa. Ela havia dormido a noite inteira? Scarlet tinha voltado para casa? E aonde foram todos?

Caitlin se dirigiu para a porta da frente. Por alguma razão, ela sentiu que talvez Scarlet estivesse lá, esperando por ela. Ela lentamente abriu a pesada porta, procurando por ela. Mas o mundo estava absolutamente imóvel. Não havia uma única pessoa nas ruas, nem mesmo um único carro à vista. Tudo o que podia ouvir era o som de um pássaro solitário cantando. Ela olhou para cima e viu que era um corvo.

Caitlin ouviu um barulho repentino e se virou para andar pela casa. Ela entrou na cozinha, à procura de sinais de alguém. Ela ouviu

outro barulho e se dirigiu até a janela contra a parede de trás. As cortinas estavam bem fechadas ali também, o que era estranho, porque Caitlin sempre as mantivera abertas. Ela estendeu a mão para as cortinas e puxou o cordão.

Assim que ela o fez, ela pulou para trás de susto. Do lado de fora da janela, estava o rosto pálido, branco de um vampiro contra o vidro, completamente careca, com presas. Ele rosnou e sibilou quando esticou suas mãos e as pousou contra o vidro. Caitlin podia ver suas unhas longas e amarelas.

Houve outro barulho repentino e Caitlin, ao se virar, viu o rosto de outro vampiro na janela lateral. Houve o som de vidro quebrando e ela se virou em outra direção e avistou mais uma face. Este esmagou a cabeça no vidro, zombando dela.

De repente, sua casa se encheu com o som de vidro se quebrando. Caitlin correu pela casa e, para onde quer que olhasse, as paredes estavam diferentes do que se lembrava. Agora, elas eram todas feitas de janelas de vidro e, por todos os lados, as cortinas estavam sendo puxadas e as janelas, quebradas pelos vampiros que enfiavam suas cabeças pelos vidros. Caitlin correu de sala em sala, até a porta da frente, tentando fugir, à medida que mais e mais janelas se estilhaçavam.

Ela chegou à porta da frente e a abriu – e, de repente, ficou paralisada. Ali, de frente para ela, com um olhar mortal estava Scarlet. Ela encarou Caitlin, parecia mais morta do que viva, completamente branca e com um olhar feroz, de quem quer matar. E o que era ainda mais assustador, atrás dela estava um exército de vampiros, milhares deles. Todos esperando para segui-la, para invadir a casa de Caitlin.

“Scarlet?”, Ela perguntou, ouvindo o medo em sua própria voz.

Mas, antes que ela pudesse reagir, Scarlet fez uma careta, inclinou-se para trás e se lançou sobre Caitlin, suas presas foram em direção

à sua garganta. Caitlin acordou gritando, ainda sentada na cadeira. Ela levou as mãos até sua garganta e a esfregou com uma, enquanto a outra mão tentava afastar Scarlet.

“Caitlin? Você está bem?”

Depois de alguns segundos, Caitlin se acalmou e olhou para cima, percebendo que não era Scarlet. Era Sam. A princípio, ela estava confusa. Depois, ela percebeu, com um tremendo alívio, que ela tinha dormindo. Foi apenas um pesadelo.

Caitlin ficou ali, respirando com dificuldade. De pé, perto dela, estava Sam, com uma mão em seu ombro, parecia preocupado, e Polly. As luzes estavam acesas, e ela viu que estava escuro lá fora.

Ela olhou para o relógio de seu avô e viu que era depois de meia-noite. Ela devia ter caído no sono na cadeira.

“Você está bem?”, Perguntou Sam novamente.

Agora Caitlin estava envergonhada. Sentou-se, limpando a testa.

“Desculpe acordá-la, mas parecia que você estava tendo um sonho ruim”, acrescentou Polly.

Caitlin lentamente se levantou e andou um pouco, tentando se livrar da visão terrível do sonho. Ele havia sido tão real, quase podia sentir a dor na garganta, onde ela havia sido mordida por sua própria filha.

Mas fora apenas um sonho. Ela precisava continuar dizendo a si mesma isso. Apenas um sonho.

“Onde está Caleb?”, Ela perguntou, se lembrando. “Você tem alguma notícia? Como foram as ligações?”

As expressões nos rostos de Polly e Sam lhe disseram tudo o que ela precisava saber.

“Caleb ainda está lá fora, procurando”, disse Sam. “Eu liguei para ele cerca de uma hora atrás. Está bem tarde. Mas nós queríamos lhe fazer companhia até ele chegar em casa.”

“Eu liguei para todos os amigos dela,” Polly entrou na conversa. “Um de cada vez. Consegui falar com a maioria deles. Ninguém viu ou ouviu nada. Estavam todos tão surpresos quanto nós. Eu até falei com Blake. Mas ele disse que não falou nenhuma vez com ela. Eu sinto muito.”

Caitlin esfregou o rosto, tentando se livrar das teias de aranha. Ela havia tido a esperança de acordar e descobrir que nada daquilo era real. Que Scarlet estava de volta em casa, em segurança. Que sua vida tinha voltado ao normal. Mas, ver Sam e Polly ali, em sua casa, depois da meia-noite, com rostos tão preocupados, lhe trouxe tudo de volta. Tudo fora real. Muito real. Scarlet estava desaparecida. E talvez não voltasse nunca mais.

Este pensamento atingiu Caitlin como uma faca. Ela mal podia respirar com esta ideia. Scarlet, sua única filha. A pessoa que ela mais amava no mundo. Ela não poderia imaginar a vida sem ela. Ela queria correr para fora, por todas as ruas, gritar e gritar contra a injustiça de tudo aquilo. Mas ela sabia que seria inútil. Ela só deveria se sentar ali e esperar.

De repente, houve um barulho na porta. Os três se levantaram, ansiosos. Caitlin correu para a entrada, torcendo para ver o rosto de sua filha adolescente. Mas seu coração parou ao ver que era apenas Caleb voltando para casa, estava com uma expressão séria no rosto. Esta visão fez seu coração apertar ainda mais. Ele claramente não teve sucesso.

Ela sabia que era inútil, mas, de qualquer maneira, perguntou:

“Achou alguma coisa?”

Caleb olhou para o chão, balançando a cabeça. Ele parecia um homem deprimido. Sam e Polly trocaram um olhar e, em seguida, se aproximaram de Caitlin e cada um lhe deu um abraço.

"Eu estarei de volta logo de manhã cedo", disse Polly. "Ligue se tiver alguma novidade. Mesmo que seja o meio da noite. Promete?"

Caitlin acenou de volta, muito atordoada para falar. Ela sentiu Polly abraçá-la, e a abraçou também, em seguida, abraçou seu irmão mais novo.

"Eu amo você, mana", disse ele sobre seu ombro. "Agente firme. Ela vai ficar bem."

Caitlin enxugou algumas lágrimas e viu Sam e Polly saírem pela porta.

Agora, era só ela e Caleb. Normalmente, ela ficaria feliz de ficar sozinha com ele, mas, depois da briga, ela estava nervosa. Caleb, ela podia ver, estava perdido em seu próprio mundo de tristeza e remorso; ela também percebeu que ele ainda estava bravo com ela por ter expressado suas teorias para a polícia.

Era demais para Caitlin para suportar. Ela percebeu que tinha expectativas demais em relação ao retorno de Caleb, um pingote de otimismo que ele iria chegar e anunciar algo, alguma boa notícia. Mas vê-lo voltar assim, sem nada, absolutamente nada, só lhe trouxe mais sentimentos ruins. Scarlet esteve fora o dia inteiro. Ninguém sabia onde ela estava. Era mais que meia-noite e ela não tinha voltado para casa. Ela sabia que isso era um mau sinal. Ela nem queria imaginar as possibilidades, mas sabia que era muito, muito ruim.

"Eu vou para a cama", Caleb disse, então se virou e foi subindo os degraus.

Caleb sempre lhe dizia "boa noite", sempre pedia que ela fosse para a cama com ele. Na verdade, Caitlin não conseguia lembrar-se de uma noite em que não tivessem ido dormir juntos. Agora, ele sequer lhe chamara.

Caitlin voltou para sua cadeira na sala de estar e se sentou ali, ouvindo as botas dele subindo as escadas, ouvindo a porta do quarto se fechando atrás dele. Era o som mais solitário que ela já havia escutado. Ela começou a soluçar, e chorou por tanto tempo que ela perdeu a conta. Eventualmente, ela se encolheu como uma bola e ficou chorando em uma almofada. Lembrava vagamente Ruth chegando perto dela, tentando lambe seu rosto; mas era tudo apenas um borrão porque, logo, seu corpo torturado por tantos soluços caiu em um sono profundo e irregular.

## **CAPÍTULO TRÊS**

Caitlin sentiu algo frio e úmido em rosto e abriu os olhos lentamente. Desorientada, ela olhou para sua sala de estar e depois para os lados; ela percebeu que tinha adormecido na poltrona. O quarto estava escuro e, pela tímida luz que vinha através das cortinas, ela percebeu que o dia estava apenas começando. O som da chuva torrencial batia contra o vidro.

Caitlin ouviu um gemido e sentiu algo molhado no rosto de novo, ao olhar para o lado, viu Ruth, de pé sobre ela, lambendo-a, chorando histericamente. Ela a cutucava com seu focinho molhado e frio e não parava.

Finalmente Caitlin sentou-se, percebendo que algo estava errado. Ruth não parava de choramingar, cada vez mais alto e, então, começou a latir para ela, ela nunca tinha a visto agir desta forma.

“O que foi, Ruth?”, perguntou Caitlin.

Ruth latiu novamente e, em seguida, se virou e saiu correndo da sala, em direção à porta da frente. Caitlin olhou para baixo e, sob a luz fraca, enxergou uma trilha de pegadas enlameadas em todo o carpete. Ruth deve ter saído, Caitlin percebeu. A porta da frente devia estar aberta. Caitlin se levantou com pressa, percebendo que Ruth estava tentando lhe dizer alguma coisa, levá-la para algum lugar.

Scarlet, ela pensou.

Ruth latiu novamente, e Caitlin sentiu que era isso. Ruth estava tentando levá-la a Scarlet. Caitlin correu para fora da sala, com o coração batendo. Ela não queria perder um segundo subindo as escadas para pegar Caleb. Ela atravessou a sala de estar pelo meio do salão e saiu pela porta da frente. *Onde Ruth poderia ter possivelmente encontrado Scarlet?* ela se perguntou. *Ela estava a salvo? Ela estava viva?*

Caitlin foi inundada com pânico quando irrompeu pela porta da frente, já entreaberta por Ruth, que tinha, de alguma forma, conseguido abri-la e saído na varanda da frente. O mundo estava tomando pelo som da chuva torrencial. Houve um trovão suave e retumbante e um clarão de relâmpago iluminando o céu e, sob a luz acinzentada, a chuva torrencial tocava o solo.

Caitlin parou no topo da escada, quando viu para onde Ruth estava indo. Ela foi tomada por terror. Outro relâmpago encheu o céu e, ali, diante dela, estava uma imagem que a traumatizou – uma que se fixou em seu cérebro, que ela nunca iria esquecer até o fim de sua vida.

Lá, deitada no gramado da frente, encolhida, inconsciente e nua, estava sua filha. Scarlet. Exposta na chuva. Dando voltas nela, latindo loucamente, Ruth olhava para Caitlin e depois para Scarlet.

Caitlin explodiu em ação: ela desceu os degraus tropeçando, gritando de medo e correu para sua filha. Sua mente irrompeu em um milhão de cenários sobre o que poderia ter acontecido com ela, onde ela poderia ter ido, como ela poderia ter retornado. Se ela estava bem. Viva. Os piores cenários possíveis passaram por sua cabeça ao mesmo tempo, enquanto Caitlin corria pela grama enlameada, escorregando e deslizando.

“SCARLET!” Caitlin gritou e outro trovão se uniu ao barulho.

Era o lamento de uma mãe fora de si com aquela dor, o lamento de uma mãe que não conseguia parar de chorar histericamente enquanto corria para Scarlet, então se ajoelhou ao lado dela, a pegou em seus braços e pediu a Deus com tudo o que tinha para que sua filha ainda estivesse viva.

## **CAPÍTULO QUATRO**

Caitlin sentou ao lado de Caleb no quarto completamente branco do hospital, observando Scarlet dormindo. Os dois se sentaram em cadeiras separadas, a poucos metros de distância um do outro, cada um perdido em seus próprios pensamentos. Ambos estavam tão emocionalmente esgotados, com tanto medo, que eles não tinham nenhuma energia para falar com o outro. Em todos os outros momentos difíceis do casamento, eles sempre haviam encontrado consolo um no outro; mas desta vez era diferente. Os

incidentes do último dia tinham sido dramáticos demais, muito aterrorizantes.

Caitlin ainda estava em choque; e ela sabia que Caleb também. Cada um precisava processar tudo da sua própria maneira.

Sentaram-se em silêncio, observando o sono de Scarlet, o único barulho no quarto era o bipe das várias máquinas. Caitlin estava com medo de tirar os olhos de sua filha, temia que, se ela desviasse o olhar, ela a perderia novamente. O relógio sobre a cabeça de Scarlet marcava 08:00, Caitlin percebeu que ela estava sentada lá há três horas observando-a, desde que eles a admitiram no hospital. Scarlet não tinha acordado nenhuma vez desde que chegara.

As enfermeiras os tranquilizaram várias vezes de que todos os sinais vitais de Scarlet estavam normais, que ela estava apenas em um sono profundo, e que não havia nada para se preocupar. Por um lado, Caitlin estava muito aliviada; mas, por outro, ela realmente não acreditaria nisso até que ela visse por si mesma, até que visse Scarlet acordada, com os olhos abertos, a mesma Scarlet de sempre que ela conhecia – feliz e saudável.

Caitlin repassou em sua mente, mais de uma vez, os acontecimentos das últimas 24 horas. Mas não importava o quanto ela analisasse, nada fazia sentido – a não ser que ela pensasse na mesma conclusão: que Aiden estava certo. Seu diário era real. Que sua filha era um vampiro. Que ela, Caitlin também havia sido um. Que ela tinha viajado de volta no tempo, tinha encontrado o antídoto e tinha escolhido voltar ali, naquela época e local, para viver uma vida normal. Scarlet era o único vampiro remanescente na Terra.

O pensamento aterrorizava Caitlin. Ela era extremamente protetora de Scarlet e determinou que nada de ruim aconteceria a ela; no entanto, ao mesmo tempo, ela também sentia uma grande responsabilidade para com a humanidade, sentia que, se

tudo isso fosse verdade, ela não podia permitir que Scarlet espalhasse aquilo, que recriasse a raça dos vampiros mais uma vez. Ela mal sabia o que fazer, ela não sabia o que pensar, nem no que acreditar. O seu próprio marido não acreditava nela e ela não conseguia culpá-lo. Ela mesma mal acreditava.

“Mãe?”

Caitlin se endireitou quando viu os olhos de Scarlet se abrirem. Ela pulou da cadeira e correu para seu lado, assim como Caleb. Os dois pairavam sobre Scarlet quando ela abriu lentamente seus grandes e belos olhos, iluminados pelo sol da manhã que entrava pela janela.

“Scarlet? Querida?”, perguntou Caitlin. “Você está bem?”

Scarlet bocejou e esfregou os olhos com as costas das mãos, em seguida, virou lentamente suas costas, piscando, desorientada.

“Onde estou?”, ela perguntou.

Caitlin foi inundada com alívio ao ouvir o som de sua voz; ela soava e parecia com a mesma Scarlet de sempre. Havia força em sua voz, força em seus movimentos, em suas expressões faciais. Na verdade, para a surpresa de Caitlin, Scarlet parecia completamente normal, como se ela tivesse apenas casualmente despertado após uma longa noite de sono.

“Scarlet, você se lembra de algo sobre o que aconteceu?”, perguntou Caitlin.

Scarlet se virou e olhou para ela, então lentamente se apoiou em um cotovelo, sentando-se parcialmente.

“Estou em um hospital?”, Ela perguntou, surpresa. Ela examinou o quarto, percebendo que sim. “Ai meu Deus. O que estou fazendo aqui? Eu fiquei muito doente?”

Caitlin sentiu uma sensação ainda maior de alívio em suas palavras – e em seus movimentos. Ela estava sentada. Ela estava alerta. Sua voz estava completamente normal. Seus olhos estavam brilhantes. Era difícil de acreditar que nada de anormal tivesse acontecido.

Caitlin pensou em como responder, quanto contar a ela. Ela não queria assustá-la.

“Sim, querida,” Caleb interrompeu. “Você estava doente. A enfermeira lhe mandou voltar da escola e nós a levamos para o hospital esta manhã. Você não se lembra de nada disso?”

“Lembro-me de ser enviada para casa da escola... de estar na cama, no meu quarto... depois...” Ela franziu a testa, como se estivesse tentando se lembrar. “...Isso é tudo. O que eu tinha? Febre? Tanto faz. Eu me sinto bem agora.”

Caleb e Caitlin ambos trocaram um olhar confuso. Claramente, Scarlet parecia normal e não se lembrava de nada.

*Devemos dizer a ela?* Caitlin se perguntou.

Ela não queria aterrorizá-la. Mas, ao mesmo tempo, ela sentiu que ela precisava saber, precisava saber alguma parte sobre o que aconteceu com ela. Ela podia sentir que Caleb estava pensando a mesma coisa.

“Scarlet, querida”, Caitlin começou a falar, baixinho, tentando pensar nas melhores palavras, “quando você estava doente, você pulou da cama e correu para fora da casa. Você se lembra disso?”

Scarlet olhou para ela, com os olhos arregalados de surpresa.

“Sério?”, perguntou ela. “Corri para fora da casa? O que você quer dizer? Como, sonambulismo? Até onde eu fui?”

Caitlin e Caleb trocaram um olhar.

“Você realmente correu muito longe”, disse Caitlin. “Nós não conseguimos encontrá-la por um tempo. Nós chamamos a polícia e ligamos para alguns de seus amigos...”

“Sério?”, perguntou Scarlet, sentando-se direito e corando. “Você ligou para os meus amigos? Por quê? Isso é tão embaraçoso. Como você conseguiu os números deles?” Então ela percebeu. “Será que você invadiu meu celular? Como você pôde fazer isso?” Ela recostou-se na cama, suspirando, olhando para o teto, exasperada. “Isto é tão humilhante. Eu nunca vou conseguir passar por isso. Como é que eu vou enfrentar todos? Agora eles vão pensar que eu sou algum tipo de aberração ou algo assim.”

“Querida, eu sinto muito, mas você estava doente e não conseguimos encontrá-la...”

De repente, a porta do quarto se abriu e entrou um homem que era claramente o médico, exibindo autoridade, ladeado por dois residentes, cada um segurando pranchetas. Eles caminharam direto para a área na base da cama de Scarlet e leram o prontuário.

Caitlin estava feliz pela interrupção, por desarmar a briga.

Uma enfermeira os seguiu e caminhou até Scarlet, então levantou sua cama de hospital para uma posição sentada. Ela envolveu seu bíceps e leu sua pressão arterial, depois inseriu um termostato digital em seu ouvido e leu o resultado para os médicos.

“Normal”, ela anunciou ao médico, enquanto ele lia a prancheta, concordando com a cabeça. “A mesma de quando ela chegou aqui. Nós não encontramos nada de errado com ela.”

“Eu me sinto bem,” Scarlet entrou na conversa. “Sei que eu estava doente ontem, eu acho que eu estava com febre ou qualquer outra coisa. Mas estou bem agora. Na verdade, eu realmente gostaria de ir para a escola. Eu tenho um monte de provas hoje. E alguns

controles de danos para fazer.” acrescentou ela, olhando com raiva para seus pais. “E eu estou com fome. Posso ir agora?”

Caitlin estava preocupado com a reação de Scarlet, sua insistência em tentar apenas deixar tudo aquilo para lá e voltar à vida normal. Ela olhou para Caleb, esperando que ele pensasse o mesmo, mas ela sentia que ele também tinha o desejo de esquecer tudo o que acontecera e de voltar à normalidade. Ele parecia aliviado.

“Scarlet”, o médico começou. “Está tudo bem se eu examiná-la e fazer algumas perguntas?”

“Claro.”

Ele entregou sua prancheta para um de seus residentes, tirou o estetoscópio, colocou-o no peito dela e auscultou. Ele, então, colocou os dedos em vários pontos no seu estômago, em seguida, estendeu a mão e tomou-lhe os pulsos e os braços e os dobrou em várias direções. Ele sentiu seus gânglios linfáticos, sua garganta e os pontos de pressão por trás de seus cotovelos e joelhos.

“Disseram que foram enviadas para casa da escola ontem com uma febre”, ele contou. “Como você se sente agora?”

“Eu me sinto ótimo”, respondeu ela, prontamente.

“Você pode me descrever como você estava sentindo ontem?”, ele pressionou.

Scarlet franziu as sobrancelhas.

“Está um pouco nebuloso, para ser honesta”, disse ela. “Eu estava na aula e então comecei a me sentir muito mal. Minha cabeça doía e a luz feria meus olhos, eu me senti com muita dor... Lembro-me de estar sentindo muito frio quando cheguei em casa... Mas fora isso, é tudo um borrão.”

“Você tem alguma memória de ontem, de tudo o que aconteceu depois que você ficou doente?” Perguntou.

“Eu estava conversando sobre isso agora mesmo com meus pais, eu não lembro. Sinto muito. Eles disseram que eu estava com sonambulismo ou algo assim. Mas eu não me lembro. De qualquer forma, eu realmente gostaria de voltar para a aula.”

O médico sorriu.

“Você é uma menina jovem, forte e corajosa, Scarlet. Admiro a sua ética de trabalho. Gostaria que todos os adolescentes fossem iguais a você”, disse ele com uma piscadela. “Se você não se importa, eu gostaria de conversar com seus pais por alguns minutos. E sim, não vejo nenhuma razão para que você não possa voltar para a escola. Eu vou falar com as enfermeiras e vamos começar a papelada para liberá-la.”

“Sim!”, comemorou Scarlet, cerrando seus pulsos de animação enquanto se sentava, seus olhos brilhavam.

O médico se virou para Caitlin e Caleb.

“Posso falar com vocês dois em particular?”

## **CAPÍTULO CINCO**

Caitlin e Caleb seguiram o médico pelo corredor até o seu escritório grande e bem-iluminado, o sol da manhã entrava pelas janelas.

“Por favor, sentem-se”, disse ele com sua voz reconfortante e autoritária, apontando para as duas cadeiras na frente de sua mesa, após fechar a porta atrás deles.

Caitlin e Caleb se sentaram e o médico deu a volta na mesa, segurando seu arquivo e depois se sentou do outro lado de sua mesa. Ele ajustou os óculos na ponta do nariz, olhando para algumas notas e, em seguida, tirou os óculos, fechou a pasta e empurrou-a para o lado. Ele cruzou as mãos e se descansou em seu estômago, inclinando-se ligeiramente para trás em sua cadeira enquanto estudava os dois. Caitlin sentia-se tranquilizada em sua presença, sentia que ele era bom no que fazia. Ela também gostou de como ele tinha gentil com Scarlet.

“Sua filha está bem”, começou ele. “Ela está absolutamente normal. Seus sinais vitais estão normais e estão assim desde que ela chegou, ela não mostra nenhum sinal de ter tido alguma convulsão ou qualquer distúrbio epiléptico. Ela também não mostra sinais de problemas neurológicos. Dado o fato de que vocês a encontraram despida, nós também a examinamos para detectar quaisquer sinais de atividade sexual – e não encontramos absolutamente nada. Também fizemos uma série de exames de sangue, os quais voltaram negativo. Vocês podem ficar tranquilos: não há absolutamente nada de errado com sua filha.”

Caleb suspirou de alívio.

“Obrigado, doutor”, disse ele. “Você não sabe o quanto significa para nós ouvir isso.”

Mas, por dentro, Caitlin ainda estava tremendo. Ela ainda não estava com uma sensação de paz. Se o médico lhe tivesse dito que, na verdade, Scarlet tinha alguma condição médica, ela teria, paradoxalmente, se sentido muito melhor, com uma sensação de tranquilidade: assim, pelo menos, ela saberia exatamente o que

havia de errado com ela e poderia se livrar dos pensamentos sobre vampirismo.

Mas ouvir aquilo, que não havia nada de errado com a saúde dela, apenas aprofundou a sensação de medo de Caitlin.

“Então como você explica o que aconteceu?” Caitlin perguntou o médico, com a voz trêmula.

Ele se virou e olhou para ela.

“Por favor, diga-me: o que exatamente aconteceu?”, perguntou. “Eu só sei o que o arquivo diz: que ela estava com febre ontem à tarde, que foi enviada para casa da escola, que ela correu para fora da casa e que foi encontrada em seu gramado nesta manhã. É tudo verdade?”

“Há mais do que isso”, Caitlin falou bruscamente, determinada a ser ouvida. “Ela não só correu de casa. Ela...” Caitlin fez uma pausa, tentando descobrir como colocar em palavras. “Ela... se transformou. Seu nível de força.. é difícil de explicar. Meu marido tentou impedi-la e ela o jogou do outro lado do quarto. Ela me arremessou também. E sua velocidade: nós a perseguimos e não conseguimos alcançá-la. Não foi uma ‘corrida para fora de casa’ comum. Alguma coisa aconteceu a ela. Algo físico.”

O médico suspirou.

“Sei que isso deve ter sido muito assustador para você”, disse ele, “como seria para qualquer pai. Mas posso garantir a vocês mais uma vez que não há nada de errado com ela. Encontramos episódios como este ao longo do tempo, especialmente entre adolescentes. Na verdade, existe um diagnóstico milenar para isto: Síndrome de Conversão. Anteriormente conhecida como ‘histeria’. Episódios assim podem sobrecarregar o paciente, eles podem experimentar uma onda de força e fazer coisas fora de si. O estado pode durar várias horas e, depois, muitas vezes eles retornam ao normal. É

especialmente prevalente entre adolescentes do sexo feminino. Ninguém sabe a causa exata embora, geralmente, seja causado por um agente estressor. Scarlet teve alguma situação de estresse nos dias que antecederam o evento? Alguma coisa diferente? Qualquer coisa?”

Caitlin balançou lentamente a cabeça, ainda não conseguindo acreditar.

“Tudo estava perfeito em sua vida. A noite anterior fora seu décimo sexto aniversário. Ela nos apresentou seu novo namorado. Ela estava tão feliz quanto poderia estar. Não tinha nenhum estresse.”

O médico sorriu de volta.

“Isto é, ela não apresentou nenhum estresse que você pudesse ver – ou ela escolheu não revelar. Mas eu acho que você respondeu a sua própria pergunta: você disse que ela apresentou seu novo namorado. Você não acha que isso poderia ser estressante, aos olhos de um adolescente? A aprovação dos pais? Isso certamente poderia trazer à tona quaisquer estressores latentes. Para não falar que ela completou 16 anos. O colegial, a pressão dos amigos, as provas, vestibulares à vista... Há um grande número de potenciais fatores de estresse. Às vezes a gente nem sempre sabe o que pode ser. Talvez nem mesmo Scarlet saiba. Mas o importante é que não há nada com que se preocupar aqui.”

“Doutor”, Caitlin insistiu, com mais firmeza, “este não é apenas um ataque de histeria, ou seja o que for que você está chamando. Eu estou dizendo a você, alguma coisa aconteceu naquele quarto. Algo... sobrenatural.”

O médico olhou com firmeza e por um bom tempo para ela, arregalando os olhos.

Caleb interrompeu, inclinando-se para frente.

“Desculpe-me, doutor, minha esposa tem estado sob muito estresse ultimamente, como você pode perceber.”

“Eu não estou sob estresse”, Caitlin retrucou, soando muito nervosa e contrariando suas próprias palavras. “Eu sei o que vi. Doutor, eu preciso que você ajude minha filha. Ela não está normal. Algo aconteceu a ela. Ela está mudando. Por Favor. Deve haver alguma coisa que você possa fazer. Algum lugar para ela ser levada.”

O médico olhou para Caitlin, parecendo atordoado, por pelo menos dez segundos. Um silêncio pesado pairava no ar.

“Senhora Paine, ” ele começou lentamente, “com todo o respeito, eu trabalho na profissão médica. E medicamente, não há absolutamente nada de errado com sua filha. Na verdade, eu recomendo firmemente que ela volte para a escola hoje e deixe todo este incidente para trás assim que puder. E, quanto as suas ideias... Eu não quero ser arrogante, mas posso perguntar: atualmente, você já procurou alguém?”

Caitlin olhou para ele fixamente, tentando entender o que ele quis dizer.

“Atualmente, você está fazendo terapia, Sra. Paine?”

Caitlin corou, finalmente percebendo que ele estava dizendo. Ele pensava que ela estava louca.

“Não”, ela respondeu sem rodeios.

Ele balançou a cabeça lentamente.

“Bem, eu sei hoje o assunto é sua filha e não você. Mas quando as coisas se acalmarem, se me permitem, eu sugiro que você falar com alguém. Ele pode ajudar.”

Ele estendeu a mão, pegou um bloco e começou a rabiscar.

“Estou lhe dando o nome de um psiquiatra bem conceituado. O Dr. Halsted, um colega meu. Por favor, procure-o. Todos nós passamos por momentos de estresse na vida. Ele pode ajudar.”

Em seguida, o médico se levantou de repente e estendeu o papel para Caitlin. Ela e Caleb também ficaram em pé, mas enquanto ela esteve lá parada, olhando para o papel, ela não conseguia pegá-lo. Ela não estava louca. Ela sabia o que vira.

E ela não ia aceitar o papel.

O médico continuou segurando o papel por um bom tempo, sem jeito, com a mão trêmula, até que, finalmente, Caleb estendeu a mão e o pegou.

“Obrigado, doutor. E obrigado por ajudar minha filha.”

## **CAPÍTULO SEIS**

Caitlin e Caleb caminharam pelo corredor do hospital juntos, em direção à área de espera.

Scarlet precisava de alguns minutos para recolher suas coisas e se vestir e eles queriam lhe dar privacidade. Caitlin não podia acreditar o quão cedo ela estava sendo liberada: eles estariam lá fora antes das 09:00. Caitlin realmente queria que ela ficasse em casa e descansasse, mas Scarlet insistiu em ir para a escola no mesmo dia.

Tudo parecia surreal. Apenas algumas horas atrás Caitlin tinha sido acordada por Ruth, depois se perguntou se sua filha estava viva ou morta. Agora, às 9 da manhã, ela estava aparentemente bem e já ia

à escola. Caitlin sabia que deveria estar emocionada pelo retorno da situação à normalidade. Mas nada parecia normal para ela. Por dentro, ela estava tremenda, sentindo que coisas muito piores poderiam estar a caminho.

Enquanto caminhavam para o átrio do hospital, que era uma grande sala de espera de vidro, com tetos altos, enormes brotos de bambu, a luz solar entrava através do vidro e havia uma grande fonte borbulhante em seu centro, Caleb parecia estar o mais feliz possível. Ela podia sentir que ele estava determinado a deixar tudo aquilo para trás, insistir que as coisas vão voltar ao normal. Isto a incomodava. Era como se ele estivesse fingindo que nada de anormal tivesse acontecido.

“Então é isso?”, Ela perguntou, enquanto atravessavam a sala enorme, vazia, seus passos ecoavam no chão de mármore. “Nós vamos deixar Scarlet na escola e fingir que nada aconteceu?”

Caitlin não queria começar uma briga, mas ela não conseguia evitar. Ela não podia simplesmente deixar tudo aquilo como estava.

“O que mais podemos fazer?”, perguntou. “Ela disse que está bem. O médico disse que ela está bem. As enfermeiras disseram que ela está bem. Todos os testes mostram que ela está bem. Ela não quer voltar para casa. E eu não a culpo. Por que ela deveria ficar sozinha em seu quarto o dia inteiro, deitada na cama, quando ela quer ir para a escola?”

“E, francamente,” ele acrescentou, “Eu acho que é uma boa ideia. Eu acho que ela deveria seguir com sua vida. Acho que *todos* nós deveríamos”, continuou, olhando para Caitlin com estranhamento, como se estivesse lhe dando uma mensagem. “Foi um dia e noite horríveis, sem saber onde ela estava, ou até mesmo o que realmente tinha acontecido. Mas ela está de volta para nós. Isso é tudo o que importa. Isso é tudo o que me interessa. Eu quero deixar isso pra trás e seguir em frente. Eu não quero pensar nisso. E

também não acho que seja bom para a Scarlet. Não quero que ela adquira algum tipo complexo, que comece a ficar preocupada, se ela está bem. Estou tão grato que ela tenha voltado para nós, que ela está segura e saudável. Isso é tudo o que importa, não é?”

Quando ele parou e se virou para ela, a luz da manhã iluminou seus grandes olhos castanhos; neles, Caitlin viu esperança, desespero e um pedido para ela falar que tudo estava bem outra vez, que eles iriam deixar tudo aquilo para trás.

Mais do que tudo, Caitlin queria falar isso. Quando ela olhou para aqueles olhos, ela só queria que eles fossem felizes. Ela realmente não queria discutir. Mas, por mais que ela quisesse empurrar tudo para debaixo do tapete, ela não podia. A vida de sua filha, sua saúde – seu futuro – estavam em jogo. Assim como o futuro da humanidade. Por mais desagradável que pudesse ser, ela sentiu que precisava chegar ao fundo da questão.

“Eu não acho que ela devesse voltar tão rápido para a escola, independentemente do que ela diz, ou do que o médico diz”, disse Caitlin, ouvindo a determinação em sua própria voz, enquanto tentava manter a calma. “Acho que ela precisa de mais exames. Este médico é uma parte do estabelecimento. Talvez ela precise ver um médico alternativo. Um especialista.”

“Que tipo de especialista?” Caleb retrucou. “Que tipo de exame?”

Caitlin deu de ombros. Ela gostaria de saber. Gostaria que houvesse alguém que pudesse lhe dar as respostas que ela queria, alguém que pudesse provar a ela que ela não era louca. Quando Caleb olhou para ela, ela podia ver em seus olhos que ele, também, pensava que ela estava perdendo a razão.

“Eu não sei, exatamente”, disse Caitlin. “Eu não sou uma especialista. Mas deve haver pessoas que o são.”

“Um especialista em quê?”, ele pressionou, impaciente.

Caitlin estava começando a ficar chateada quando voltou a encará-lo.

“Como você pode simplesmente ficar aí e fingir que nada aconteceu naquele quarto? Você pode dizer aos policiais e ao médico, o que quiser, mas entre você e eu, entre nós dois, você sabe o que aconteceu. Você sabe o que viu.”

Caleb se virou, impaciente.

“Eu não sei do que você está falando”, disse ele.

“Ah você sabe sim”, disse Caitlin. “Você viu o que aconteceu com a nossa filha. Você ouviu seu grunhido. Ela o arremessou do outro lado do quarto – e ainda há a parede para provar!”

“Então, o que!?” ele retrucou, estressado.

“Como você explica isso?”

“Você ouviu o médico. Síndrome de conversão. As pessoas ficam alteradas. Elas podem fazer qualquer coisa. É como um ataque de histeria, como ele disse. Você ouviu histórias de picos de adrenalina, do que as pessoas são capazes de fazer. Não significa nada. Não prova nada.”

“Aquilo não foi nenhuma descarga de adrenalina! Não era Síndrome de conversão!” Caitlin atirou de volta, levantando a voz.

“Ela teve uma febre alta. Ela estava em um estado alterado. Era como uma forma de sonambulismo”, ele defendeu.

“Aquilo *não* foi sonambulismo!”

“Não importa como você chame. Por que insiste nisso? Não há *nada* de errado com a nossa filha!” Caleb gritou de volta,

levantando a voz em vários decibéis. Sua voz ecoou na grande sala vazia e as poucas pessoas que estavam nos cantos se viraram.

Caitlin os viu olhando, assim como Caleb e ambos se viraram e olharam para outro lado, envergonhados.

“Eu gostaria de poder acreditar nisso”, disse Caitlin, baixinho. “Eu realmente queria. Ela pode estar bem agora. Mas ela não está bem. Ela precisa de ajuda. E eu vou encontrar para ela. Não importa o que você diga, nem o que ela diga.”

“Ajuda para quê?” Caleb retorquiu. “Para que exatamente você acha que ela precisa de ajuda?”

“Você sabe para que. Você sabe o que eu disse. Você pode optar por não acreditar, mas você sabe que é verdade.”

Ela viu hesitação nos olhos de Caleb, mas, ainda assim, ele pressionou a pergunta.

*"O que é verdade?"*

Finalmente, Caitlin perdeu a paciência.

**“NOSSA FILHA É UM VAMPIRO!”**

O grito de Caitlin alcançou o teto de vidro, ecoou por toda a sala e cada pessoa se virou para olhar para ela.

Caleb retornou o olhar de todos e, em seguida, abaixou a cabeça, envergonhado. Finalmente, ele se aproximou e olhou para Caitlin, direto nos olhos. Ela ficou ali, tremendo, presa ao chão, sem saber o que fazer, o que sentir.

Lentamente, com desaprovação, ele balançou a cabeça.

“O médico estava certo”, disse ele. “Você precisa de ajuda.”

\* \* \*

Caitlin, em transe, dirigia lentamente e Scarlet estava no banco de passageiro, em direção à escola. Caleb tinha saído para o trabalho, deixando Caitlin para levá-la, ela e Scarlet estavam no carro em silêncio durante os últimos minutos, Caitlin observava a estrada, tentando processar tudo o que acontecera, enquanto Scarlet, sentada no banco da frente, estava colada no seu celular, enviando mensagens de texto para vários de seus amigos.

“Maior controle de danos, mãe”, disse ela. “Gostaria tanto que você não tivesse ligado para todos os meus amigos”, ela suspirou.

Caitlin não sabia o quê responder.

Scarlet verificou seu telefone novamente.

“Eu ainda posso pegar a segunda aula”, disse ela. “Perfeito. Eu não terei meu primeiro teste até quarta. Eu vou ficar à tarde hoje, não se esqueça... tenho futebol”, disse ela, com pressa, enquanto Caitlin parava diante do portão principal da escola.

Scarlet se inclinou e beijou Caitlin no rosto, depois de abrir a porta.

“Não se preocupe comigo. Eu estou bem. Sério. Seja lá o que acontecera, não foi grande coisa. Amo você”, disse ela, rápido, saltando para fora antes que Caitlin pudesse responder e saiu correndo pelos degraus até a porta da frente da escola.

Caitlin a assistiu ir com uma sensação de vazio no peito. Ela se sentiu tão triste, tão indefesa, tão apavorada. Lá se foi Scarlet, sua única filha, a pessoa que ela mais amava no mundo. Ela queria protegê-la. E proteger os outros.

Ela observou-a ir, sozinha, pelos degraus da escola vazia, e queria mais do que nunca acreditar que as coisas estavam normais. Mas, no fundo, ela sabia que não estavam. Quando Scarlet fechou

as portas atrás dela, entrou naquele edifício repleto de milhares de crianças, Caitlin não podia deixar de se perguntar: aquelas outras crianças ficariam lá presas com ela? Quanto tempo levaria até que a praga do vampirismo se propagasse?

## CAPÍTULO SETE

Scarlet correu pela ampla praça de pedra até os lances de escadas das portas da frente de sua escola. Enquanto isso, ela apertou sua leve jaqueta de outono em seu corpo. Ela gostaria de ter pegado algo mais quente para usar; apenas alguns dias atrás estavam uns 20°C, mas, agora, parecia uns 10°C. Outubro estava muito imprevisível, ela pensou. Especialmente agora, no final, apenas alguns dias antes do Halloween. Ela fez uma nota mental para que, assim que chegasse em casa, ela deveria ir até o porão e mudar seu guarda-roupa de verão para um de outono.

Scarlet olhou por cima de seu ombro ao agarrar as portas da frente, esperando que sua mãe tivesse ido embora. Era tão embaraçoso, ela sentada ali assim, olhando para ela, como se ela ainda estivesse na segunda série. Ela encolheu-se quando viu sua mãe ainda a observando. Ela esperava que não houvesse outros estudantes assistindo, especialmente tendo em conta que a escola estava vazia, todos já em sala de aula. Parecia muito evidente.

Ela realmente não culpava sua mãe por observá-la daquele jeito, e sentiasse mal por tê-la assustado – mas, ao mesmo tempo, ela só queria deixar aquilo no passado. Sua mãe se preocupava demais, ela só queria que ela percebesse que ela estava bem, que ela sempre esteve bem. Que mesmo que ela tendo apenas 16 anos, agora, ela

era quase uma mulher adulta, independente e capaz de cuidar de si mesma.

Scarlet disparou pelas portas da frente e correu pelo corredor, seus passos ecoando, seus tênis faziam barulho pelo chão brilhante e polido. Seu coração disparou quando ela olhou para seu relógio e percebeu que a segunda aula estava quase no fim. Ela estava tão envergonhada: parecia que teria que entrar na classe com apenas alguns minutos faltando para acabar; ela já podia sentir os olhares.

Mas ela não tinha muita escolha. Não poderia exatamente ficar do lado de fora, esperando no corredor, especialmente com os monitores patrulhando. E ela queria, pelo menos, aparecer e talvez pegar a lição de casa para a noite.

Quando ela correu pelo corredor, ela se perguntou mais uma vez sobre o que exatamente tinha acontecido no dia anterior. É realmente tinha se assustado com o que seus pais tinham lhe contado, que ela tinha saído de casa; ela não conseguia se lembrar de nada disso. Ela fez cara de corajosa para todos, dizendo que estava bem – e ela estava mesmo se sentindo bem. Mas por dentro, ela estava apavorada. Estava tão nervosa por não ter nenhuma lembrança do ocorrido, para onde ela poderia ter ido. Era aterrorizante também acordar no hospital daquele jeito. Aquilo realmente a abalou. Ela não conseguia deixar de ficar obcecada com o buraco negro em sua consciência, sobre o local onde ela foi, o que ela poderia ter feito, por que eles não conseguiram encontrá-la por tanto tempo. Será que ela tinha feito alguma coisa estúpida? Será que tinha visto algum de seus amigos? Será que tinha visto Blake? Por que ela não conseguia se lembrar?

Scarlet sentiu o rosto corar quando, de repente, ela se lembrou do que sua mãe tinha dito: que eles tinham ligado para a polícia e, pior ainda, que tinha ligado para seus amigos. Que pesadelo. Com quem é que eles conseguiram conversar? O que eles falaram? E como é que ela enfrentaria todos? O que os seus amigos pensavam? E como

é que ela explicaria para todo mundo? Ela nem sequer realmente entendia o que ela tinha acontecido com ela.

Este dia não seria fácil, ela percebera, enquanto se aproximava da porta da sala de aula. Haveria um monte de questionamentos e ela não tinha nenhuma resposta.

Scarlet finalmente chegou ao fim do que parecia ser o corredor mais longo da escola, chegou à última porta e pegou a maçaneta. Ela se preparou e respirou fundo, apertando seus livros em uma mão e a abriu.

“O algoritmo para um triângulo que não exce...”

Seu professor de matemática parou de escrever no quadro-negro e se virou para olhar para ela. Cada estudante na classe também. Havia cerca de 30 alunos ali, a aula mais chata de matemática que Scarlet já teve e, por sorte, ela não era amiga da maioria deles. Mas havia algumas meninas na parte de trás que ela tinha amizade, incluindo sua melhor amiga, Maria. Scarlet ficou aliviada ao ver que Maria tinha mantido seu assento aberta para ela. Maria era como uma irmã, a irmã que ela nunca teve; elas se conheciam desde a infância e raramente estavam separadas. Hispânica, com longos cabelos castanhos encaracolados e olhos escuros, Maria sempre se pareceu um pouco, na opinião de Scarlet, como uma jovem Jennifer Lopez. Ela estava sempre presente para Scarlet quando ela precisava dela e Scarlet também.

Mas também no fundo da sala, Scarlet havia notado com medo, estavam duas meninas populares e chatas, incluindo sua arqui-inimiga, Vivian. Scarlet se dava bem com quase todos – com uma exceção. Vivian. Um metro e oitenta, com o cabelo perfeitamente liso e loiro, olhos azuis e malvados e um queixo e nariz perfeito, Vivian desfilava pela escola como se fosse sua dona. Um ano mais velha do que Scarlet, 17, era uma das meninas mais velhas da turma, ela desprezava todos. Sempre usava algum tipo de

blusa de seda, com um pequeno colar de pérolas verdadeiras, brilhando. Ela usava brincos de pérola para combinar e sempre estava com as unhas bem cuidadas com algum tom de rosa. Na mesma medida em que era bonita do lado de fora, ela também era feia por dentro: nunca perdia uma única oportunidade de humilhar alguém, tirar sarro ou tirar proveito de qualquer momento de fraqueza.

Quando Scarlet deu mais um passo dentro da sala, Vivian soltou uma alta risadinha maliciosa. Essa risadinha estimulou vários outros a rirem com ela, principalmente o seu pequeno grupo de amigos metidos. Ela fez aquela situação ruim para Scarlet se tornar ainda pior.

“Desculpe o atraso”, disse Scarlet para o professor, que ainda estava olhando para ela com surpresa.

“Você está mais do que atrasada”, ele retrucou. “A aula está quase no fim. Eu não posso marcá-la como atrasado – terei que marcá-la como ausente.”

“Tudo bem,” Scarlet respondeu para ele e, em seguida, se virou e foi para o corredor, para tomar o lugar vazio ao lado de Maria. Odiava este professor de matemática. Ele era tão mau quanto era chato. Às vezes, ela se perguntava se ele e Vivian eram primos distantes.

Matemática era sua matéria menos favorita de qualquer maneira. Ela gostava de estudar bastante, mas se ela não estava interessada, ela achava muito difícil encontrar motivação. Sua aula favorita, de longe, era Inglês. Ela gostava de ler e, ultimamente, estava achando que ela gostava muito de escrever, também. E seu professor de Inglês, o Sr. Sparrow, era tão bom para ela como poderia ser. O completo oposto daquele idiota de matemática.

O professor pigarreou alto, chamando atenção.

“Como eu estava *dizendo*”, ele retrucou: “quando você está lidando com um triângulo, a equação entre...”

“O que aconteceu?”, sussurrou Maria, assim que Scarlet sentou em seu lugar.

Scarlet olhou ao redor, esperando para que todos parassem de olhar para ela. Finalmente, todos eles voltaram aos seus cadernos. Todos, é claro, exceto Vivian: ela olhou para Scarlet, abriu um sorriso condescendente em seu rosto, tão frio como gelo. Vivian então se inclinou e sussurrou no ouvido de uma amiga, que levou a mão à boca e deu uma risadinha. Scarlet só poderia imaginar o que ela tinha dito.

“Nada”, Scarlet sussurrou de volta para Maria. Scarlet odiava esconder dela, mas ela realmente não queria falar sobre isso, especialmente não ali, com o professor esperando para atacar.

Scarlet, de repente, sentiu uma vibração em seu bolso. Ela olhou para baixo, olhou em volta para se certificar de que ninguém estava olhando e deslizou sua mão até seu telefone celular, mantendo-o sob sua mesa. Ela olhou para baixo. *Vocês tá bem?* Era de Maria.

Scarlet viu Maria furtivamente segurando seu telefone em sua mesa com uma mão, digitando mensagens de texto com o polegar e fingindo tomar notas, enquanto ela olhava para o quadro-negro. Scarlet sorriu. Ela imitou Maria, levantando uma mão e fingindo escrever, enquanto que, com o polegar, ela digitou volta: *Estou bem. Valeu.* Scarlet tinha acabado de bater no botão enviar, quando, de repente, o sinal tocou lá fora.

“Turma, ok, não se esqueçam, quero capítulo três lido para amanhã. E a nossa primeira prova é na sexta-feira!” O professor gritou por cima do barulho, enquanto todas as crianças se levantavam, juntavam suas coisas e se dirigiam para a porta.

Scarlet levantou-se, recolheu suas coisas e caminhou com Maria para fora da sala.

“Meu Deus, o que aconteceu?” Maria perguntou imediatamente, mal conseguindo se conter. “Tipo, sua tia Polly me ligou ontem à noite. Disse que não conseguia encontrá-la.”

O coração de Scarlet disparou quando ela pensava em como responder. Ela não queria mentir, especialmente para Maria, de quem ela nunca escondia nada. Mas, ao mesmo tempo, ela realmente não sabia o que dizer, ela precisava apaziguar a situação.

“É, eles reagiram com muito exagero”, disse ela, pensando rápido. “Eu só sai por algumas horas, esqueci meu celular e eles não conseguiam me encontrar.”

Scarlet não sabia mentir direito e se perguntou se Maria tinha acreditado.

“Mas eu ouvi esta manhã que você esteve no hospital ou algo assim,” Maria respondeu com ceticismo.

O coração de Scarlet bateu forte. Essa era a desvantagem de viver em uma pequena cidade; ela não poderia escapar dessa.

“Sim... hum... bem... eu fiquei realmente doente ontem depois da escola e eles me obrigaram a ser examinada. Mas eu estou bem.”

“Ok, que bom”, disse Maria e Scarlet se sentiu aliviada pois parecia que sua amiga estava convencida.

Elas se misturaram no corredor barulhento e lotado e, com isso, a sensação de medo de Scarlet se aprofundou. Ela se perguntou quem mais poderia interrogá-la e começou a se perguntar de novo, onde ela realmente esteve durante aquele tempo. Será que ela tinha visto algum de seus amigos? E se um de seus amigos lhe

perguntasse sobre algo que ela fez? Algo que ela não conseguia se lembrar? Que desculpa ela poderia dar então?

Os corredores ficavam cada vez mais e mais lotados à medida que as salas de aula se esvaziavam em todas as direções. Scarlet e Maria seguiram pelo corredor e, enquanto andavam, mais duas de suas amigas mais próximas as viram e correram para alcançá-las. Elas estavam olhando para ela de uma forma estranha e Scarlet se preparou para as perguntas.

“Meu Deus, o que aconteceu com você?”, perguntou Jasmin, apressando-se para o lado dela.

Negra, baixinha e cheia de energia, Jasmin era uma das duas outras amigas mais próximas de Scarlet. Com um metro e meio de altura, cabelo preto curto e grandes olhos verdes, Jasmin parecia ser pequena e frágil – mas ela na verdade era durona e forte e orgulhava-se de não ser empurrada por ninguém e nunca tomar um não como resposta. Ela era destemida e sempre inspirou Scarlet, que às vezes desejava que ela pudesse ter metade da coragem dela. Scarlet a adorava, mas sabia que ela poderia ser fofoqueira e parecia nunca ser capaz de parar de falar.

“Eu ouvi que tipo, você sumiu”, continuou ela. “Sua tia me ligou e eu ouvi que os policiais estavam na sua casa!”

“Você está bem?”, perguntou Becca.

Outra amiga de Scarlet, Becca, o quarto membro do seu grupo, era alta, tinha ossos grandes, um pouco corpulenta, com cabelos loiros ondulados. Ela não era tão atraente quanto as outras, mas ela tinha um grande coração, era esperta demais e sempre fora uma jogadora campeã de e uma das melhores amigas de Scarlet na equipe. Ela estava namorando sério há uns dois anos, ao contrário do resto delas. Jasmin também namorava mas há alguns meses. O que deixava Scarlet e Maria – evidentemente – sem namorados. Maria tinha acabado de terminar com o dela e Scarlet estava esperando

que Blake se tornasse seu namorado, embora ela não tivesse certeza se ele sentia o mesmo.

As quatro delas eram quase inseparáveis durante o dia na escola, sempre se encontrando nos corredores – e , em seguida, normalmente iam para a casa de uma delas depois da escola. Maria era sua melhor amiga, uma verdadeira irmã e as duas estavam sempre mandando mensagens ou vídeos quando não estavam realmente juntas. Scarlet tinha outros amigos também, mas nenhum tão íntimo como essas três. Seu pequeno grupo não era o mais popular da escola, mas não era o menos popular também. Elas eram a média, legais, eram simpáticas com todos e nunca faziam ninguém se sentir excluído.

O que era o oposto do grande grupo de meninas chatas de Vivian, que definitivamente estavam no topo do ranking de popularidade na escola. Vivian, a líder, tinha pelo menos seis amigas em torno dela o tempo todo. Essas meninas estavam sempre bonitas, vestidas com as grifes mais caras, usando as mais belas joias, usando lindas bolsas, sempre ostentando a mais recente linha de sapatos – e todas eram líderes de torcida. Todas pareciam sair com os caras mais gatos, os melhores atletas e viviam em belas mansões. Eles também sempre estavam no meio de todos os eventos sociais escolares, sempre hospedavam ou organizavam as maiores festas ou qualquer outra coisa social que a escola tinha para oferecer.

Como se tudo isso não fosse o suficiente para elas, essas meninas nunca pareciam felizes a menos que também estivessem no pé de outra pessoa. Elas tinham vários alvos, durante todo o ano e cada uma das sete parecia sempre ter um alvo. Individualmente, elas eram chatas, mas como um grupo, eles eram insuportáveis, sempre se juntando e rindo, sussurrando e apontando, como um bando de hienas. Nunca se sabe exatamente o que elas estavam falando, mas a partir de seu corpo e expressões faciais, era bastante óbvio que não era bom.

E que Deus ajude se você estiver no caminho delas, se você se tornar um rival de qualquer uma delas – seja nos esportes ou situações sociais – ou acima de tudo, com os meninos. Então, todas se voltam contra você como uma matilha de lobos e ficam absolutamente determinadas a tornar sua vida escolar um verdadeiro inferno.

Isso era algo que Scarlet estava apenas começando a perceber, em primeira mão, uma vez que ela estava interessada em Blake – e especialmente desde que eles tinham ido ao cinema em outra noite.

Scarlet não tinha ideia de que Vivian também estava a fim de Blake. Agora, ela descobriu da maneira mais difícil.

No passado, Vivian sempre fora naturalmente chata com Scarlet, mas, agora, ela a humilhava o tempo todo, e fazia com que suas amigas também fizessem isso. Agora, Scarlet era uma ameaça direta. É claro, não era culpa de Scarlet – Blake não estava namorando Vivian, e, tanto quanto Scarlet poderia dizer, ele nem estava muito interessado nela. Mas isso não impediu que Vivian culpasse Scarlet.

Scarlet preparou-se quando viu a mochila de Vivian no final do corredor. Ela, pelo menos, tinha o conforto de suas três amigas em torno dela, que iriam protegê-la de algum ato seu de animosidade. Mas, apesar disso, ao longe, ela já podia ver Vivian cochichando e apontando para Scarlet – e, logo, o grupo se virou para olhar em sua direção.

“Olá? Então o que aconteceu?” Jasmin pressionou. “Nós ainda estamos esperando.”

Scarlet percebeu que não havia respondido às suas perguntas.

“Hum, desculpe...”, ela disse. “Não foi realmente grande coisa. Eu só fiquei doente e depois saí por um tempo e esqueci meu celular e minha mãe se apavorou. Desculpa.”

“Meu Deus, minha mãe faz isso o tempo todo. É tão embaraçoso”, Becca entrou na conversa.

Scarlet estava visivelmente aliviada ao ouvi-la dizer isso. Elas estavam acreditando.

“Mas eu ouvi que você foi para o hospital ou algo assim?” Jasmin perguntou.

“Olha gente, realmente não foi nada demais”, disse Scarlet, com mais firmeza. “Eu estou super bem. Todo mundo só exagerou. Por favor, podemos falar de outra coisa?” Scarlet implorou, ouvindo o estresse em sua própria voz.

Ela não quis dizer para se livrar, mas ela realmente queria mudar de assunto. Ela também estava temendo que uma delas lhe dissesse que a viram em algum lugar, ontem, fazendo algo que Scarlet não conseguia sequer se lembrar. Ela esperava e rezava para que não fosse o caso.

“Bem, eu estou super estressada”, disse Maria, “porque o baile é daqui dois dias e eu ainda não tenho um par.”

Felizmente, como sempre, ela veio em socorro de Scarlet e mudou de assunto. Scarlet ficou aliviada. No entanto, ao mesmo tempo, ela tinha mudado o tema para um ainda mais estressante: o baile de sexta-feira. O grande baile de Halloween. Todos os anos, havia um grande baile ao ar livre no campo de futebol e a escola fazia uma enorme fogueira e assava marshmallow. Era o beijo da morte aparecer sem um par. Você poderia fugir dela se fosse um estudante do primeiro ou segundo ano, mas definitivamente não no terceiro. E, por isso, a pressão estava realmente em cima de Scarlet este ano.

“Quem você vai levar?”, Perguntou Jasmin. “Blake?” Ela estava claramente tentando extrair informações dela. “Você nunca nos contou o que aconteceu no seu encontro!”

Scarlet suspirou. Este dia estava indo de mal a pior.

“Vamos lá, parar de esconder e conta!”, pediu Becca.

Jasmin disse o nome de Blake muito alto e tinha feito isso no pior momento possível – bem quando elas estavam passando pelo grupo de meninas metidas. Scarlet olhou para Vivian e viu a expressão dela mudar para uma carranca. Claramente, a menção do nome de Blake tinha atingido seu ego. Ela podia sentir o ódio emanando dela.

Scarlet desviou o olhar; pelo menos ela estava segura.

“Belos sapatos”, veio uma voz sarcástica atrás dela, seguida por um coro de risos. Era a voz de Vivian, é claro.

Scarlet olhou para baixo e percebeu que seus sapatos estavam cobertos de manchas de lama. Ela corou de vergonha. De alguma forma, em algum lugar, talvez ontem, ela devia ter corrido na lama. A manhã tinha sido um borrão, ela ainda não havia percebido.

“Que vida maravilhosa”, Jasmin se virou e atirou de volta em Vivian.

Scarlet era tão grata por Jasmin ficar ao seu lado e, naquele momento, ela a amava mais do que nunca. Mas, ao mesmo tempo, ela realmente não queria provocar um enorme confronto. Ela só queria que esse dia seguisse em frente.

“Pelo menos eu tenho uma”, Vivian retrucou.

“Pelo menos ela tem um namorado,” Maria retrucou. “Ah, é mesmo, eu esqueci: você não tem. Era para ser o Blake?”

Scarlet olhou para trás e viu o rosto de Vivian ficar em um tom de roxo. Ela estava apoplética.

Era óbvio que Maria havia cutucado sua ferida.

Scarlet estava mortificada. Ela odiava Vivian, mas ela definitivamente não queria provocá-la assim – especialmente porque ela nem sabia se ela e Blake estavam namorando oficialmente. Ela tinha cometido um erro na outra noite, quando o apresentara a sua família como seu namorado – mas ela tinha sido pega de surpresa com todos eles lá e estava nervosa, acabou deixando escapar. Ela se sentiu esperançosa porque ele não tinha corrigido – mas também nervosa que o anunciando daquele jeito, talvez ela tivesse pressionado ele demais em pouco tempo, especialmente porque eles ainda não tinham falado sobre isso. Eles só tinham saído algumas vezes e ela ainda não tinha certeza de como eles estavam.

Mas ali suas amigas estavam anunciando na frente de todos que Blake era seu namorado e não Vivian. Isto deixou Scarlet mais nervosa do que nunca pois isso poderia deixar Blake assustado e afastá-lo; porque, apesar de o encontro ter sido ótimo, ela ainda não estava realmente certa do que Blake realmente sentia por ela. E uma parte dela estava preocupada que Blake gostasse de Vivian – e esfregar aquilo na cara dela poderia deixá-la doida, ela poderia fazer com que ela tentasse roubar Blake a todo custo.

“Por favor, rapazes,” Scarlet disse, agarrando o ombro de Maria e a levando para longe, conduzindo-a ao fundo do corredor.

Elas viraram a esquina e chegaram em seus armários, Scarlet correu para a dela, abrindo rapidamente o cadeado, jogando os livros e retirando outros que ela precisava. O interior do seu armário estava coberta com recortes de revistas, uma enorme colagem de fotos de coisas que ela amava.

Scarlet suspirou, tentando reorganizar seus pensamentos. Este dia já estava ridículo. Era como um redemoinho. Ela só queria chegar em casa, ir para a cama, se envolver com um livro, Ruth ao seu lado e não pensar em nada disso. Ela sentia como se estivesse em um holofote branco e só quisesse sair dali.

O sinal tocou e quando Scarlet fechou seu armário ela viu Blake. Seu coração bateu mais rápido. Ele estava parado em seu armário, cerca de dez fileiras de distância. Ele ainda não tinha notado.

“Vá falar com ele”, sussurrou Jasmin, cutucando suavemente suas costas.

Essa era a deixa de que Scarlet precisava. Sem pensar, ela deu alguns passos na direção dele. Seu coração estava disparado. Eles tiveram uma noite agradável no cinema. Blake tinha comprado pipoca e a tinha levado de volta para sua casa, como um cavalheiro. Scarlet tinha se perguntado se ele iria beijá-la, e, por um momento, parecia que sim. Mas, então, parecia que ele tinha ficado nervoso, e no último segundo ele a beijou sua bochecha.

Ele deixou Scarlet se perguntando se ele estava realmente interessado nela. Aparentemente, Scarlet descobriu mais tarde que ele tinha mandado uma mensagem a ela o seguinte dia – mas é claro, que foi o dia que ela ficou doente e foi embora mais cedo. Ela foi subitamente inundada com pânico pois só naquele momento ela percebeu que nunca respondeu a mensagem. Agora, ele deveria pensar que ela tinha dado um fora nele.

“Oi,” ela disse, e podia ouvir sua própria voz trêmula.

A poucos metros de distância, ele se virou e olhou para ela. Por um momento, seus olhos se iluminaram com alegria; mas então eles mostraram algo parecido com confusão, ou hesitação. Ela não sabia dizer o quê.

“E aí”, disse ele de volta, parecendo surpreso. “Você está bem?”

Scarlet sentiu-se corar.

“Sim, eu estou bem.”

“Eu ouvi que você tinha faltado ou algo assim.”

“Não, era só a minha mãe em pânico”, disse Scarlet, colocando em seu melhor sorriso. “Pais.”

Blake assentiu, e, lentamente, sorriu. Mas sua expressão era um enigma, ela não sabia dizer se ele acreditava ou não. Ele ficou lá em silêncio, sem prolongar a conversa. Ela começou a se preocupar.

“Eu mandei uma mensagem para você ontem”, disse ele.

O coração de Scarlet bateu. Ele estava chateado com isso.

“Sim, eu sinto muito”, disse ela. “Eu não fiquei com meu celular o dia todo”, disse ela.

Mas ela temia que ele pudesse pensar que ela estava mentindo. Quem não ficava com o celular o dia todo? Ela esperava que ele acreditasse.

“Bom, tudo bem”, disse ele, parecendo evasivo.

Ficaram em silêncio e estava ficando constrangedor. Por um lado, ela percebeu que ele gostava dela; por outro lado, ele parecia incerto, talvez ainda estivesse sentido com a mensagem. Ela queria fazer as coisas direito, mas não sabia como. Acima de tudo, ela queria ir ao baile com ele na sexta-feira – e realmente queria que ele a convidasse, para que fosse oficial que eles eram namorado e namorada. Especialmente antes que Vivian tentasse qualquer coisa.

Scarlet ficou lá, silenciosamente com vontade que ele dissesse as palavras: *Você quer ir ao baile comigo na sexta-feira?* Ela imaginou o som de sua voz, e a expressão dele perguntando.

Mas, eles permaneceram apenas em silêncio. Ela se sentiu enchendo de pavor.

O sinal tocou novamente e os alunos começaram a se dispersar em todas as direções. O coração de Scarlet afundou, quando ela sentiu que ele estava prestes a ir para a aula.

Mas, para sua surpresa, ele não saiu. Em vez disso, ele ficou ali, mesmo com todas as pessoas fervilhando em torno dele. Ele limpou a garganta.

“Então... hum... você vai ao baile na sexta-feira?”, perguntou.

O coração de Scarlet se encheu de alívio. Foi um grande momento para ela, o momento em que ela finalmente percebeu que ele gostava dela. Ela ouviu o tremor em sua voz e ela percebeu que ele estava nervoso. Assim como ela.

“Bem, eu...”, ela começou.

“Aí está você”, disse uma voz.

Scarlet queria morrer. Lá, na frente dela, apareceu Vivian, deslizando até Blake, envolvendo um braço em torno dele.

Blake olhou para ela, surpreso, sem expressão, claramente sem saber como reagir.

“Eu tenho algo realmente importante para falar com você”, disse Vivian. “Você pode me acompanhar até a aula?”

Blake ficou ali, olhando para um lado e para outro, entre Vivian e Scarlet, parecendo preso, como um cervo diante de lanternas.

Scarlet não poderia culpá-lo. Vivian ficou ali, tão alta, tão linda, tão perfeita com sua maquiagem incrível e roupas apertadas, como uma boneca Barbie da vida real. Ao lado dela, Scarlet sentiu-se inadequada. Ela não tinha dinheiro, nem suas roupas, nem seu estilo, nem seus looks perfeitos, sem defeitos. Como ela poderia culpar Blake por não dizer não?

Ao mesmo tempo, Scarlet queria gritar. Por que agora, entre todos os momentos? Por que essa criatura parece atormentá-la o tempo todo? Era quase demais para ela suportar. Vivian tinha tudo. Ela não podia simplesmente deixar Scarlet ter Blake?

“Hum... Tudo bem, eu acho”, disse Blake a ela.

Scarlet examinou Blake, à procura de algum sinal de antipatia por Vivian. Mas ela não detectou; ele parecia em cima do muro, como se estivesse dividido entre Vivian e Scarlet. E isso, mais do que tudo, partiu o coração de Scarlet.

“Eu acho que nós vamos conversar mais tarde”, ele murmurou para Scarlet, soando como se estivesse se desculpando enquanto Vivian literalmente o arrastava para longe.

Em instantes, os dois estavam indo embora, no final do corredor. Enquanto eles iam, Vivian se virou e olhou para Scarlet com um sorriso vitorioso.

Scarlet ficou ali, assistindo-os desaparecer e, enquanto isso, ela sentiu todo o seu mundo afundando debaixo dela. Ela sentiu como se tivesse acabado de perder Blake para sempre.

## **CAPÍTULO OITO**

Scarlet sentou na sala de aula, fumegando. Era tão injusto. Ela queria gritar para o mundo. Por que não podia apenas ter tido mais de trinta segundos com Blake? Por que não podia ter tido tempo suficiente para ela responder, para que ele a convidasse para

o baile? Isso era tudo o que ela precisava. Em seguida, teria sido tarde demais para Vivian, não havia nada que ela pudesse ter dito ou feito. Agora, tudo poderia acontecer.

Deus, ela a odiava. Mais do que qualquer coisa. Ela literalmente roubou Blake dela em apenas um segundo.

E pior ainda, para seu azar, Scarlet sabia que Blake e Vivian teriam a próxima aula juntos. Outro golpe de má sorte. Se eles tivessem se separado depois disso, se Blake estivesse na sala de Scarlet, em seguida, ela teria pelo menos a chance de acertar as coisas. Mas, agora, Vivian teria um total de 40 minutos para convencê-lo. Quem sabia sobre o que eles estariam falando; o que ela estaria dizendo sobre ela. Scarlet tinha certeza de que ela não estava desperdiçando tempo, que de alguma forma ela iria convencer Blake para convidá-la para o baile. *Ele iria?*

O pensamento queimava Scarlet por dentro. Ela continuou repetindo em sua cabeça todos os detalhes de seu encontro com Blake. Em vários momentos do filme os cotovelos e os braços dos dois haviam se tocado, e ele não tinha recuado. Nem ela. Ela sentiu que ele queria estar mais perto; mas ela também sentiu que ele estava muito nervoso. Assim como ela. Perguntou-se, mais uma vez se ela tinha estragado tudo ao apresentá-lo à sua família como seu "namorado". Talvez ela devesse ter apenas o apresentado como "um amigo". Mas isso iria parecer tão estranho e infantil, como se ela estivesse na terceira série. Além disso, ela não queria que eles o olhassem e o tratassem como qualquer outro amigo. Ela sentiu a necessidade de desenhar uma linha, para ser um pouco diferente, especialmente de seu pai, que poderia ser super protetor.

Ela desejou que ela não tivesse que ter passado por aquela situação para começar, não tivesse tido a festa surpresa e não tivesse apresentando-o a todos. Mas, ao mesmo tempo, ela adorou ter Blake lá e ele parecia ser um ajuste perfeito com a família dela. Ele parecia ter sido tão natural.

O que ela faria se Blake não a chamasse para o baile? E pior: e se ele fosse com Vivian? Scarlet ficaria tão constrangida na frente de todas as suas amigas, que momentos antes estavam anunciando ao mundo que eles estavam namorando.

“Darryl chamou a Jasmin para a festa”, sussurrou Maria no assento ao lado dela. “Dá pra acreditar? Isso deixa apenas eu e você, sem pares.”

Maria deveria estar lendo sua mente. Falar do baile fez seu estômago revirar. A pressão estava lá e estava aumentando. Logo, todos teriam um par. Todos, menos ela.

“Então,” Maria sussurrou. “Você está me deixando em suspense. Será que ele vai chamá-la?”

Scarlet piscou para ela, por um momento, se perguntando sobre o que ela estava falando. E então ela percebeu. Blake. Ela queria saber se Blake havia lhe convidado para o baile. Scarlet encolheu os ombros.

“Hum... não realmente. Quero dizer, ele começou a falar, mas, em seguida, Vivian apareceu.”

“Não!”, disse Maria, abrindo os olhos em descrença. “O que aconteceu?”

“Scarlet e Maria, parem de falar agora!” Estalou o professor.

Era outro professor que Scarlet temia – o professor de biologia. Ela não conseguia pensar em nenhuma matéria mais entediante, e este professor era o segundo em chatice, atrás do professor de matemática.

Mas, desta vez, Scarlet agradeceu a repreensão. Deu-lhe uma chance de se reagrupar, para não ter de responder a mais

perguntas. Ela se virou e olhou para fora da janela e se distraiu de todas as maneiras até o sinal tocar.

Scarlet se arrastou rapidamente para fora da sala, Maria ao seu lado e as duas fizeram o seu caminho em direção ao refeitório, para o almoço. Com as salas cheias de alunos, que iam para o almoço, a energia aumentou no ar e o barulho ficou mais alto. Scarlet começou a ficar nervosa quando elas se aproximavam. Blake estaria lá. Ele sempre ia. Será que ele iria até ela? Será que ele a ignoraria? Ele estaria sentado com Vivian?

Pior, será que Vivian já tinha lhe convidado para o baile? Scarlet não queria pensar nisso. Por mais que Vivian quisesse ir com ele, também seria difícil para ela convidá-lo. Isso não iria deixar sua imagem boa – até poderia sair pela culatra.

Scarlet percebeu que poderia ser sua última chance. Ela tinha que chamar a atenção de Blake, tinha que terminar a conversa de antes. A não ser, é claro, que eles aparecessem com Vivian.

“Então me diga o que aconteceu”, disse Maria. “Ele estava planejando pedir a você?”

“Eu não tenho nenhuma ideia,” Scarlet retrucou. “Pare de me perguntar.”

Scarlet imediatamente se sentiu mal; ela não queria gritar com sua melhor amiga. Toda esta pressão estava a deixando mal.

“Desculpa”, disse ela. “Eu não quis dizer isso. Eu só estou um pouco estressada, você entende?”

Maria assentiu graciosamente.

“Está tudo bem. Eu sinto isso. Eu estou estressada, também. Eu acho que nós somos as últimas que não têm companhia para essa coisa.”

“E quanto ao Julio?” Scarlet perguntou, lembrando de repente do ex-namorado de Maria. “Parece que vocês estão se falando de novo.”

“Ele chamou a Samantha. Dá para acreditar? Que maldito.”

“Eu sinto muito”, disse Scarlet, sentindo de verdade.

Maria deu de ombros.

“Está tudo bem. Eu não acho que eu não iria querer ir com ele de qualquer maneira. Às vezes você tem que deixar as coisas de lado, você sabe o que quero dizer?”

Eles abriram as portas duplas para o refeitório e entraram em uma enorme sala cavernosa, preenchida com centenas de alunos gritando, energéticos. As mesas estavam cheias e a fila para a comida estava aumentando ao longo da parede.

Scarlet avistou Jasmin e Becca sentadas em uma mesa do outro lado do quarto e, quando ela foi até elas, ela examinou o refeitório à procura de qualquer sinal de Blake ou Vivian. Não havia nenhum. Ela, no entanto, notou que Blake estava ausente de sua mesa habitual de amigos, assim como Vivian. Não era um bom sinal. Os dois foram comer juntos em outro lugar?

Scarlet sentou-se à mesa, com o coração batendo e depositou seus livros.

“Ei pessoal”.

“Oi”.

“Bom hoje o bolo de carne está bom”, disse Becca.

Mas Scarlet não estava com fome. Seu coração estava vibrando e ela estava achando difícil se concentrar. Maria arrastou-a para a fila com ela e ela se viu esperando lá com todos os outros.

“Talvez eu simplesmente não vá”, disse Maria, quando chegaram na comida e as mulheres amontoavam enormes porções de comida nas suas bandejas. “Quero dizer, o que tem demais sobre a dança de qualquer maneira? É tão exagerado. É apenas uma enorme onda de pressão. E é sempre tão chato. Há só uma fogueira e a maioria das pessoas nem sequer dançar.”

“Eu sei,” Scarlet concordou.

“Quero dizer, quem inventou esse baile estúpido de qualquer maneira?”, continuou Maria, quando elas pegaram suas bandejas e voltaram para a mesa. “É como se fosse apenas uma grande desculpa para que todos possam ver quem está namorando quem. É tão bobo.”

Enquanto elas voltavam para a mesa, Scarlet viu algo que fez seu coração dar um salto: lá, sentada à mesa com todas as garotas populares, estava Vivian. Quando Scarlet andou passando, Vivian levantou os olhos e a encarou havia punhais em seus olhos. Não havia sinal de Blake, em nenhum lugar.

Isso era um bom sinal. Os dois não estavam juntos e Vivian estava chateada. Talvez algo tenha dado errado. Claramente, Vivian não tinha sido bem sucedida ainda; se tivesse, estaria ostentando um sorriso. Pelo menos agora Scarlet tinha uma chance.

Scarlet sorriu para si mesma enquanto ela voltava para sua mesa com o almoço e sentou com as outras.

Ela ficou ali sentada, sem encostar na comida, vigiando a porta, à medida que mais e mais estudantes entravam, à procura de qualquer sinal de Blake. Ela viu sua mesa, com todos os seus amigos e ele ainda não estava lá. Ele tinha que entrar a qualquer segundo. E quando o fizesse, ela iria dar um lugar para ele, ara que se sentasse com ela. Na verdade, ela deixou um lugar para ele, deslizando para o lado.

“O que você está fazendo?”, Perguntou Maria, olhando para a cadeira vazia que Scarlet tinha deixado.

Scarlet não teve tempo de explicar: de repente ela o viu, caminhando através da porta. Blake parecia tão bonito como sempre. Ele entrou com um grande sorriso no rosto, carregando um pequeno saco de almoço, pulando a fila. Ele estava caminhando em sua direção, bem para ela, e quando ela olhou para cima, seus olhos se encontraram. Ele a viu. Ela tinha certeza disso.

Scarlet começou a se levantar enquanto Blake caminhava para sua mesa. Ele estava a poucos metros de distância e ele não estava nem olhando para seus amigos. Ele estava olhando para ela. Claramente, ele estava indo para sentar-se com ela.

“Blake?”, veio a voz.

*Não, Scarlet pensou. De novo não.*

Blake parou, a poucos metros de distância e se virou ao ouvir aquela voz áspera chamando-o. Vivian estava à frente da mesa das meninas, apontando para ele uma cadeira vazia ao lado dela.

“Eu reservei um lugar para você”, disse ela.

Era mais como um comando do que um pedido e todo o seu grupo de amigas, em uma solidariedade perfeita, o encararam de uma vez, de tal forma que não havia chance de recusar. Era um olhar que dizia: se você não se sentar aqui com a gente agora, você está para sempre banido do grupo popular.

Blake parou. Ele se virou e olhou desesperadamente para Scarlet e ela podia ver a hesitação em seus olhos, ver que ele não tinha a força de vontade para dizer não. Seus olhos escuros antes brilhantes, escureceram e ele se virou com relutância e se dirigiu, como se estivesse em transe, para a mesa de Vivian. Quando

ele se sentou, Vivian se virou e olhou para Scarlet, lhe deu o sorriso mais malvado possível e então se sentou com Blake.

“Essa bruxa”, Maria disse, enquanto observava o que aconteceu. “Eu a odeio.”

“Alguém deveria envenenar sua sopa”, acrescentou Jasmin.

Lentamente, Scarlet se sentou, se sentindo humilhado. Becca se aproximou e colocou o braço em seu ombro.

“Tudo bem, garota”, disse ela. “Se ele a quer, deixe que ele a tenha. Você é boa demais para ele. E para ela. Ele terá exatamente o que merece.”

Scarlet ficou lá, olhando para seu bolo de carne, seu molho esfriava e ela se sentia completamente sem reação. Ela sentiu seu rosto corar quando ela sentiu que o local inteiro havia presenciado a cena. Vivian tinha roubado Blake bem debaixo do seu nariz, da maneira mais pública, pela segunda vez esta manhã. Ela não podia deixar de sentir que seu destino com ele tinha sido selado. Era óbvio que ela não iria para o baile naquele momento.

Scarlet não podia deixar de pensar naquela outra noite, com Blake em sua casa, no bom tempo que eles tiveram juntos e ela se sentiu ainda pior. Talvez ela não merecesse Blake. Afinal, quem era ela? Ela sabia que algumas pessoas a consideravam atraente, mas em sua própria cabeça, pelo menos, ela não se considerava tão bonita quanto Vivian.

“Está tudo bem,” Scarlet murmurou baixinho.

“*Não* está tudo bem”, disse Jasmin, irritado. “Nós vamos encontrar uma maneira de nos vingar. Espere e veja. É melhor ela se cuidar.”

“Não se preocupe”, disse Becca. “Há um monte de peixes no mar. Tenho certeza de que há uma tonelada de caras que adorariam ir

com você.”

“Gente, tudo bem, sério”, Scarlet disse. “Eu não sou um caso de caridade.”

“E que tal o Dave?”, Perguntou Jasmin.

Scarlet balançou a cabeça. Dave era um cara legal, mas ela não se sentia atraída por ele, apesar de sua tentativa de segui-la sempre que podia.

“Bailes são superestimados de qualquer maneira”, disse Scarlet, baixinho.

“Exatamente o meu ponto”, disse Maria.

“Você vai se sentir de forma diferente uma vez que você encontrar o cara certo”, disse Becca.

“Nossa, vocês ouviram? Sobre o novo garoto?” Jasmin disse de repente, para mudar de assunto.

Todas se viraram e olharam para ela. Jasmin tinha um jeito de estar sempre na vanguarda das últimas fofocas e uma maneira de contar histórias que sempre deixava as pessoas na borda de seus assentos. Ela também tinha uma maneira irritante de aumentar o suspense o maior tempo possível, saboreando a atenção.

“Eu ouvi isso de Leslie, que ouviu de Cindy. O primeiro dia dele é hoje. Gente, ele deve ser lindo. Tipo um galã. Ele foi transferido para cá. Ninguém sabe de onde. Ele é tipo, de uma família de super-ricos. Eles têm essa enorme mansão no rio.”

“Eu ouvi algo sobre ele”, disse Becca. “Darlene estava falando sobre ele esta manhã. Ela disse que ele está no terceiro ano. Alto, super gato.”

“Ouvi dizer que ele já tem uma namorada”, opinou Maria.

“Isso não é verdade. Cindy me disse que ele é completamente solteiro”, disse Jasmin.

“Não vai demorar muito até que ele arranje”, acrescentou Becca.

“Meu Deus, você acha que ele está indo para o baile? Você acha que ele já tem um par?”

“Você está brincando? Ele acabou de chegar aqui. Como poderia? Mas ele vai. Ouço que o grupo da Vivian já está tentando arrebatá-lo. Elas já o chamaram para festa e já perguntaram se ele...”

De repente, a murmuração no refeitório ficou em silêncio. Todos na sala se viraram e olharam para a porta.

Lá, cruzando sozinho as portas duplas, estava o menino mais bonito que Scarlet já tinha visto.

Cerca de um metro e oitenta de altura, com ombros largos e longos cabelos castanhos, ele tinha uma mandíbula protuberante, nariz reto e olhos grandes e cinzentos. Ele tinha um rosto nobre e orgulhoso, como um antigo guerreiro romano. Quando ele desfilou pelo refeitório, Scarlet sentiu como se ele fosse da realeza ou algo assim.

Ele parecia muito glamuroso para estar naquele lugar, como se pertencesse a alguma capa de revista. E andava com tanta confiança, ele parecia o único homem em uma sala cheia de meninas, embora seu rosto parecesse jovem, sem idade. Na verdade, havia algo em seu rosto, algo de misterioso, de outro mundo. Sua pele era tão polida, tão perfeito, parecia radiante.

“Ai meu Deus,” Maria sussurrou para as outras, quando a conversa na sala lentamente voltava e o menino tinha ido para o outro lado da sala, para a fila de refeição. “Ele é de longe o cara mais lindo eu já vi. Ai meu Deus”, disse ela novamente.

Quando Maria se voltou para a mesa, Scarlet podia ver que ela estava muito nervosa, seu rosto estava vermelho brilhante. Ela estava suando. Ela estendeu a mão e enxugou a testa com a mão e depois se abanou como se estivesse tentando obter ar.

“Acho que estou sonhando.”

“Você não está”, disse Becca. “Eu o vi, também.”

“Ele é meu”, disse Maria. “Será o meu par.”

“Você está brincando?”, disse Jasmin. “Toda garota da escola vai querer ir com ele.”

“O que você está dizendo, que eu não posso competir?” Maria atirou de volta.

“Não, estou apenas dizendo, algo tipo, boa sorte. Você estará contra todas.”

“Eu vou encontrar um jeito”, disse Maria.

“Como você sabe que ele já não tem namorada?”, Perguntou Becca. “Quero dizer, ele parece mais velho do que todos. Talvez ele tenha uma namorada fora da escola. Talvez alguém na faculdade ou algo assim.”

“Eu não me importo”, disse Maria. “Estou sonhando, você já vou um cara tão gato assim na sua vida?”

Todas elas concordaram com a cabeça, olhando por cima e para vê-lo na fila de alimentos.

Scarlet podia ver em seus rostos que todas queriam sair com ele, também. Enquanto Scarlet ficou ali, observando-o na fila de comida, ela não podia deixar de sentir a mesma coisa. Havia algo sobre esse garoto: cada movimento que fazia, cada gesto, era tão gracioso, tão

nobre. Tão orgulhoso. A maneira com que ele se mexia, era tão suave, tão diferente de todos ao seu redor. E quando ele sorriu de volta para as pessoas que o serviram, ela viu fileiras de dentes brancos, sua linha da mandíbula era perfeita e ele tinha o sorriso mais bonito que ela já vira. Por um momento, todos os pensamentos sobre Blake deixaram sua mente.

Quando ele chegou ao caixa e pagou, ele pegou sua bandeja e examinou o local. Scarlet podia ver centenas de pessoas olhando para ele e, em seguida, desviando rapidamente o olhar, fingindo que não estavam observando-o.

Por um segundo, Scarlet o viu olhar para a direção delas, para a mesa delas. E então, por um breve momento, ela pensou que eles cruzaram os olhares. Ela não podia acreditar. Seu coração começou a disparar em seu peito. O que realmente estava acontecendo?

“Ai meu Deus”, disse Maria “ele está olhando para mim. Vocês estão vendo? Ele está olhando para mim!”

Maria estava sentada perto de Scarlet e Scarlet tinha certeza de que ele estava olhando para ela e não para Maria. Mas ela não teve coragem de dizer nada. E, além disso, Maria havia deixado claro o quanto ela queria esse menino e Maria era sua melhor amiga.

Assim, mesmo sentida, Scarlet se forçou a desviar o olhar, e olhar para qualquer lugar, menos para ele. Ela se orgulhava de ser uma amiga leal, não importasse o quê.

O rapaz atravessou lentamente a sala, passando por sua mesa.

“Ai meu Deus, ele está vindo para cá”, disse Maria, afobada. Scarlet nunca a tinha visto assim nervosa. Ela estava agindo como se estivesse na presença de uma celebridade.

Ele passou por sua mesa e Scarlet fez questão de olhar para longe, para certificar-se de que seus olhos não se cruzassem novamente.

Depois que ele passou, ela esperou alguns segundos e, em seguida, olhou por cima de seu ombro para ver onde ele foi. Ele se sentou em uma mesa vazia, no outro extremo do refeitório, sozinho, de costas para todos.

“Ok, agora é a sua chance”, disse Jasmin para Maria. “Ele está sentado lá, sozinho. Faça o seu movimento.”

Mas Maria estava totalmente atordoada.

“Você está louca?”, ela perguntou. “Todos estão vendo. Eu não posso simplesmente ir até lá sozinha e tentar convidá-lo.”

“Por que não?”, insistiu Jasmin. “Você acabou de dizer que queria.”

Maria desabou.

“E se ele tipo... dizer que não?”, perguntou ela. Scarlet podia perceber como ela estava assustada.

“Medrosa”, Jasmin provocou.

“Eu não sou medrosa”, ela se defendeu.

Mas, ao mesmo tempo, Maria ficou ali sentada, congelada, corada e apavorada demais para atravessar a sala e ir até ele.

Scarlet não poderia culpá-la. A escola inteira estaria olhando para ela e, se ela fosse rejeitada, ela nunca iria conseguir superar.

Scarlet não conseguia aguentar a ideia de se virar e olhar para o menino tampouco. Mas por uma razão muito diferente.

Porque, pela primeira vez em sua vida, Scarlet sabia que ela tinha acabado de ver o menino que ela estava destinada a ficar junto para sempre.

# CAPÍTULO NOVE

Caitlin sentou em sua mesa de café da manhã em sua grande casa, no final da manhã, sozinha, tentando fazer com que sua vida voltasse ao normal. Não era fácil. Ela ainda estava tremendo por dentro e tinha se sentido assim desde que deixara Scarlet na escola. Ela simplesmente não conseguia trabalhar naquele dia e tinha ligado para avisar que estava doente. Ruth lhe mantinha companhia, Caleb estava muito longe no trabalho. Não que sua presença teria lhe dado muito consolo: depois da grande briga no hospital, eles não estavam em condições de conversar.

Caitlin não sabia o que fazer com tudo isso. Ela e Caleb nunca tinham discutido antes. Isso tudo era novo para ela e não poderia ter vindo em pior hora. Agora, mais do que nunca, quando ela precisava dele aqui, ao seu lado, para lhe dizer que estava tudo bem. Que ela não era louca. Que ele também tinha visto. Que ele entendia o que ela estava passando. Que ele concordava que Scarlet precisava ser examinada por especialistas. Que algo tinha que ser feito. Que não poderia apenas sentar lá e esperar pelo pior, negar que algo terrível estava se desenrolando diante de seus olhos.

Mas era óbvio que Caleb não estava do seu lado. Ele estava tomando o lado do racional, o convencional, insistindo que tudo estava normal, que nada de anormal tinha acontecido. Como aquele médico estúpido do hospital, com toda a sua lógica estúpida. Síndrome de conversão. Era ridículo.

É claro que havia uma parte de Caitlin que queria desesperadamente acreditar, se agarrar a alguma coisa. Mas isso seria fácil demais. Ela tinha estado naquele quarto. Ela tinha visto com seus próprios olhos o que Scarlet tinha feito. Ela ouviu aquele rosnado, tinha visto Caleb

sair voando pela sala. Essa não era a Síndrome de conversão. Não foi uma descarga de adrenalina. Foi sobrenatural.

Caitlin se recusou a deixar o estabelecimento fazer uma lavagem cerebral nela, convencê-la de que ela não tinha visto o que viu. Alguma coisa estava acontecendo com sua filha. E ela sentia que precisava desesperadamente de ajuda. Ela não quis ir para o trabalho, não queria fingir que tudo estava normal – nem se permitiria pensar em mais nada – até que tudo fosse resolvido. O pensamento disto a consumia.

Para não falar, é claro, do seu diário. Como ela podia ignorá-lo também? Depois que ela voltou do hospital, a primeira coisa que ela fez foi voltar a lê-lo. Ela tinha que saber que era real, que ela não estava louca. Quanto mais lia, mais ela tinha certeza. Ali estava ela, segurando algo real.

Segurando algo que até mesmo um erudito como Aiden não podia explicar. E, claro, Aiden, um estudioso, uma figura de autoridade, era quem tinha insistido que tudo era verdade. Que Scarlet iria se transformar em um vampiro.

Se Caitlin não tivesse encontrado o diário, se ela não tivesse se reunido com Aiden, se Aiden não tivesse dito a ela aquelas coisas, talvez ela pudesse ser facilmente convencida, poderia deixar tudo para lá assim como Caleb. Mas sabendo de tudo, não havia como. Uma parte dela se perguntava se ela deveria mostrar seu diário para Caleb, contar-lhe sobre seu encontro com Aiden, mas ela sabia que isso iria apenas isolá-lo ainda mais, deixaria claro para ele que ela estava louca. Se ele acreditava nela ou não, não lhe importava mais. Ela era forte o suficiente para fazer isso sozinha e ela faria qualquer coisa para resgatar sua filha.

Uma parte dela ansiava para ligar para Aiden, para conversar com ele ao telefone, para se encontrar com ele, escutá-lo. Agora ela queria saber mais, saber tudo e qualquer coisa que ele tivesse a

dizer para ela. Ela queria desesperadamente o conselho de seu mentor. E ela queria desesperadamente falar com alguém que não achasse que ela está maluca.

Mas ela pensou novamente em suas palavras finais, que ela deveria impedir sua filha e recordou a sua expressão. Ela sentia que ele estava sugerindo que ela matasse Scarlet, sacrificasse sua filha para o bem maior da humanidade. E isso era algo que ela não podia, que ela nunca poderia fazer. Ela estava com medo de que, se ela falasse com Aiden agora, ele iria aconselhar a mesma coisa e o pensamento disto a deixou enojada, ela não podia suportar a ideia.

Então, ao invés disso, ela largou o telefone celular e tentou pensar em outra coisa. Ela sentiu que precisava agir, mas não sabia como. O que ela poderia fazer? Levá-la para mais médicos? O que eles diriam? Sugerir que Scarlet visse um psiquiatra? Ou será que eles a mandariam para um especialista em adrenalina? Um especialista em sono?

Claro, tudo isso era ridículo. Seria inútil. Não era disso que precisava de Scarlet. O que ela realmente precisava, Caitlin sabia, era um especialista no paranormal. Alguém que soubesse o que ela estava passando, alguém que conhecesse uma maneira de curá-la. Livrá-la daquele mal. Fazê-la voltar a ser uma adolescente normal.

Mas Caitlin não conhecia ninguém assim. Ela não tinha absolutamente nenhuma ideia do que fazer.

Ela estendeu a mão e acariciou a cabeça de Ruth; Ruth fechou os olhos apreciando e apoiou o queixo no colo dela. Caitlin olhou em torno de sua bela sala de jantar e tudo parecia tão perfeito, tão normal. Nada parecia fora do lugar. O sol entrava pelas janelas, e era difícil acreditar que algo pode estar errado no mundo. Por um momento, Caitlin desesperadamente queria fingir que nada tivesse acontecido.

Ela estendeu a mão e pegou o copo cheio de suco diante dela, sua mão trêmula. Ela respirou fundo, o levou até seus lábios secos e rachados e bebeu. Estava gostoso. Ela percebeu que era quase hora do almoço e aquele fora primeiro alimento ou bebida que ela teve durante todo o dia. Ela largou o suco e estendeu a mão para tomar um gole de café, agora frio. Mas ainda estava bom e ela bebeu quase toda a xícara. Ela passou a comer seus ovos frios e, enquanto comia, sentiu lentamente um retorno de energia. Ruth gemeu e Caitlin pegou um de seus pedaços de bacon de peru, se inclinou, e a alimentou. Ela mastigou alegremente, o barulho do toucinho estava enchendo o ar, fazendo Caitlin sorrir.

Por um momento, Caitlin se perguntou se as coisas poderiam voltar ao normal. Talvez, se ela não fizesse nada, as coisas só voltariam a se estabelecer por conta própria. Talvez, como Caleb disse, ela estava fazendo coisas demais. E depois de tudo, o que ela poderia fazer de qualquer maneira? Ela respirou fundo e começou a se perguntar se talvez o melhor a fazer fosse não fazer nada e lidar com as coisas conforme elas acontecessem. Talvez se houvesse outro incidente, Caleb acreditaria nela e ajudaria a levar Scarlet a médicos ou quem quer que ela precise. O pensamento a enchia de uma estranha sensação de alívio.

Começando a se sentir melhor, Caitlin estendeu a mão e levantou o jornal local, dobrado sobre a mesa. Ela se recostou na cadeira e o abriu, como sempre fazia e por um breve segundo, ela quase sentiu que a vida estava voltando ao normal. Ela estava começando a se sentir bem, pela primeira vez naquela manhã, quando, de repente, ela leu a manchete na primeira página. Seu estômago despencou. Ela se sentou e todos os pensamentos de normalidade fugiram de sua mente.

## ***MENINA LOCAL ATACADA POR ANIMAL***

*Por volta da meia-noite na noite passada, uma garota local, Tina Behler, 16, uma primeira anista no colégio Rhinebecka, foi encontrada inconsciente pela polícia na Main Street. Foi relatado que ela fora encontrada em ataque de histeria, gritando que um animal a atacou. A polícia não conseguiu encontrar sinais visíveis de ataque, mas a levou para um hospital local para tratamento.*

*As autoridades ainda estão confusas quanto a saber se foi um ataque animal ou não e que tipo de animal. Moradores são instruídos a terem cautela ao sair de suas casas durante a noite, até que as autoridades resolvam esta questão.*

*"Estamos confiantes de que, se um animal a atacou, foi um incidente isolado e não algo que possa causar danos para outros moradores", disse o oficial Hardy. "Não há relatos de quaisquer animais soltos de zoológicos locais ou de qualquer vida selvagem por aqui."*

Caitlin ficou de pé, as palmas das mãos suando, enquanto ela lia o resto do artigo. Finalmente, ela colocou o jornal para baixo, as mãos tremiam mais que antes.

Um ataque de animal. Na noite passada. Apenas três quadras da casa dela. Ao mesmo tempo em que Scarlet tinha estado lá fora, desaparecida.

*Será que Scarlet poderia ter feito isso?* Caitlin se perguntou.

Seu coração estava latejando em sua garganta. Era demais para uma coincidência. Ela queria acreditar mais do que qualquer coisa que Scarlet nada tinha a ver com isso, mas, no fundo, ela sentiu que tinha. Scarlet provavelmente havia atacado alguém. Transformou alguém. Os policiais provavelmente não viram as pequenas marcas de mordida na garganta. Ou talvez eles mantivessem isto em segredo. E esta pobre menina provavelmente vai se transformar.

Virar como Scarlet. Atacar mais pessoas. E espalhar aquilo por toda a cidade. Eles iriam se espalhar por todo o condado. Em seguida, o Estado. Em seguida, o país e depois o mundo.

Caitlin ficou abalada de culpa. Teria ela inadvertidamente permitido tudo acontecer?

Sem sequer parar para pensar, ela pegou o telefone celular, pegou o cartão do oficial Hardy da noite anterior e ligou para ele. Ele havia dito para ligá-lo a qualquer momento. Esta era sua chance de pegar pistas com ele.

“Oficial Hardy?”, perguntou Caitlin.

“Sim?”

“Aqui é Caitlin Paine. A mãe de Scarlet.”

“Oh sim, Sra. Paine, como você está? Fico feliz em saber que Scarlet apareceu. Ela está bem, não está?”, acrescentou ele, de repente, cauteloso.

Caitlin fez uma pausa, querendo saber como responder.

“Sim, os médicos dizem que ela está saudável e normal e ela já está de volta na escola.”

“Bem, isso é uma boa notícia. Eu preciso de boas notícias agora. Ontem à noite foi uma noite louca. Você viu os jornais, tenho certeza?”

“Na verdade, é por isso que estou ligando. Eu estou tão preocupado com aquela pobre garota. Eu estou querendo saber se você poderia me dizer mais. O que aconteceu?”

Ele fez uma pausa.

“Por que você quer saber?”, ele perguntou com cautela. “Você acha que Scarlet está de alguma forma ligado a este evento?”

“Ah, não, nada disso”, disse Caitlin rapidamente, tentando cobrir seus rastros. “Eu só... bem, eu conheço a menina”, disse ela, mentindo. “Ela era uma amiga da família. E eu gostaria de saber se ela está bem. E, claro, estou me perguntando o que a atacou e se é seguro sair de casa.”

“Bem, eu realmente não tenho liberdade para discutir todos os detalhes”, disse ele. Ele fez uma pausa, porém, em seguida, baixou a voz, “mas se você pode manter apenas entre nós, eu vou lhe contar, não há nenhum animal. Nada para se preocupar.”

Caitlin fez uma pausa, surpresa.

“O que você quer dizer?”

Ele fez uma pausa, e então finalmente continuou.

“Ela estava histérica. Gritando com todas as forças e gritando as coisas mais loucas. Mas os médicos lhe fizeram um exame completo e ela estava bem. Não há sinais de qualquer ataque de animal. Nem sequer um arranhão. Na verdade, cá entre nós, esta manhã, eles a transferiram para um hospital psiquiátrico. Ela estava realmente fora de controle. É onde ela está agora. Nenhum visitante permitido de qualquer maneira, você não poderia vê-la, mesmo que quisesse. As crianças hoje em dia. É realmente triste. Aposto que foi uma dose de drogas ruim”.

O coração de Caitlin bateu com o pensamento sobre aquela pobre menina, trancada.

“Há quanto tempo ela vai ficar lá?”, perguntou ela. Ela estava secretamente imaginando quando ela poderia ser liberada e, se ela se transformasse, quando ela poderia infligir danos a outros.

“Eu não tenho ideia”, disse ele. “Coisas assim não acontecem por aqui. Como eu disse, uma noite louca. Deve ter sido uma lua cheia. Sinto muito Sra. Paine, tem outra chamada vindo. Há mais alguma coisa?”

“Não, muito obrigada.”

O telefone ficou mudo.

As mãos de Caitlin estavam tremendo quando ela desligou o telefone. Ele tinha confirmado seus piores medos. Uma menina, atacada, tarde da noite, a poucos quarteirões de distância, onde sua filha estava.

Ela correu pela sala, agarrando-o diário, voltando suas páginas, mais uma vez. Ela tinha que se lembrar que tudo isso era real, que ela não estava perdendo a cabeça. Ela leu novamente:

*E então tudo aconteceu. Tão rápido. Meu corpo. Transformando. Mudando. Eu ainda não sei o que aconteceu, ou que eu me tornei. Mas eu sei que não sou mais a mesma pessoa.*

*Lembro-me da noite fatídica, quando tudo começou. Carnegie Hall. Meu encontro com Jonas. E então... o intervalo. Minha...alimentação? Matar alguém? Eu ainda não consigo me lembrar. Eu só sei o que me disseram. Eu sei que eu fiz alguma coisa naquela noite, mas é tudo um borrão.*

*Tudo o que eu fiz, ainda parece um poço no meu estômago. Eu nunca iria querer prejudicar ninguém.*

*No dia seguinte, eu senti a mudança em mim mesma. Eu definitivamente estava cada vez mais forte, mais rápida, mais sensível à luz. Senti o cheiro de coisas, também. Os animais agiam de forma estranha em volta de mim, e eu me senti agindo de forma estranha com eles.*

Esta era sua própria caligrafia. Não havia dúvida. Era real. Ela tinha que acreditar que tudo era real. Que sua filha era como ela. Um vampiro.

Caitlin não poderia apenas sentar lá. Ela tinha que fazer algo. Aquela inatividade estava deixando ela louca e ela sentia que estava subindo pelas paredes. Ela forçou seu cérebro, tentando desesperadamente pensar no que fazer, com quem falar.

E então, de repente, quando viu a cruz pendurada na parede acima da tabela, o pensamento lhe veio: um padre. Se alguém estava qualificado para saber algo sobre o paranormal, sobre vampiros, sobre as forças espirituais do bem e do mal, seria um sacerdote. O padre local, Padre McMullen, era um homem bom, amável. Ela não o conhecia muito bem, mas sabia o suficiente para saber que ele estava atendendo. Ele era a pessoa perfeita para falar; ele não só poderia dar-lhe conforto, mas também dar alguma orientação, dizer a ela se ela era louca e se não, dizer o que fazer. Afinal de contas, a igreja ainda tinha um ritual de exorcismo, não é? Talvez eles tivessem um ritual para os vampiros? Ou, pelo menos, talvez eles soubessem de algo?

Sem perder um segundo, ela atravessou a sala, pegou o casaco e as chaves e correu pela casa, descendo os degraus, três de cada vez, enquanto ela corria para fora.

\* \* \*

Caitlin caminhou pela passarela Bluestone, atravessando uma grande extensão do gramado para a igreja gótica. Criada há dois séculos, a sua torre subia uma centena de metros, a igreja se elevava sobre tudo naquela pequena cidade. Seu exterior era ornamentado, gárgulas saindo de todos os lados, arquitetura elaborada, porta em arcos; parecia que pertencia a uma capital da Europa, de outra época.

Era uma das coisas favoritas de Caitlin naquela cidade e ela a amava especialmente porque ela morava a poucos quarteirões de distância.

Estranhamente, ela quase nunca ia lá – somente umas poucas vezes desde que ela tinha vivido ali, no entanto, ela ainda se sentia confortada pela sua presença quando ela passava por ali todos os dias e pelo som de seus sinos. Ela costumava abrir a janela de seu quarto à noite, e adormecer ao som dos sinos, que tocavam vários compositores clássicos.

Ela também gostava muito do sacerdote. Ela só tinha encontrado com ele algumas vezes ao longo dos anos, mas, todas as vezes, ele havia deixado uma boa impressão. Ele era jovem, na casa dos 40 anos, alto e magro, com um rosto bondoso e compassivo e cabelos castanhos compridos, arenosos e com sardas nas bochechas correspondentes a cor de seu cabelo. Ele era de fala mansa, sorria bastante e era modesto. Ele sempre apertava a mão de todo mundo com as suas duas mãos, calorosamente. As poucas vezes que ela o tinha procurado, como quando ela estava chateada por ser incapaz de ter um segundo filho, ele sempre conseguiu fazê-la se sentir melhor. Caitlin sentiu que ela podia contar qualquer coisa a ele.

A grande porta de carvalho rangeu quando ela abriu e seus olhos se adaptaram da luz do sol do dia para o interior escuro. Quando ela entrou no local, percebeu que a igreja estava completamente vazia, é claro, estava na hora do almoço em um dia de semana e ela, de repente, se sentiu constrangida. Ela se sentiu como se estivesse entrando na casa de alguém sem aviso prévio, como se a porta só estivesse desbloqueada por acidente. Era um grande interior, os tetos abobadados se elevavam 30 metros acima do solo, cheios de vidro colorido e com bancos de madeira sem fim, todos vazios. Os pisos eram compostos por grandes lajes de pedra escura, bem-vestidas, com um grande corredor que levava a um altar elaborado, adornado por vitrais.

“Olá?” Caitlin chamou timidamente, sua voz ecoando.

Ela esperou. Não houve resposta.

“Padre McMullen?”, Ela gritou, mais alto.

Sua voz ecoou de volta para ela, sem resposta.

Lentamente, seus olhos começaram a se ajustar ao interior. A nuvem passageira revelou o sol, que inundou o vitral em cores diferentes. A luz muda era pacífica ali: parecia atemporal, como um santuário. Como se todos os seus problemas fossem deixados para trás daquelas portas. Caitlin perguntou se ela deveria sair. Mas era difícil ir embora. Uma parte dela se sentia confortável ali; por algum motivo, ela sentia algum tipo de conexão com a igreja, mesmo que ela não fosse particularmente religiosa. Ela não conseguia entender. Ela podia contar nos dedos o número de vezes que ela tinha estado em uma. No entanto, cada vez que ela entrava em alguma, ela sentia algum tipo de misteriosa conexão com seu passado. Pensou em seu diário vampiro. Eram memórias reais?

Ela se viu caminhando lentamente pelo corredor, seus passos ecoavam, gravitando em direção ao altar. No final dele, havia uma enorme cruz, coberta de folhas de ouro e, quando ela se aproximou, ela foi subitamente atingida por memórias, flashbacks. Ela se viu andando por um corredor, em uma grande igreja, com Caleb ao seu lado. Ela se viu em uma igreja após a outra, cada vez mais elaborada, na Inglaterra, Escócia, Itália, França. Viu-se na Notre Dame, em Paris. No Duomo em Florença. Na Abadia de Westminster. Em cada um, Caleb estava ao seu lado. De repente, ela viu seu casamento com Caleb. Ela o viu diante de um castelo, na Escócia, centenas de pessoas presentes, andando por um corredor coberto de pétalas de rosa. Ela viu um céu iluminado pelo mais belo pôr do sol que ela já tinha visto. Era mágico.

Ela abriu os olhos e se perguntou se isso tudo tinha sido uma fantasia? Ela estava diante do altar, olhando para a brilhante cruz de

ouro, tentando se concentrar. Ela se sentia ligado a esta cruz. A Jesus. Ela não conseguia entender o porquê. O pensamento de Jesus ser seu pai no céu era reconfortante para ela de alguma forma. Isso porque ela nunca havia conhecido seu pai na vida real?

Ela se obrigou a se concentrar em Scarlet. Ela sentiu ondas de desespero tomar conta dela, e se viu juntando as mãos em oração. Ela estava desesperada por ajuda, e ela rezou silenciosamente por um milagre.

Sentia-se fraca. Então se dirigiu aos bancos da igreja e se sentou em uma das linhas de frente. Assim que ela o fez, ela olhou para cima e notou uma Bíblia aberta. Era um livro grosso, leu o cabeçalho: *O Novo Testamento, o livro de Lucas*. Ela examinou as páginas, à procura de um sinal, se perguntando se sua oração teria sido respondida. Ela leu: "Eu lhe concedo poder e autoridade sobre todos os demônios, poder e autoridade sobre todas as doenças".

Seu coração disparou. Era uma mensagem?

Ela apoiou os cotovelos no banco à sua frente, descansou o rosto com as mãos e rezou silenciosamente. Ela orou pedindo ajuda para Scarlet. Para si mesma. Para sua família. Ela nunca se sentira tão só, tão desesperada. Ela logo começou a chorar. Sentia-se como uma mulher sem esperança. Toda a tensão, todo o estresse dos últimos dias – o sumiço de Scarlet, sua briga com Caleb, seu encontro com Aiden – tudo vinha à tona. Seu choro enchia o ar.

"Minha filha", veio uma voz suave.

Caitlin se virou e viu o Padre McMullen, aproximando-se do outro lado da sala. Ele atravessou a sala cavernosa, seus passos ecoavam e Caitlin ficou de pé, envergonhada. Ela alisou sua saia e enxugou as lágrimas do rosto.

"Desculpe-me, padre, eu não tive a intenção de entrar aqui sem permissão", disse ela, com a voz trêmula. "Eu sei que você

provavelmente não está disponível agora...”

Ele levantou a palma da mão para detê-la e abriu um sorriso suave e convidativo.

“Estamos sempre abertos”, disse ele. “É Caitlin, não é? Caitlin Paine?”

Ela assentiu com a cabeça para trás, impressionada por ele se lembrar.

“Eu nunca esqueço um rosto”, disse ele. “Estou muito contente de vê-la aqui. Lamento por eu não estar aqui para cumprimentá-la pessoalmente. Você me pegou no meu horário de almoço”, acrescentou com um sorriso.

Caitlin sorriu, mais calma com sua presença. Ele estendeu a mão e ela apertou sua mão. Ela sentiu o calor e confiança com aquele aperto, com sua mão entre as dele e sorriu calorosamente.

“Eu sinto muito”, disse ela, enxugando as lágrimas.

Ele balançou a cabeça.

“Não há nada para se desculpar. Nosso Senhor no céu aprecia a oração sincera.”

Caitlin sentiu que ela tinha chegado ao lugar certo, que ele era exatamente com ele que ela deveria falar. Ela suspirou, sentindo um pouco de tensão deixando seu corpo.

“Gostaria de conversar?”, Ele perguntou em voz baixa, depois de alguns momentos de silêncio.

“Sim, eu gostaria”, respondeu ela.

“Vamos dar um passeio”, disse ele e se virou para conduzi-la pela sala toda. “É um pouco impessoal aqui. Você já viu nosso novo

pátio? É um dia lindo e tudo está em flor, com as folhas caindo, é uma mistura de cor. Acho que você vai achar mais reconfortante.”

“Eu gostaria de ver sim”, disse ela, enquanto continuavam andando pela sala enorme.

Ele não disse mais nada, não a pressionou com perguntas e ela sentiu que ele estava esperando por ela para se abrir. Ela apreciou isso, mais do que ele imaginava, por lhe dar seu tempo e espaço para se recompor. Claramente, este era um homem que não se intrometia.

“Desculpe-me, eu não vim aqui mais vezes”, disse ela. “Eu moro praticamente no mesmo quarteirão. Eu espero que você não esteja ofendido.”

Ele sorriu.

“Estou feliz que você está aqui agora. O presente é tudo o que temos, não é? Todos os nossos erros, todos os nossos arrependimentos – tudo que fizemos no passado, não é nada em comparação com o poder do presente. Obrigado por ter vindo agora”.

Ele deu um passo para o lado e abriu a porta para ela. Eles continuaram andando por um corredor de pedra, que levava ao pátio na parte de trás.

“Temo que eu não seja muito boa com a confissão”, disse Caitlin. “Eu nem como é, realmente. Eu acho que eu nunca fiz isso, pelo menos não corretamente. Não sei realmente ao certo o que dizer...”

“Não se preocupe com nada disso”, disse ele tranquilizando-a. “Basta falar de seu coração. Diga-me o que você quer me dizer.”

Eles saíram em um pequeno pátio na parte de trás da igreja. Era lindo, pitoresco, cheio de flores do outono de todo tipo e uma

pequena plantação de abóboras, emoldurado por grandes e reconfortantes árvores, antigas, suas folhas tinham uma infinidade de cores, muitas salpicadas pelo jardim. Eles seguiram um caminho de pedra estreito e se dirigiram para um banco debaixo de uma árvore.

Eles sentaram-se lado a lado e Caitlin se inclinou para trás, sentindo-se à vontade, pela primeira vez em dias. Uma brisa fresca de outubro a acariciava, tirando o calor do sol. À sua volta, os pássaros cantavam.

Sentaram-se em silêncio pelo o que parecia ter sido uma eternidade. Nem uma vez o Padre se intrometeu em seus pensamentos. Claramente, ele era um homem paciente, bem treinado na arte de escutar.

Caitlin não sabia por onde começar.

“Minha filha, Scarlet, está doente”, ela finalmente disse.

Ele se virou para ela, olhando para ela com olhos de inquietação.

“O que há de errado com ela?”

“Ontem...” ela começou, depois parou. *Meu Deus, foi só ontem?* ela pensou. Parecia que anos se passaram. “Ontem ... ela chegou em casa doente da escola. Então... ela correu para fora da casa. Ela estava desaparecida, até hoje. Encontramo-la de manhã e a levamos para o hospital. Ela estava bem. Os médicos dizem que ela está bem. Mas eu sinto que ela não está.”

“O que há de errado com ela?”, ele perguntou novamente.

Caitlin suspirou, tentando descobrir como montar a frase. Ela queria parar de rodeios.

“Padre, você acredita no paranormal?”, ela perguntou.

Ele se virou e realmente a encarou, pela primeira vez, ela podia ver seus olhos verdes arregalados de surpresa. Então ele desviou o olhar.

“Se com isso você quer saber se eu acredito que há forças espirituais e inexplicáveis para além do mundo físico? Sim, eu acredito. Eu não acredito que nós vivemos em apenas um reino físico. É evidente que há coisas no universo de Deus que se destinam a ser inexplicáveis. Coisas que nunca foram feitas para serem entendidas.”

“Mas você acredita no sobrenatural ...?”, perguntou Caitlin. “Eu quero dizer, por exemplo, a Igreja Católica... ela acredita em espíritos, certo? Demônios? Pessoas possuídas? Exorcismo? Quero dizer, vocês têm rituais de exorcismo, não é? ”

Ele se mexeu na cadeira e esfregou as mãos sobre os joelhos e ela podia sentir que ele estava desconfortável. Ele limpou a garganta.

“Oficialmente, sim. Há um ritual na Igreja Católica para o exorcismo. Se eu já vi isso na prática? Não. Se eu já o pratiquei eu mesmo? Não. É uma coisa muito rara. Por mais que seja dramatizada nos filmes”, disse ele com um sorriso, “é algo que você realmente nunca ouve falar.” Ele fez uma pausa. “Por que você pergunta?”

Caitlin reuniu seus pensamentos. Ela queria dizer a coisa certa, e não queria parecer louca.

“Eu acho que o que eu estou perguntando é... você acredita nisso? Você acredita que tal coisa possa existir?”

Ele piscou e ela podia ver que ele estava pensando. Ele ficou em silêncio por um longo tempo.

Finalmente, ele respirou fundo.

“Sim. Pessoalmente, eu acho que sim. Durante meus anos, eu certamente encontrei coisas que eu não podia explicar. Coisas que eu gosto de pensar como momentos intensos e espirituais. Momentos em que o espírito das pessoas desafiaram seus corpos e vice-versa. Há um reino espiritual. E sim, é claro, onde há luz, há escuridão – e pode haver um lado escuro para o reino espiritual, também. Em minha opinião, porém, a luz é mais forte do que a escuridão – e toda a escuridão pode ser conquistada pela luz.”

Ele fez uma pausa, olhando para ela.

“Por que você pergunta? Você está preocupado com a sua filha? Aconteceu alguma coisa com ela?”

Caitlin decidiu que tinha que dizer a ele. Ela não tinha escolha, e ela sentiu que podia confiar nele.

“Eu não acredito que a minha filha está possuída, não”, disse ela. “Eu sei que toda essa conversa deve parecer loucura, me perdoe...”

Ele levantou uma mão.

“Por Favor. Eu não julgo. Você não vai acreditar nas coisas que vejo e ouço. Nada me surpreende, estou aberto a qualquer coisa.”

Caitlin suspirou, sentindo-se melhor.

“Eu não acredito que Scarlet esteja possuída, não. Mas eu acho que ela está sofrendo de algo que não é... físico, por falta de uma palavra melhor. Você vê, padre”, disse ela, e baixou a voz: “Eu acho que a minha filha está se tornando um vampiro.”

Ele olhou para ela, seus olhos abrindo o dobro da largura. Ele parecia assustado. Mas, para alívio de Caitlin, ela não sentia que ele estava dispensando-a. Ele ficou lá por vários momentos, olhando para o jardim em silêncio, espantado.

“Eu não sou louca, padre. Eu sou uma estudiosa. Tenho uma família linda, amorosa. Eu tenho sido um membro desta comunidade há anos. Eu... eu...”

Caitlin, de repente, baixou a cabeça em suas mãos e começou a chorar, percebendo o quão louca ela soava.

Para sua surpresa, ela sentiu uma mão reconfortante nas costas.

“Não há necessidade de explicar ou pedir desculpas. Eu não julgo você.”

Ela olhou para ele, com os olhos marejados.

“Mas você acredita em mim? Você acredita que é possível? Podem existir vampiros?”

Ele suspirou e desviou o olhar.

“É complicado”, disse ele. “Há uma história longa e complexa entre o paranormal e a Igreja Católica. Ao longo dos séculos, algumas facções têm visto isso como um absurdo; outros já reconhecem. A posição oficial agora está em algum lugar no meio. Exorcismo é um terreno mais seguro. Mas quando você lida com outras... formas do sobrenatural... é uma linha muito tênue.”

“Mas o que você acredita?” Caitlin pressionou.

Ele olhou em silêncio para fora no pátio.

“É estranho que você me pergunte sobre isto, porque a minha própria tese de doutorado foi sobre a história do paranormal e da igreja. Acontece que eu sei a história dela, do ponto de vista acadêmico, muito bem. Se você olhar para a literatura, os registros, o que é notável sobre a lenda dos vampiros é que ela persiste, não apenas por um século ou dois, mas há milhares de anos. Isso seria notável em si mesmo, mas ainda mais notável é que

a lenda do vampiro existe em quase todas as culturas do mundo, em cada localização geográfica, todas as línguas. Mesmo em tempos antigos, você pode localizar mitos e lendas sobre vampiros, até mesmo algumas supostas ocorrências documentadas e gravadas, em línguas que vão desde o mandarim até o Africano, e em lugares que nunca foram geograficamente conectados. Isso, é claro, faz com que não seja tão fácil de explicar.”

Ele fez uma pausa, respirando fundo.

“Ainda mais difícil de explicar é que não aparecem pontos em comum com as lendas. Quase sempre, isso tem a ver com o corpo de alguém recentemente enterrado. Com um corpo que volta a subir. Quase sempre, a alma morreu de uma forma que não foi harmoniosa – de suicídio ou homicídio, por exemplo. Alguém que deixou a terra de uma forma com grande calamidade. Nas lendas, estas almas não liquidadas sobem novamente, após o enterro. Em algumas lendas, eles simplesmente visitam suas famílias; em outras, eles são mais agressivos e procuram sangue. O sangue é o tema comum.” Ele suspirou novamente. “É claro que, visto de outra luz, o sangue é um tema recorrente no catolicismo, também. O sangue de Cristo. O bebericar do vinho. O Santo Graal. A bebida que promete a imortalidade. A esta luz, pode-se argumentar que estas lendas e fábulas estão interligadas com a doutrina católica de forma desconcertante.”

“O que você quer dizer?”, Perguntou Caitlin, animada. “Você está dizendo que você acredita que eles existam? Agora, nos dias de hoje?”

Ele suspirou.

“Mais uma vez, não é tão simples. Historicamente, havia muitas formas de vampiros. Não apenas um – mas vampiros emocionais e até mesmo psíquicos. Eu acredito em vampirismo emocional e psíquico. Vemos todos os dias, ao redor de nós. Uma pessoa que,

por exemplo, deposita em um colega de trabalho todos os seus problemas e este colega sai se sentindo exausto. Isso é vampirismo emocional. Um se alimentou do outro.”

“Mas o que sobre o outro tipo?”, perguntou ela. “Vampiros físicos?”

Ele balançou a cabeça lentamente.

“Não é que eu não acredite, necessariamente. É que eu ainda tenho que ver um exemplo disso com meus próprios olhos. Eu vi horríveis, coisas horríveis. Eu vi perfeitamente as pessoas saudáveis terem ataques psicóticos. Completamente sem explicação. Poderia este ser contabilizado como possessão demoníaca? Sim. Poderia ser contabilizados como vampirismo? Talvez. Em minha opinião, realmente não importa como você rotulá-la. O que você tem é um evento inexplicável que está fora do disfarce de normal, portanto, *paranormal*. Se eu acredito que existem nas forças espirituais obscuras do universo que podem influenciar uma vida humana normal? Sim. Se você quiser chamar isso de vampirismo, você poderia. Mas eu enxergaria isso mais como os casos de possessão. Em outras palavras, veria como uma força espiritual das trevas que poderia ser exorcizada. Eu acredito que Deus é todo-poderoso e que qualquer força no mundo que não é positiva possa ser curada através da luz de Deus.”

Os olhos de Caitlin se abriram quando ela se sentiu encher de esperança, pela primeira vez.

“Você pode curar a minha filha?”

Ele olhou para ela por um longo tempo, um olhar rígido.

“Em primeiro lugar, lembre-se que eu não sou um curador.”

“Mas você tem curado pessoas. Quero dizer, você os tem ajudado, pelo menos. Você os ajuda todos os dias.”

“Sim, eu já ajudei pessoas. Agora, se eu posso ajudá-la... Eu teria que encontrá-la antes que eu pudesse dizer”, disse ele. “Mas eu sinto que nada é impossível. Eu não sei se eu posso curá-la”, disse ele, “mas eu tenho fé de que ela possa ser curada. Seja qual for a sua doença.”

Caitlin olhou para ele, transbordando de esperança.

“Por favor, pai. Eu daria qualquer coisa. Por favor, por favor, ajude a minha filha.”

Ele olhou para ela, demoradamente e com seriedade. Finalmente, ele disse:

“Traga-a para mim.”

## **CAPÍTULO DEZ**

Sage puxou o enorme portão de ferro se fechou atrás dele, sacudindo quando se fechou, em seguida, começou a sua caminhada pela calçada sem fim em direção à mansão de sua família, chateado consigo mesmo. Eles lhe pediram para cumprir uma missão simples, para o bem de todo o seu clã. E ele sinceramente pretendia. Mas, uma vez que a vira – Scarlet – tudo havia mudado. Ele não poderia mais fazer o que eles pediram.

Ele caminhou lentamente, chutando a lama, seus olhos na ponta dos pés, pensando. A entrada se estendia até onde a vista alcançava, forrada com enormes árvores de carvalho cujos ramos se arqueavam sobre ele, quase se tocando, suas folhas criavam uma mistura de

cores. Sage se sentia como se estivesse andando em um cartão postal sobre aquele belo, final de outubro, esmagando folhas sob seus pés, o sol da tarde iluminava tudo. Por um lado, isso o deixava feliz por estar vivo.

Mas, por outro, isso lhe dava mal estar, o deixava mais consciente de sua própria mortalidade do que nunca. Depois de tantos séculos, agora ele estava sendo confrontado com apenas algumas semanas de vida. Ele sabia que devia saborear cada dia mais do que nunca, aproveitar cada local, cada cheiro, gosto e experiência – sabendo que seria sua última vez. Ele queria agarrar tudo, mas ele sentia tudo escorregar por entre os dedos tão rapidamente. Era uma sensação estranha: ele havia vivido por quase dois mil anos – 1999 para ser exato e, ao longo dos séculos, ele nunca havia prestado atenção à passagem do tempo. Ele sempre teve certeza. Sentia que viveria para sempre.

Mas, agora, com apenas algumas semanas restantes para viver, tudo havia assumido uma importância suprema, uma urgência suprema. Finalmente, depois de tantos anos na terra, ele sentiu o que era ser mortal. Ser humano. Ser frágil e vulnerável. Era horrível, como uma piada de mau gosto.

Finalmente, ele percebeu o que os seres humanos passavam. Ele não conseguia entender como eles lidavam com isso, como eles viviam com a sua própria sentença de morte todos os dias. Isso o fez admirá-los ainda mais do que antes.

Ele, assim como todo o seu clã, sabia há séculos que havia um fim para sua existência. Ele sempre pensou que, quando chegasse a hora, ele iria lidar com isso graciosamente, teria tido o suficiente da vida, estaria cansado de todos os séculos, de todas as pessoas indo e vindo. Mas agora que o fim estava ali, ele queria mais tempo. Ainda não era o suficiente.

Sendo um Imortal, a vida de Sage era quase idêntica a de um ser humano: ele comia e bebia e dormia e acordava, ganhava energia a partir de alimentos e bebidas – assim como qualquer outro humano. A única diferença era que ele não podia morrer. Se ele não comesse ou bebesse, ele não morreria de fome; se ele se machucasse, ele iria se curar quase que instantaneamente. Ele não podia ficar doente.

Felizmente, o seu tipo não precisava caçar seres humanos ou animais – ou qualquer outra coisa – para sustentar sua energia vital. Eles poderiam coabitar pacificamente com eles. Alguns em seu clã já atacaram humanos por o esporte, para ter uma sensação semelhante às drogas: se eles quisessem, tarde da noite, eles poderiam se transformar em uma enorme criatura semelhante a um corvo, vagar pelos céus, dar um bote e envolver um ser humano com um abraço de suas enormes asas herméticos, mantendo-os assim por minutos até que eles tivessem esgotado toda sua energia psíquica e emocional. Eles os deixariam amarrotados no chão, em colapso, quando eles estivessem satisfeitos. Eles nunca realmente iriam mordê-los. Eles não precisam, quando eles deixavam suas asas apertadas em torno de um ser humano, retiravam toda a energia de que precisavam.

Claro, isso era completamente desnecessário para a existência de um Imortal. Aqueles de seu clã que faziam isso apenas para uma dose de adrenalina que durava apenas algumas horas, logo depois colapsavam. Sage sempre sabia dizer quando um de seu clã tinha alimentado – ele podia vê-lo no brilho de seus olhos, o rubor de suas bochechas. Alimentação humana era um esporte desnecessário e hedonista. E também era cruel, pois deixava a vítima humana psicótica. Por esta razão, o Grande Conselho tinha banido há séculos a alimentação com humanos. Nenhum de seu clã imediato participou. Afinal, quem queria chamar tanta atenção negativa?

Mas, ultimamente, as coisas estavam começando a mudar. Com apenas algumas semanas para viver, ele reparou que seu povo

estava agindo de forma diferente. Eles estavam todos ansiosos, agindo desesperadamente e fazendo coisas que nunca tinham feito. Ele tinha ouvido falar que, na noite passada, um do seu próprio clã tinha atacado um ser humano.

É claro que ele sabia quem era: Lore. Quem mais? Um primo distante, Lore foi era a ovelha negra de seu clã e tinha sido uma pedra no sapato de Sage há séculos. Ele era um viciado em energia, e adorava causar problemas para o seu clã onde quer que fosse. Ele também era um cabeça-quente, vingativo e totalmente imprevisível.

Sage continuou até a calçada, aproximando-se de sua casa – uma enorme mansão ancestral de mármore cercada por dezenas de hectares, à beira do rio. Eles tinham casas em todo o mundo, é claro; eles tinham grandes castelos e sobrados de mármore, fortalezas e ilhas inteiras. Mas de todas as casas ao redor do mundo, esta era a preferida de Sage. Escondida, longe de qualquer estrada principal, aninhada contra o tranquilo Rio Hudson, ali ele se sentia mais em casa. Ele gostava de se sentar na varanda, especialmente tarde da noite, sob a lua e observar o reflexo na água. Isso o fazia sentir como se ele fosse o último que restou no mundo. Lembrava-se, séculos atrás, durante a guerra revolucionária, de se sentar e observar as batalhas no Hudson.

Mas, agora, enquanto caminhava em direção à sua casa, em vez de estar cheio de alegria, ele estava com medo. Seu clã tinha apenas recentemente se mudado de volta para lá e, na visão de Sage, fora um ato de desespero. Ele queria viver seu tempo remanescente em paz. Em vez disso, o clã tinha corrido de volta para aquele lugar, esperando, como sempre, encontrar uma cura para sua doença, para prolongar sua vida útil. Sage sabia que era ridículo, um esforço inútil: eles estavam em busca de uma cura desde que ele podia se lembrar – e nunca, nem uma vez, em nenhum canto remoto do mundo, a encontraram. Eram pistas falsas, becos sem saída. Em sua opinião, a cura era apenas um mito, uma lenda. Não havia

nenhuma maneira de estender sua vida útil. Ela iria acabar, apenas isso.

Sage estava resignado a isto. Ele só queria viver a sua vida e aproveitar o que ele tinha, ao invés de perseguir desesperadamente mitos e fábulas.

Mas outros em seu clã pensavam de forma diferente. Especialmente seus pais. Mais uma vez, eles afirmaram ter sentido o último vampiro remanescente na Terra, a adolescente mítica que seria a chave para a cura. Sage tinha ouvido isso antes, muitas vezes. Mas, desta vez, eles estavam falando sério. Eles haviam se mudado todos de volta para lá na esperança de encontrá-la – e pior, eles tinham atribuído Sage para ser o único a ganhar a confiança dela. Para saber se ela tinha a chave – e ter certeza de que ela a desse para ele. Porque a lenda dizia a chave tinha de ser dada livremente e não simplesmente tomada.

O que mais incomodava Sage sobre tudo isso era que, mesmo se tudo fosse verdade, mesmo que ela fosse garota certa, mesmo que ela tivesse a chave, que ele conseguisse ganhar a confiança dela e pegar a chave – ainda havia a próxima parte. Porque, para que a cura funcionasse, a garota vampiro tinha que ser morta. O pensamento lhe causava repulsa. Ele nunca tinha matado uma alma – não em dois mil anos – e ele não planejava começar agora. Especialmente uma adolescente.

Se pensasse sobre a garota que ele tinha visto no refeitório naquele dia, Scarlet, ele se sentia ainda pior. Ela era a garota mais bonita que ele já tinha visto e só o pensamento dela lhe dava um frio no estômago. Ele se sentia horrível por ter recebido a tarefa de ganhar a confiança dela, para descobrir seus segredos – para potencialmente matá-la. Era contra tudo o que ele acreditava. Ele iria manter as aparências para agradar seus pais e seu clã, mas ele já sabia que preferia se matar do que prejudicá-la.

O que o incomodava mais era que, quando a viu, pela primeira vez em toda a sua existência, ele realmente sentiu algo incomum: sentiu que estava na presença de outro ser imortal. Ele soube imediatamente que ela não era uma da sua raça. O que significava que ela só pode ser uma coisa: um vampiro. O último vampiro remanescente na Terra.

O pensamento lhe enviou um arrepio pela sua espinha. Apesar de tudo, ele temia que seu clã a tivesse encontrado e que a lenda fosse real. O que significava que uma cura poderia estar lá fora. Por que agora? Com apenas algumas semanas restando? Naturalmente, ele queria viver, assim como todos os outros. Mas ele nunca iria querer viver à custa de outra pessoa. Especialmente à custa *dela*.

Quando Sage abriu a enorme porta arqueada da frente, ele foi saudado pelas atividades comuns da casa: como de costume, os membros do clã se espalhavam em torno do lugar, pela grande sala, sentados em cadeiras e sofás, lendo livros encadernados em couro antigos, ou andando por aí e passeando no pátio. Ele tinha perdido a conta de quantos primos ele tinha, mas ele sabia que pelo menos uma dúzia deles tinha voltado com eles para aquela enorme mansão. Ser um Imortal tinha suas vantagens e o tempo tinha sido bom para eles: nenhum deles parecia mais velho do que 18. Uma mistura de meninos e meninas, enquanto todos estavam perto de 2.000 anos de idade, como ele, ninguém jamais adivinharia. Todos tinham belos rostos esculpidos, com perfeição, sem falhas, parecia que eles poderiam enfeitar capas de revistas. Alguns estavam vestidos com a última moda – calças jeans apertadas e jaquetas de couro justas – enquanto outros usavam trajes tradicionais de outros séculos, como longos casacos de veludo preto com golas altas. Todos estavam bem vestidos, era como entrar em uma sessão de modelos.

Sage examinou a sala, à procura de qualquer sinal de Lore. Era seu primeiro dia de volta ali, e ele não podia acreditar que Lore já havia tido a audácia de sair e atacar um ser humano. A presença de Sage

já estava comprometida; Lore tinha conseguido causar problemas, tornar a vida mais difícil para ele, deixa-los mais ainda em evidência naquela cidade.

Ele olhou com cuidado, mas não viu nenhum sinal dele, ele era provavelmente estava fora de casa, curtindo o efeito de drogas. Provavelmente, deitado no telhado, se ele bem o conhecia.

“Mamãe e papai querem vê-lo,” de repente veio uma voz.

Sage se virou e viu passando por ele, sua irmã mais velha, Phoenicia. Com cabelos pretos longos e lisos e grandes olhos negros, ela não parecia em nada com Sage. Ela também não agia nada parecido como ele. Ela poderia ser competitiva, ciumenta e territorial. Ao longo dos séculos, os dois tiveram um relacionamento complicado, muitas vezes repleto de tensão. Sage sentiu que ela estava sempre concorrendo com ele, sempre tentando chamar a atenção de seus pais, brilhar mais do que ele. Isso foi bom para Sage – ele poderia se importar menos com a atenção de seus pais – mas, ainda assim, eles sempre pareciam estar a favor dele, o que a deixava louca. Ela descontava nele. Ela parecia perpetuamente brava com ele e nada parecia mudar.

Ela também poderia ser controladora e manipuladora. Ele nunca sabia o que esperar em relação a ela e muitas vezes sentia como se tivesse que pisar em ovos. Mas, ao mesmo tempo, às vezes ela poderia surpreendê-lo e ser inesperadamente doce e vulnerável, pegando-o totalmente desprevenido. Às vezes, ela até lhe contava segredos. Ele nunca sabia o que esperar.

“Eu vi você na escola hoje”, ela relatou.

Ele ficou chocado; ele não tinha ideia de que ela estava espionando. Ele se perguntou se ela fez isso por conta própria ou se seus pais a tinham enviado como espiã, para manter o controle dele.

“Você nem mesmo tentou falar com ela. Eu disse a mamãe e papai, eles estão muito chateados. Prepare-se”, disse ela, e depois saiu com pressa.

“Obrigado”, ele respondeu. “Sabia que podia contar sempre com você ara falar bem de mim.”

Ela era exatamente assim, já causando atrito entre ele e seus pais já. Já o avaliando. Seu rosto ficou vermelho com a frustração. Ele estava ressentido com ela e com seus. Ele não sabia com quem ele se ressentia mais. Não só porque eles estavam todos de olho nele e pressionando-o.

Sage correu através das vastas salas cavernosos da mansão, atravessou uma porta em arco, e entrou em um corredor sem fim, em uma sala vazia com piso em toda a superfície de madeira, até a grande escadaria de mármore e, finalmente, chegou um conjunto de arco com portas duplas. O escritório de seus pais.

Bateu três vezes e aguardou esperou.

“Entre”, veio a voz silenciosa de seu pai. Ele já podia sentir que ele estava infeliz. Ele se preparou para entrar.

Sentado atrás da mesa ampla estavam seu pai e sua mãe. Estavam ambos sentados em cadeiras de couro de espaldar alto, olhando para ele, com frieza. Eles não pareciam felizes. Claramente, eles esperavam que Sage viesse correndo para casa da escola para informá-los imediatamente. Ele podia sentir como eles estavam impacientes, ansiosos. O fim de vida útil também chegaria para eles. Eles não tinham tempo a perder e estavam com raiva por terem perdido um dia precioso.

Eles estavam certos. Ele não tinha se apressado para voltar para casa. Ele sequer tinha pegado seu carro naquele dia, tinha escolhido andar. Ele caminhou pelo terreno da escola, atravessou a cidade, em seguida, fez uma longa caminhada, lentamente, de volta para casa.

Ele queria um tempo para pensar, para processar tudo, para entender seus sentimentos por aquela menina. O que ele sentiu o aterrorizava. Era uma sensação de uma conexão profunda, um profundo amor por ela.

*Por que agora? Ele se perguntou . Por que agora, com apenas algumas semanas para viver? Quando não há mais tempo para o seu amor para florescer? Por que ele tinha que conhecê-la agora? Por que não podiam ter se encontrado séculos antes?*

“Por que a demora?”, Perguntou o pai dele, sem perder tempo.

“Feche a porta,” sua mãe mandou. Claramente, nenhum dos dois estava com disposição para brincadeiras.

Sage fechou a porta atrás dele, se apressando para arranjar respostas potenciais em sua cabeça. Ele estava ressentido, depois de todos aqueles séculos, ainda ter que responder a eles. De alguma forma, parecia ser um mal necessário, apenas parte de como as coisas funcionavam. Era especialmente inquietante porque eles, sendo Imortais, pareciam ter sua idade, dificilmente aparentavam mais de 18 anos.

Ele atravessou a sala e sentou-se em frente a eles. Sentiu como se fosse uma criança novamente e isso o irritava. Ele considerou as respostas possíveis e decidiu que era melhor, por enquanto, apenas deixa-los à vontade.

“Eu sinto muito”, disse ele.

Eles o encararam de volta, sem se preocupar em responder.

“Você está em uma missão,” o pai o lembrou severamente. “Não temos tempo. Você não está ciente disso?”

“Estou ciente.”

“Então, por que a demora?”, replicou sua mãe, impaciente.

“Eu perdi a noção do tempo”, ele mentiu.

Sua mãe balançou a cabeça.

“Assim como sua irmã. Um sonhador. Vocês ainda não percebem, não é? Em poucas semanas você estará morto. Nós todos estaremos mortos. Isso não quer dizer nada para você?”

“Eu fiz o que você me pediu”, respondeu ele. “Eu fui lá. Eu estava na escola. Eu a vi.”

“E?” Seu pai cutucou.

Ele fez uma pausa.

“Eu não tive a chance de falar com ela ainda”, disse ele.

Seus pais se endireitaram em suas cadeiras, indignados. Eles estavam prestes a falar, mas ele os cortou.

“A escola estava lotada”, disse Sage. “Ela estava cercada por amigos. Não havia nenhuma maneira de me aproximar dela de uma forma imperceptível. Ela não ficou sozinha nem por um segundo. Sinto muito. Talvez amanhã haja mais oportunidade.”

Seu pai balançou a cabeça lentamente, parecendo desapontado.

“Eu sabia que nós cometemos um erro ao escolher você para esta tarefa. É exatamente como sempre foi. Desculpas. Os atrasos. Você não entende !?” de repente, ele gritou. “Esta não é uma missão de gentilezas! É uma urgência!”, Ele bateu com o punho na mesa, sacudindo o vaso de porcelana sobre ela.

Um silêncio tenso caiu sobre a sala. Sage queria gritar de volta, mas achou melhor manter a calma por enquanto. Se ele queria salvar

Scarlet, ele tinha que manter a calma e desviar a atenção para longe dela.

“Eu não estou convencido de que seja ela, de qualquer maneira”, disse Sage. “Sinto-me confiante de que, mais uma vez, você está perdendo seu tempo”, ele mentiu.

“Isso quem decide somos nós”, sussurrou a mãe, “não você.”

De repente, ela se levantou de sua cadeira e caminhou pela sala, parecia distraída.

“Se você não pode concluir esta tarefa, então vamos escolher alguém que possa. Você tem muitos primos competentes que ficariam mais do que felizes em terminar o trabalho.”

“Sim, você tem muitos para escolher que poderiam matá-la com bastante facilidade”, disse Sage. “Mas quantos você tem que poderiam ganhar a sua confiança? Quem pode levá-la a oferecer a chave de bom grado? Afinal, a chave não pode ser tomada. E matá-la sem a chave é inútil, não é? Então você precisa de mim. Você sabe que sim.”

Ele sabia que era verdade. Afinal, ele estava certo: ele sempre foi conhecido por seu tato, sua capacidade de ganhar a confiança. Isso porque ele era sincero. Nenhum de seus primos tinha essa característica.

“Se ela não é a que procuramos, como você acha”, disse o pai, “então não importa de qualquer forma, não é? Nesse caso, podemos muito bem apenas matá-la. Talvez eu deva enviar Lore para cuidar dela agora?”

Sage corou ao ver que seu blefe não funcionara.

“O que você ganharia com isso?” Sage perguntou, cuidadoso.

“Por que você se importa?”, Sorriu de volta seu pai. “A menos que você tenha alguma razão para protegê-la?”

Sage se avermelhou. Como de costume, o tinham apanhado, tinha conseguido coloca-lo contra a parede. Ele tinha que pensar rápido. Ele limpou a garganta.

“Tudo o que eu estou pedindo”, começou ele, “é para me dar mais um dia. Certamente mais um dia não é muito a pedir. Essas coisas levam tempo. Vou cumprir a missão. Vou descobrir seus segredos. E se for ela a que procuramos, eu vou fazê-la me passar a chave.”

“E então, vamos matá-la”, acrescentou a mãe.

Ele olhou de volta para ela, seus olhos se escureceram. Ele havia ouvido o suficiente.

“Você vai ter o que quiser, mãe”, disse ele de volta com frieza. “Afinal, você sempre consegue, não é? Mas e se esse truque não funcionar. E se, como o resto de nós, você morrer em poucas semanas? Então o quê, mãe? Então, quem vai sobrar para você dar ordens?”

Com isso, Sage se levantou, se virou e se dirigiu para fora do quarto.

“Sage, volte aqui!” Gritou o seu pai atrás dele.

Mas ele estava de saco cheio. Ele saiu do quarto e fechou a porta atrás de si. Não poderia continuar escutando aquelas vozes por mais tempo.

Quando fechou a porta atrás dele, ele olhou para cima e viu, ali, seu primo. Lore. Ele estava sorrindo para ele com um sorriso maligno, com os olhos vidrados em uma névoa de drogas. Lore era oito centímetros mais alto que Sage, quase um e noventa de altura, tinha ombros largos e uma mandíbula quadrada. Ele o zombou, vestia sua jaqueta de couro preta, tinha a barba por fazer.

“Olá, primo”, disse ele.

Sage precisou de muito esforço para controlar sua raiva.

“Escutando pelas paredes de novo?” Perguntou Sage.

Lore apenas abriu um amplo sorriso.

“A sua nova missão. Scarlet é o nome dela?”, Seu sorriso se alargou.  
“Ela parece deliciosa. Não se preocupe, se você não consegue acabar com ela, eu acabo”.

Sage queria matá-lo ali mesmo, com as próprias mãos.

Mas ele não podia.

Então, em vez disso, ele se obrigou a ir embora, batendo o ombro de Lore com força quando ele passou por ele.

Sage precisava manter o foco. Mais do que tudo, ele precisava desviar a atenção daquela garota.

Porque no fundo, no seu coração, ele sabia que Scarlet era a pessoa certa. A chave para a sobrevivência de seu clã.

E ele faria tudo em seu poder para salvá-la.

## **CAPÍTULO ONZE**

Scarlet chegou da escola sentindo-se extremamente ansiosa. Ela ainda estava revivendo em sua cabeça aquele fatídico momento no

refeitório, quando Blake estava prestes a convidá-la para o baile e Vivian interrompeu. Ela ficava tão furiosa só de pensar nisso. Parecia óbvio que Blake gostava dela; mas, por algum motivo, ele simplesmente não tinha coragem para enfrentar Vivian. Era como se ele tivesse medo de deixá-la brava.

Ela odiava isso em Blake. Ela estava totalmente obcecada com o relacionamento deles, mas odiava o fato de que ele não tinha coragem para enfrentá-la, para defender o que ele realmente queria, apesar do que os outros pensavam. Scarlet sentia que ela merecia um cara que não tivesse medo de expressar seus sentimentos por ela, na frente de qualquer pessoa, não importando as consequências, que não tivesse medo de simplesmente caminhar até ela e convidá-la para o baile.

Por que era tão difícil? Por que os meninos sempre tinham que ser cautelosos, sempre escondendo o jogo? Por que não podiam escolher apenas uma menina sem pensar duas vezes? Por que eles sempre parecem manter suas opções em aberto, sempre mantendo um olho em outra, caso não dê certo?

Scarlet bufava enquanto apressava seus passos, através da ampla varanda da frente e entrou em sua casa. O clima do final de outubro estava começando a aparecer, com a queda de temperatura. Uma brisa fria a perseguiu por todo o caminho da escola para casa, estava confortável e quente lá dentro.

Quando ela entrou, Ruth latia histericamente, choramingando e pulando sobre ela, dançando em círculos, muito animada. Como sempre, uma vez que ela visse Ruth, todos os seus problemas desapareciam. Ela se ajoelhou e lhe deu um grande abraço, beijando-a por todo o rosto.

O cheiro de comida quente flutuava pela casa e, assim que Scarlet se levantou, ela percebeu o fogo na lareira. Ela estava começando a se sentir à vontade novamente. Não havia nada que ela amasse

mais do que uma lareira e o fato de que havia fogo só significava uma coisa: papai chegou em casa do trabalho antes da hora do jantar.

“Primeiro fogo do ano!” Caleb anunciou quando entrou na sala, com um sorriso satisfeito no rosto, carregando um pequeno embrulho de toras e colocando-as ao lado da lareira. “O que você acha?”, perguntou ele, quando se aproximou e lhe deu um abraço.

Ela lhe deu um grande abraço também, emocionada por ele estar em casa. Ela adorava seu pai mais do que qualquer coisa e sua presença era sempre tão reconfortante em sua vida.

“Estou surpresa”, disse ela. “Você geralmente espera até que chegue o Dia de Ação de Graças.”

“Eu sei”, respondeu ele. “Mas ficou tão frio, que eu pensei por que esperar? Afinal de contas, é praticamente novembro.”

“Eu amo isso”, disse Scarlet. “Nunca será cedo demais para acender a lareira para mim.”

Ruth parecia sentir o mesmo, ela caminhou até a lareira e se enrolou em uma bola a poucos centímetros de distância.

“Como você está se sentindo?”, Perguntou Caleb, olhando para ela com sinceridade.

Scarlet odiava quando ele olhava para ela assim, tão preocupado. Ela não queria que ninguém se preocupasse com ela. Ela saiu para se dirigir à sala de jantar.

“Eu estou bem”, ela retrucou e imediatamente se sentiu mal, soando um pouco nervosa demais. “Não se preocupe comigo. Sério. Era só uma gripe ou qualquer outra coisa.”

“Eu não estou preocupado com você”, disse Caleb. “Eu sei que está bem. Mas sua mãe está preocupada”.

Scarlet olhou para ele, de repente, pensando melhor e temendo ver sua mãe. A última coisa que ela queria era uma sessão de preocupação no momento.

“Como ela está?”

Caleb deu de ombros.

“Ela está um pouco abalada. Você nos deu um susto. Mas ela vai ficar bem.”

O estômago de Scarlet revirou com o pensamento do jantar à frente. Ela já podia imaginar quão preocupada sua mãe estava e ela realmente não queria ficar perto dela agora. Sua mãe já havia mandado mensagem para ela três vezes naquele dia para perguntar como ela estava. Era irritante. Ela apreciava o quanto seus pais se importavam, mas, ao mesmo tempo, podia ser sufocante. Ela só queria que eles confiassem nela, acreditassem que ela estava bem.

Ela correu para a sala de jantar e Ruth se levantou e os acompanhou. A mesa estava lindamente decorada com flores frescas no meio e cheia de comida. Um grande frango assado estava no centro e havia, aos lados, purê de batatas, molhos, milho, feijão verde...

Parecia a ceia do jantar de Ação de Graças. E o cheiro era delicioso.

Quando Caleb entrou atrás dela, de repente, a mãe dela entrou através das portas duplas, levando uma pequena tigela de molho. Ela olhou para cima e viu Scarlet, surpresa. Então ela sorriu de volta.

“Bem na hora”, disse ela.

Ela colocou o molho, se aproximou e parou diante de Scarlet, levantando sua mão para afastar o cabelo do rosto dela, como ela costumava fazer quando Scarlet era uma garotinha.

“Como você está se sentindo?”, perguntou ela com seriedade. “Eu fiquei preocupada com você o dia todo.”

Scarlet só queria que toda aquela conversa acabasse. Ela realmente não queria pensar nisso.

“Eu estou bem, mãe, de verdade. Por favor, não se preocupe comigo.”

Caitlin olhou nos olhos dela e Scarlet podia ver que ela não estava convencida.

“Vamos comer,” Scarlet disse, impaciente, se livrando do incômodo da mãe.

Os três se sentaram à mesa, Caleb na ponta e Scarlet e Caitlin uma de frente para a outra em cada lado dele, Ruth sentou-se ao lado de Scarlet. A primeira coisa que Scarlet fez foi pegar um pedaço de carne e, quando ninguém estava olhando, ela estendeu a mão e deu para Ruth. Ela sabia que seu pai ia ficar bravo, então ela fez isso furtivamente.

Mas Ruth a entregou, estalando os lábios com força no enorme pedaço de carne. Caleb olhou para baixo e depois para Scarlet.

“Scarlet”, disse ele ameaçadoramente, percebendo.

“Foi apenas um pequeno pedaço...” ela começou.

“Eu acabei de alimentá-la”, disse o pai. “Ela vai ficar gorda.”

“Desculpe.”

Ele deixou aquilo para lá. Estendeu a mão e começou a servir porções no prato dela, em seguida, para Caitlin e depois para ele mesmo. Uma vez que o prato estava cheio, Scarlet levantou sua mão para pegar uma primeira mordida, quando, de repente, sua mãe limpou a garganta.

“Eu acho que, antes de comer, todos nós devemos dizer graça juntos.”

Scarlet olhou para seu pai, que olhou para ela, igualmente atônito. Eles nunca tinham rezado uma vez sequer em todo o seu tempo juntos como uma família.

O que tinha acontecido com sua mãe? Scarlet se perguntou.

O pai dela lentamente largou o garfo e Scarlet, relutantemente, abaixou o dela. Sua mãe abaixou a cabeça e Caleb também. Scarlet se recusou, irritada. Já era o suficiente. Claramente, aquilo era sobre ela estar doente. Por que não sua mãe não podia apenas seguir em frente?

“Querido Senhor. Obrigada por nos abençoar com esta bela refeição. Obrigada por nos abençoar com uma família tão linda. E obrigada por manter todos nós seguros e protegidos. Por favor, continue a cuidar de nós e nos manter saudáveis. Amém. ”

“Amém”, Caleb respondeu.

Scarlet, que ainda estava brava e se sentindo o centro das atenções, não respondeu. Depois de um longo dia sendo o centro das atenções na escola, esta era realmente a última coisa que ela precisava. Ao invés disso, ela suspirou, estendeu a mão e tomou sua primeira mordida. A comida, pelo menos, estava deliciosa.

Os três deles ficaram ali sentados em um silêncio constrangedor, comendo. Naquele ponto, Scarlet só queria terminar o jantar, ir para seu quarto e fechar a porta, se isolando do mundo. Ela só queria ir

no Facebook e se descontraír. Ela ainda estava se recuperando de seu dia.

Enquanto jantava, ela não conseguia parar de pensar sobre o baile de sexta-feira, e não conseguia parar de imaginar se Blake tinha convidado Vivian. Ou, se não, se ele teria coragem para convidá-la amanhã. O que ela faria se ele não a chamasse? Será que ela iria sozinha? Será que ela deixaria de ir? Será que ela deveria tomar a iniciativa e convidar Blake? Não, ela não poderia fazer isso.

Para deixar tudo ainda mais preocupante era o fato de que, por algum motivo estranho, ela também não conseguia parar de pensar sobre o novo garoto que ela vira naquele dia. Sage. Ela não parava de pensar naquele sentimento engraçado que ela teve quando o viu, quando seus olhos se encontraram – como se fosse um choque elétrico. Era diferente de tudo que ela tinha experimentado antes. Ela não compreendia aquilo e isso a assustava. Por que ela estava mesmo pensando nele? Uma parte dela ansiava para vê-lo de novo e outra parte esperava que ela nunca mais o visse.

Scarlet estava começando a se sentir muito confusa, oprimida por todas as emoções que rodeavam em torno e dentro dela. Ela estava se sentindo ansiosa. Só queria que amanhã chegasse logo, queria obter respostas, resoluções, saber o que ia acontecer.

“Scarlet?” Veio a voz de sua mãe.

Scarlet olhou para cima, interrompendo seus pensamentos.

“O que você está pensando?”

Scarlet fez uma pausa, se perguntando se ela iria contar alguma coisa.

“Nada”, ela finalmente disse. Ela realmente não queria falar sobre a dança, ou Blake, ou o novo garoto. Ou qualquer coisa. Ela só queria que o dia terminasse.

“Como foi a escola hoje?”, Perguntou o pai.

“Tudo bem, eu acho.”

“Não teve problema por você ter chegado atrasada?”

Ela encolheu os ombros.

“Eu só perdi uma aula. Não é nada demais. Eu peguei o dever de casa. Algumas pessoas me perguntaram o que aconteceu, mas depois deixaram isso para lá. De qualquer forma, ninguém realmente se importou muito – o pessoal estava mais ocupado falando sem parar sobre a Tina”.

“Tina?”, Perguntou o pai.

“Uma menina da minha classe. Aparentemente, ela meio que enlouqueceu ontem à noite ou algo assim.”

Seu pai olhou para a mãe dela em surpresa e ela acenou de volta.

“Eu li sobre isso no jornal esta manhã”, disse ela, olhando diretamente para Scarlet. “Ela era uma amiga próximo de você?”

“Eu mal a conhecia,” Scarlet respondeu.

“O que aconteceu?”, Perguntou o pai.

“Aparentemente, ela entrou em parafuso ontem à noite,” Scarlet disse. “Ficou louca. Ela está no hospital ou algo assim.”

“Os jornais disseram que um animal a atacou”, acrescentou a mãe dela.

Seu pai olhou para ela, com os olhos arregalados.

“Um animal?”

“Isso é o que disse o jornal. Mas ninguém realmente sabe. E aconteceu a poucos quarteirões de distância da gente.”

Quando ela disse isso, sua mãe olhou para Scarlet, como se a examinasse, como se estivesse perguntando algo. Isso começou a assustar Scarlet. Mais uma vez, Scarlet sentiu um peso em seu estômago, ela ficou com medo que talvez tivesse cruzado com Tina naquela noite. O momento do ocorrido era estranho. Ela olhou de volta para sua comida, só querendo terminar rápido.

Todos eles continuaram a comer em silêncio.

“Eu fui à igreja hoje”, a mãe dela, de repente anunciou.

Scarlet parou no meio da mastigação, atordoada. Ela percebeu que o pai dela também tinha congelado. Os dois trocaram um olhar.

Scarlet nem sabia como responder. Igreja? Ela nunca tinha estado em uma igreja em sua vida e nem sabia que sua mãe ia. Ela estava começando a se preocupar seriamente se a mãe dela estava ficando louca ou tendo algum tipo de colapso nervoso. Ela ficar doente havia deixado ela tão abalada assim? Ou havia algo mais acontecendo com ela?

“Por quê?”, Perguntou Scarlet, quebrando o longo silêncio.

“Eu senti a necessidade de falar com alguém”, disse ela, “sobre o que aconteceu ontem. A ideia de perder você...”

Os olhos da mãe dela, de repente, se encheram de lágrimas e ela enxugou uma lágrima no canto do olho.

Scarlet sentiu um peso em seu estômago.

“Mãe, eu estou bem”, disse ela, mais nervosa do que queria parecer. “Sério. Não há nada de errado comigo. Deus. Por que você está fazendo tanto drama?”

“Eu fui ver o Padre McMullen. Lembra-se dele? Ele se lembra de você. Ele conheceu você quando você era criança.”

“Eu não me lembro nem mesmo de ir à igreja,” Scarlet disse.

“Quando você era pequena, nós a levamos algumas vezes. De qualquer forma, ele disse que queria vê-la”.

Scarlet olhou para sua mãe como se ela tivesse duas cabeças. Quem era essa pessoa que estava em sua mesa de jantar?

“Ele quer me encontrar? Por quê? O que você está falando?”

“Eu disse a ele sobre você e sobre a nossa família, sobre o que aconteceu e ele achou que seria uma boa ideia para conhecê-la melhor.”

“Por quê?” Scarlet insistiu, levantando a voz. Agora ela estava ficando louca. O que sua mãe tinha para sair falando sobre ela para o sacerdote?

“Caitlin, o que você está falando?”, Seu pai interveio, repousando o garfo.

“Existe alguma coisa tão terrível sobre me encontrar com um padre?”, perguntou ela. “E sobre ir à igreja?”

“Eu não vou à igreja”, disse Scarlet. “Olha, eu não fui durante toda a minha vida. Por que eu deveria começar a ir agora? Porque eu fiquei doente? Porque eu desapareci por algumas horas?”

“Scarlet”, disse sua mãe, “por favor. Eu estou pedindo que você me faça um favor. Eu nunca pedi nada demais a você. Eu só estou pedindo uma coisa. Por Favor. Eu estou preocupado com você. Eu quero que você venha comigo à igreja. Eu quero que você conheça o Padre McMullen.”

“Para que?” Scarlet retrucou, sentindo seu coração batendo forte dentro do peito. “Eu não entendo. Como eu disse, eu estou bem.”

Sua mãe estava perdendo a cabeça? Sua família estava ficando louca?

“Você não sabe”, disse sua mãe.

“O que você está dizendo: eu não estou bem?”

Scarlet sentiu-se tremendo por dentro.

“Caitlin e Scarlet, chega”, seu pai interveio. Ela ficou agradecida de que pelo menos ele estava tomando seu lado. “Só porque o evento abalou você...”

“Eu só quero que ela se encontre com o padre”, respondeu ela, levantando a voz, também, mais insistente do que nunca. “Por Favor. Basta fazer isso por mim. Ele pode curar você.”

Scarlet ficou em de pé, com o rosto vermelho de raiva.

“Curar-me de *que!*?”, ela retrucou, quase gritando.

A mãe dela só olhava para ela, em silêncio.

“Você está louca!” Ela gritou de volta para sua mãe. “*Você* está perdendo o juízo! *Você* é a única aqui que precisa ser curada! Sério. *Você* deveria falar com alguém. Como um psiquiatra ou algo assim. Eu não preciso ser curada. Eu estou bem. Sinto muito se você me vê como uma espécie de aberração. Mas eu não sou. Estou perfeitamente normal!”, Ela gritou, como se estivesse tentando convencer a si mesma, também.

Scarlet irrompeu em lágrimas quando ela se virou e saiu da sala, correndo pelos degraus, chorando, Ruth em seus calcanhares.

Ela mal podia processar tudo. Ela não podia acreditar que sua mãe pensou que ela era pessoa doente. Como a necessidade de ver um padre. Para ser curada. O que isso queria dizer? O que ela acha que havia de errado com ela?

Quando Scarlet subiu correndo os degraus, ela entreouviu seus pais conversando, discutindo um com o outro. Ela ouviu seu pai defende-la e gritando com sua mãe, e ouviu sua mãe gritando de volta.

Scarlet chorou ainda mais. Ela sentiu como se toda a sua vida familiar estivesse desmoronando ao seu redor. Ela era a culpada? O que estava acontecendo? Parecia que foi ontem que tudo estava tão perfeito.

Scarlet correu pelo corredor e bateu a porta do quarto atrás dela. Ela ouviu os passos de sua mãe na escada, depois, no final do corredor, vindo em direção à sua porta.

“Scarlet, eu quero falar com você!”, gritou a mãe dela, fora de seu quarto.

“Vá embora!”, ela gritou de volta.

“Scarlet, por favor, abra a porta!”

Mas Scarlet ignorou. Ela trancou a porta, atravessou o quarto e se enrolou em sua cadeira favorita com Ruth em seu colo.

Scarlet ficou lá, se sentindo mais sozinha do que nunca, enquanto ela chorava e chorava. Depois de um longo tempo, finalmente, a voz de sua mãe desapareceu da porta. Scarlet, eventualmente, sentou-se, enxugou as lágrimas e estendeu a mão para pegar seu pequeno diário de couro branco de sua mesa. Ela costumava escrever nele todas as noites, embora ela não escrevesse há algum tempo. Agora, ela sentia que precisava. Ela tinha que entender o que estava acontecendo, aguentar aquelas emoções conflitantes.

Ela virou a capa, folheou as páginas e encontrou uma vazia. Ela estendeu a mão e agarrou sua caneta roxa favorita e, em seguida, inclinou-se e começou a escrever:

*Hoje foi o pior dia da minha vida. Eu acordei no hospital. Mal posso acreditar. Foi tão estranho. Cheguei em casa doente e depois desmaiei, e eu não me lembro de nada que aconteceu no meio. Mamãe e papai dizem que eu corri para fora da casa e que eu estive desaparecida por um tempo. O que realmente me assusta. Não me lembro de nada disso. Eu realmente queria saber onde eu fui. O que eu fiz. Se eu vi algum dos meus amigos. Felizmente, ninguém me viu.*

*Eu também estou assustado com o que aconteceu comigo. Eu estou doente? Foi sonambulismo ou algo assim? Será que vai acontecer de novo? Mamãe não esquece desse assunto. Ela fica me perguntando se estou bem e ela é tão preocupada. Agora ela quer que eu fale com um padre. Isso é tão chato. Eu não aguento ficar perto dela agora, eu nunca me senti assim antes.*

*O baile na sexta-feira está me deixando louca. Eu tinha certeza que Blake iria me convidar hoje. Tenho certeza que ele teria me chamado se não fosse por Vivian. Eu a odeio. Toda vez que Blake chega perto de mim, eu sinto que ela está esperando para roubá-lo. Eu não sei se ele a convidou. Ou se ele vai me convidar. Eu odeio bailes. Isso tudo é tão estúpido de qualquer jeito.*

*Eu gostaria de saber como Blake está. Passamos um tempo tão legal na outra noite, no cinema, no meu aniversário. Eu realmente quero estar perto dele. Eu quero que ele seja meu namorado. Eu realmente não sei se ele sente o mesmo. Ele não está a fim de mim? Ele está interessado na Vivian? Eu fiz algo errado?*

*E então há esse garoto novo. Sage. O que a Maria gosta. Foi tão estranho vê-lo hoje. Eu não sei como explicar. É como se eu o conhecesse. Eu gostaria de não ter olhado para ele. Ele é o território*

*de Maria, afinal de contas, e eu estou a fim do Blake. Ou não? Eu realmente não entendo como estou me sentindo e isso me incomoda mais do que qualquer coisa.*

*Eu preciso de respostas. Não vejo a hora de amanhã chegar.*

## **CAPÍTULO DOZE**

O dia seguinte, para Scarlet, chegou e passou muito rápido. Ela correu para ir para a escola, saiu mais cedo para que não tivesse que lidar com seus pais e suas aulas de manhã tinha passado como se fossem um furacão. Ela não tinha tido nenhum contato com Blake e quase não o viu. Ela pegou um vislumbre dele nos corredores, enquanto corria de uma sala para outra. Ela não tinha visto o novo garoto, Sage. E ela tampouco tinha visto Vivian. Foi apenas um dia longo e chato, que aumentou sua ansiedade, mantendo-a em suspense durante os minutos que passavam lentamente entre uma aula e outra.

Ela estava tão nervosa para a hora do almoço, com a expectativa de ver todo mundo no refeitório e esperar Blake se aproximar. Mas seu professor de ciências estúpido a tinha mantido depois da aula e, no momento em que ela chegou ao refeitório, ela só tinha alguns minutos para comer e não tinha encontrado ninguém. Ela estava furiosa com seu professor. Tinha certeza de que se tivesse chegado alguns minutos mais cedo ela iria ver Blake e ele a convidaria.

Agora, o dia estava quase no fim, faltavam apenas algumas aulas, Scarlet caminhou com Maria pelos corredores, indo em direção ao

ginásio e campos de jogos. Elas andaram pelo lado de fora da escola, era um belo dia de outubro, o sol brilhava por toda a parte, iluminando as folhas em um milhão de cores, ela andava ansiosamente com Maria pelos hectares de grama. Pelo menos ela tinha certeza de que, desta vez, ela iria ver Blake. Todos eles tinham educação física juntos. Várias classes reuniam-se no ginásio – cerca de cem alunos – mas, ainda assim, não havia nenhuma maneira que ele pudesse evitá-la, a menos que ele quisesse.

Pelo menos, finalmente, ela saberia o que ele realmente sentia. Se, por acaso, no final das contas, ele não quisesse levá-la ao baile, tudo bem – ela poderia pelo menos ficaria tranquila para ir com outra pessoa, ou nem iria mais, e seria capaz de parar de pensar só nesse assunto.

“Acha que vamos cair na mesma equipe?” Perguntou Maria, enquanto elas corriam para a grande multidão de alunos.

“Espero que sim.”

Scarlet não era exatamente a melhor atleta em campo. Ela não era a pessoa mais coordenada do mundo e ela nunca havia ficado em primeiro lugar, nem perto dele. Ela só não era tão competitiva quanto algumas das outras meninas. O professor de ginástica sempre deixava que os alunos se dividissem em equipes e escolhessem quem eles quisessem; Scarlet só esperava que ela ficasse na equipe de Maria.

Scarlet correu com Maria pela grama, era bom estar fora da escola e sob o céu aberto, enquanto iam se juntar na multidão. Enquanto isso, Scarlet ia examinando os campos, procurando Blake. Ela o viu ao longe, no campo ao lado, com os meninos, quando eles estavam dividindo as equipes para jogar futebol. Mas ele não estava olhando na direção dela e não havia como conseguir falar com ele. Ela teria apenas que esperar que ele viesse após do jogo.

“Ai meu Deus, ele está aqui”, disse Maria, de repente, em um sussurro animado. “Eu não posso acreditar nisso. Não olhe, mas eu acho que ele está olhando para mim.”

A princípio, Scarlet estava confusa, mas então ela olhou para o outro lado e viu alguém: Sage. Ela olhou mais uma vez. Lá estava ele, com as mãos nos bolsos da jaqueta, que está sozinho nos bastidores, observando. Ela não podia acreditar. Ele estava ali. E estava olhando diretamente para ela.

Ela se viu completamente encantada com a visão dele e precisou desviar o olhar.

“Eu estou morrendo”, disse Maria. “Ele ainda está me olhando?”

Scarlet tentou pensar em como expressar isso sem ferir seus sentimentos.

“Hum ... eu realmente não sei dizer”, disse ela.

Enquanto andavam através da multidão de meninas e viam quem estava em campo naquele dia, Scarlet sentiu uma sensação de pavor. Claro. Ali estava Vivian, já se aquecendo, praticando suas habilidades de futebol, chutando com destreza para frente e para trás entre suas amigas. Todas as garotas populares pareciam ser não apenas líderes de torcida, mas também jogadoras de futebol profissionais; de algum jeito, era o destino de Scarlet estar sempre à mercê para ser escolhida, pois uma das garotas populares sempre era inevitavelmente responsável pela formação dos times.

O treinador, de repente, soprou um apito e as meninas se reuniram ao seu redor, se preparando para serem escolhidas.

“Vivian e Doris são capitães de equipes hoje. Elas que vão escolher”, o treinador anunciou.

*Claro*, Scarlet pensou.

A divisão de times começou e, do grupo de cerca de vinte meninas, Scarlet foi quase a última a ser escolhida. É claro que ela foi escolhida por Doris, não por Vivian. Mas, felizmente, pelo menos Doris escolheu Maria para ficar em sua equipe, também.

O treinador soprou outro apito e Scarlet saiu correndo para o campo com as outras meninas, que estavam todas gritando e berrando quando a bola de futebol foi colocada em jogo. Todas elas corriam para frente e para trás, chutando a bola de uma para a outra, passando habilmente. Scarlet estava distraída, olhando para cima, tentando localizar Sage. Ele ainda estava olhando para ela. Para ela e mais ninguém.

Scarlet se forçou a desviar o olhar, se concentrar. Ela mal sabia o que fazer.

Ela correu para acompanhar a ação, mas se viu um pouco sem fôlego, não estava em sua melhor da forma. Momentos mais tarde, porém, a bola se afastou do amontoado de pessoas e, para a surpresa de Scarlet, ela foi para direto para ela. Seu coração começou a bater. Isso nunca tinha acontecido antes, ela mal sabia o que fazer.

Ela começou a chutar a bola campo abaixo, correndo com ela. Não havia ninguém ali perto e, surpreendentemente, ela logo se encontrou na faixa da grande área. Ela sentiu seu coração disparar quando percebeu que aquela talvez fosse sua primeira oportunidade de marcar um gol.

“Vai Scarlet!” Maria a incentivou atrás dela.

O objetivo estava à vista, e não havia ninguém entre ela e o goleiro.

Scarlet tomou mais alguns passos e se preparou para chutar.

De repente, ela sentiu uma pontada afiada em seu tornozelo, sentiu seu pé ser chutado debaixo dela e caiu com força sobre a grama.

“Foi falta!”, Gritou Maria para o treinador. Mas ele a ignorou e deixou o jogo continuar.

Scarlet olhou para cima e viu Vivian de pé sobre ela, sorrindo.

“Desculpe”, disse ela com sarcasmo. “Devo ter pensado que você era a bola.”

Vivian, sorrindo, comemorou com uma de suas amigas e correu de volta para se juntar às outras. Maria estendeu a mão para Scarlet e ela a pegou. Ela se levantou lentamente, desorientada, seu tornozelo doía, e a lateral de seu corpo estava machucada com a queda. Acima de tudo, ela estava envergonhada: ela esperava que Sage não tivesse testemunhado isso.

“Deus, eu a odeio”, disse Maria. “Isso foi tão errado. Ela roubou totalmente o seu gol. Ela vai ver só.”

Scarlet ficou ali, bufando de raiva, indignada com tudo, de repente, ela começou a sentir algo que ela nunca havia sentido antes. Ela começou a sentir algo queimar dentro dela, que se espalhava por dentro. Um sentimento de maltrato e injustiça queimado dentro dela e ela começou a se sentir um calor subindo por suas veias. Ela podia sentir um formigamento nos braços; quase sentiu como se suas veias estivessem pulando para fora de sua pele.

Pela primeira vez em sua vida, ela sentiu um desejo ardente de vingança. Sua raiva queimava e ia ficando mais e mais forte, quando ela sentiu uma onda de energia através dela. Uma força sobre-humana. Nesse momento, ela sentiu que era capaz de tudo.

“Não”, disse Scarlet, surpresa com a força de sua própria voz. “Eu vou cuidar disso.”

Scarlet de repente começou a correr pelo campo, na direção de Vivian. Vivian estava a uns cinquenta metros de distância, mas algo estava acontecendo com Scarlet e ela se viu capaz de enxergá-la

muito bem, em detalhes. Ela nunca tinha tido uma visão assim antes.

Nem uma velocidade assim. Enquanto corria, era como se suas pernas corressem por ela. Era como se todo mundo estivesse correndo em câmera lenta e ela fosse uma gazela entre os alunos. Em poucos momentos, ela atravessou o campo inteiro e estava se aproximando rapidamente de Vivian.

Vivian, é claro, estava com posse de bola e estava indo para o outro lado do campo. Ela nem viu Scarlet em sua direção.

Scarlet chutou a bola debaixo de Vivian, lançando-a para outro lado e, em seguida, ela se virou, tudo em um piscar de olhos e, a cerca de dez metros de distância a chutou com força na direita na Vivian.

A bola saiu voando em linha reta e bateu Vivian direito no estômago. Ela tombou, na grama, segurando seu estômago, quando o treinador soprou o apito. Várias meninas vieram correndo até Vivian, ajudando-a, certificando-se de que ela estava bem.

Vivian ficou em pé, estava bem, mas envergonhada. Ela olhou para Scarlet com um olhar de morte.

Scarlet ficou lá parada, sorrindo de volta e sentindo a vingança.

“Você é uma bruxa”, disse Vivian ameaçadoramente.

Ela se aproximou, mas agora, Scarlet estava completamente sem medo. Pelo contrário, ela sentia uma energia diferente de tudo que ela conhecia e estava desejando um confronto.

Vivian se lançou em Scarlet, com suas unhas na direção de seu rosto. Mas, antes que pudesse chegar perto, várias de suas amigas a agarraram para trás, puxando-a.

“Vivian, não vale a pena”, disse uma amiga.

Mais meninas ficaram entre elas, e, lentamente, com relutância, Vivian recuou.

“Você está morta”, Vivian gritou, apontando para ela.

Scarlet olhou para o canto e viu Sage ainda está lá, olhando para ela. Agora, ele tinha um pequeno sorriso no rosto.

O treinador soprou o apito e, novamente a bola foi colocada em jogo. Uma das amigas de Vivian conseguiu obtê-la, e, em vez de movê-la para frente ela passou para Vivian, armando um ataque.

Vivian se afastou do gol e se preparou para chutar diretamente em Scarlet.

Mas Scarlet, com seus novos reflexos, sentiu a bola chegando. Enquanto Vivian se preparava para chutar, Scarlet, a cerca de dez metros de distância explodiu em ação. Com a velocidade de um raio, ela correu para a bola e chegou nela antes mesmo que a perna de Vivian desse o pontapé. Ela roubou a bola por baixo e correu em direção ao gol. Vivian não chutou nada além de ar e sua perna a desequilibrou, ela voou para cima e caiu de bunda, humilhada.

Até então, Scarlet já estava do outro lado do campo. Não havia ninguém que pudesse chegar a dez metros dela, que ziguezagueava entre todos habilmente. Logo, era apenas ela e a goleira – e a goleira não tinha chance. Scarlet se preparou e chutou a bola com tanta força, que passou pela goleira, direto na rede, com força suficiente para mexer a rede e fazer as traves caírem, emitindo um som metálico ao tocarem o chão.

Todo mundo ficou ali, congelado, mal acreditando no que eles tinham acabado de presenciar.

“Meu Deus, Scarlet?” Maria disse que ela veio correndo até ela. “Isso foi tipo – incrível. Surreal. Como você fez isso?”

Scarlet ficou ali parada, quase sem entender o que tinha acontecido. Ela estava tão presa ao momento que ela mal entendia.

O treinador soprou o apito e gritou.

“A aula de educação física acabou! Todo mundo de volta para a aula!”

As outras meninas foram saindo do campo lentamente, dando olhares espantados Scarlet.

“Belo chute, Scarlet,” uma menina disse com admiração.

“Sim, um chute esquisito da aberração”, veio um comentário imprestável de uma das garotas populares, quando o grupo delas passou por Scarlet.

Mas Vivian agora olhava para Scarlet com algo parecido com medo e mantinha distância, se juntando a suas amigas. Ela olhou para ela, mas, desta vez, ela não se atreveu a chegar perto. Scarlet percebeu, com satisfação, que ela devia ter dado um susto nela. Finalmente, ela se sentiu vingada. Mesmo que elas pensassem que ela era uma aberração.

“Ai meu Deus, ele está olhando para mim de novo”, veio a voz de Maria.

Scarlet virou e seguiu o olhar de Maria para os cantos. Lá estava Sage, as mãos ainda nos bolsos, um sorriso no rosto, olhando diretamente para Scarlet.

“Estou imaginando coisas ou ele está realmente olhando para mim?”, perguntou Maria.

Scarlet mal sabia o que dizer. Quando ela olhou em seus olhos, ela se viu hipnotizada, incapaz de desviar o olhar.

“Ai meu Deus, ele está vindo para cá!” Maria anunciou e se afastou, corando. “Assim tipo, o que eu falo?”

Scarlet percebeu isso também. Ele começou a caminhar em sua direção e, enquanto ele se aproximava, ele olhava diretamente para ela durante o tempo todo, ela sentiu seu coração disparar.

“Ei, bom chute!” Veio de repente uma voz atrás dela.

Scarlet se virou e viu Blake ali, segurando uma bola de futebol, com dois de seus amigos, suas bochechas estavam coradas.

Scarlet estava espantada, era muita coisa acontecendo ao mesmo tempo. Ela mal sabia para qual direção ela devia virar. Ela olhou para trás, por cima do ombro, para Sage.

Mas quando ela se virou, ele já tinha ido.

Ela ficou espantada. Ela não sabia como era possível. Como poderia Sage ter desaparecido assim? Não havia nada, apenas campos abertos ao redor deles e nenhum lugar para se esconder. Como ele poderia ter simplesmente desaparecido?

Scarlet estava com raiva de Blake por tê-lo espantado.

*Droga, por que tudo tinha que acontecer de uma só vez?*

“Hum ... obrigada”, disse ela, nervosa.

“Bom, tipo, alguns de nós estamos pensando em cabular o resto dia. Estamos indo para o lago. Vocês querem ir junto?”

Scarlet foi pega de surpresa. Ela não esperava isso. Ela realmente não conhecia os amigos de Blake bem e duvidava Maria gostaria de ir, já que ela nunca perdia as aulas. Ela estava nervosa com a ideia da aula que ela iria perder, e de ir sozinha – mas ela estava mais

preocupada que, se ela dissesse não, seria como rejeitar Blake. Isso não selaria o seu destino para o baile?

“Você quer dizer cabular aula?”, Perguntou Maria, em desaprovação. “O resto do dia?”

“Não é grande coisa,” um dos amigos de Blake disse. “Há apenas algumas aulas faltando.”

“Bem, eu tenho prova na próxima aula”, disse Maria. “Eu não posso. E nós não cabulamos aula.”

“Opa”, disse o amigo de Blake de volta, zombando dela. “Desculpe. Certinha.”

“Vamos Scarlet, vamos”, disse Maria, agarrando-lhe o pulso.

“Eu acho que é uma ótima ideia,” veio uma voz sobre o ombro de Scarlet. “Gostaríamos muito de ir.”

Scarlet se encolheu. Ela viu Vivian ali de pé, com duas de suas amigas populares, sorrindo de volta para Blake. Os amigos de Blake se empolgaram com a visão delas.

“Maneiro”, os dois disseram.

O próprio Blake parecia inseguro. Afinal, ele tinha convidado Scarlet, não tinha? Como se Vivian se atrevia a fingir que foi *ela* quem fora convidada.

“Vamos, Scarlet”, disse Maria.

Scarlet ficou ali, despedaçada. Ela não queria perder a aula. Ela não era assim. Ao mesmo tempo, o pensamento de Blake sair com Vivian a deixava enojada. Esta era sua chance. Afinal de contas, o baile seria na sexta-feira. E, se havia alguma chance de Blake convidá-la, ela sentia que tinha que fazer aquilo.

“Eu vou”, disse ela para Blake.

Blake abriu um sorriso.

“Scarlet, sério?”, perguntou Maria. “Seus pais iriam matá-la.”

Scarlet virou-se para ela.

“Vai ficar tudo bem. Como eles falaram, o dia praticamente já. Venha comigo.”

Mas Maria balançou a cabeça e saiu sem dizer uma palavra, claramente chateada.

Scarlet viu Maria ir embora. Isso deixou Scarlet sozinha, com Blake e seus amigos – e Vivian e essas garotas populares. Este pensamento revirava seu estômago. Mas ela sentia que não tinha escolha. Ela tinha que fazer o que tinha que fazer.

Quando Scarlet se virou, o grupo já estava a vários metros de distância, de costas para ela, caminhando rapidamente pelos campos, em direção à floresta. Vivian, ela já tinha percebido, já estava agarrada a um dos braços de Blake, puxando-o para perto dela, enquanto eles andavam.

Scarlet engoliu em seco. Aquilo não ia ser fácil.

## **CAPÍTULO TREZE**

Caitlin sentou-se em seu escritório na biblioteca da universidade, com os cotovelos sobre a mesa, descansou sua cabeça nas palmas

das mãos, debruçada sobre o livro à sua frente. Ela havia passado toda a manhã pegando livros raros das pilhas e agora sua mesa estava coberta com eles.

Mas esses não eram os livros habituais com que ela trabalhava. Quando ela chegara naquela manhã, a primeira coisa que ela fez foi limpar sua mesa de todos os seus livros – e abrir espaço para um novo conjunto de livros. Ela chegou ao trabalho determinada, obcecada para descobrir exatamente o que estava acontecendo com a filha e descobrir como ajudá-la.

Depois de sua horrível briga com Scarlet na noite anterior – a primeira de que ela tinha lembrança – Caitlin teve uma noite terrível, virando e revirando na cama, um sono conturbado. Ela não parava de pensar no seu encontro com o Padre McMullen. Ela se lembrou do olhar que seu marido e filha tinham lhe dado quando ela pediu que Scarlet fosse à igreja. Caitlin não podia deixar de sentir que sua própria família agora a odiava e desconfiava dela.

Caitlin se sentia cada vez mais sozinha, e cada vez mais ela se perguntava se ela estava perdendo a cabeça, imaginando a coisa toda. Ela precisava desesperadamente encontrar uma prova de que ela estava certa. Que ela não estava maluca.

Caitlin havia acordada determinada a agir e tinha encontrado o plano perfeito, tinha percebido pelo menos uma coisa que ela podia fazer. Ela poderia usar a sua perícia. Ela poderia voltar a trabalhar e usar todos os recursos da biblioteca, ler sobre qualquer coisa relacionada ao vampirismo. Ela poderia aprender sobre sua história, suas origens, seus rituais e tudo o mais, mesmo que fosse superficialmente relacionado, incluindo todas as formas de magia e feitiçaria e ocultismo.

Caitlin tinha chegado à biblioteca às sete horas da manhã, uma hora antes da abertura e abriu o local para que ela mesma entrasse. Ela atravessou o saguão vazio com uma nova energia, determinada a

usar todas as suas habilidades para compreender e decodificar o que estava acontecendo com Scarlet. Se era mito ou verdade, a civilização vinha registrando lendas e histórias de vampiros há milhares de anos e, certamente, todo o conhecimento e sabedoria coletiva de milhares de anos deveria conter algo que fosse útil para ela.

Caitlin tinha cruzado os corredores da biblioteca ultramoderna de sua universidade, as paredes eram de um branco novo e elegante, seus sapatos ecoavam pelo chão de mármore embaixo dela. Ela achou um pouco assustador andar sozinha por aquela enorme estrutura vazia, ser a única pessoa no edifício, mas tirou estes pensamentos de sua mente enquanto se apressava ao subir os degraus, seus sapatos estalavam pelas escadas e rapidamente ela se perdeu entre as pilhas.

Felizmente sua biblioteca tinha uma boa reputação devido a sua vasta coleção de volumes raros, que é o que a atraiu para aceitar um emprego lá. Eles também tinham uma exposição itinerante constante, livros emprestados de outras universidades e coleções; por coincidência do destino, o tema do mês de outubro era "Mês Oculto", e eles estavam com vários volumes adicionais emprestados, mais do que eles normalmente tinham – alguns dos mais raros do mundo, inclusive.

Antes que Caitlin fosse às estantes, ela usou seu sistema de catálogo on-line para fazer sua pesquisa, usou sua mente brilhante para obter imediatamente uma visão geral dos volumes mais raros e importantes disponíveis. Uma vez que ela mergulhara em um tema como aquele, ela podia ver tudo com uma velocidade estonteante, processar e analisar mais rápido do que qualquer outra pessoa.

Como esperava, havia um monte de livros duvidosos e céticos no gênero – livros de ocultismo que soavam piegas ou eram ignorados por estudiosos. Mas havia um punhado de títulos que pareciam persistir ao longo dos séculos, acompanhando de uma

geração para outra e que mesmo os estudiosos não poderiam descartar tão facilmente. Dentro de uma hora, ela sentiu-se confiante de ter uma visão geral dos livros mais importantes sobre o tema que ela tinha que ler.

Quando ela procurou no catálogo, ela ficou satisfeita de ver que sua biblioteca tinha, ali mesmo, edições da maioria deles.

Caitlin pegou um carrinho e mergulhou nas estantes, procurando em cada livro o seu número de cadastro e, lentamente, foi adicionando os volumes ao seu carrinho. Alguns dos livros eram mais difíceis de encontrar do que outros e ela teve que usar uma escada para ir ao topo, alcançar uma prateleira empoeirada, a mais profunda das estantes que ela já tinha visto. Um livro ela encontrou preso entre dois outros e teve que, literalmente, fazer uma alavanca para tirá-lo. Outro livro, ela não conseguia encontrar em lugar nenhum – até se dar conta de que ele estava em exposição dentro de um aquário, na exibição Oculta; se sentindo culpada, ela abriu o vidro, colocou sua mão para alcançá-lo e removeu o livro, fazendo uma nota mental para substituí-lo o mais rápido possível, antes que alguém notasse.

Ela estava começando a se sentir um pouco melhor, um pouco mais sob controle, enquanto enchia o carrinho até transbordar, com 15 livros encadernados em couro sobre o assunto. Satisfeita, ela virou de volta para sua mesa, tirou seus outros livros e a cobriu com aqueles. Isso havia sido há horas. Já era depois do almoço e, até aquele momento, Caitlin não tinha parado de ler nem por um segundo. Suas costas e articulações estavam rígidas, seus olhos estavam prejudicados pela leitura intermitente e ela já tinha espirrado muitas vezes por causa do pó.

O livro que estava lendo agora era um enorme volume de grandes dimensões com encadernação de couro grosso, estava rachado na lateral. Ele provavelmente pesava uns cinco quilos, pelo menos, uns doze centímetros de largura e comprimento. Ela teve que abri-lo ao meio e cada página que ela virava, crepitava com a idade. As

páginas eram grossas, muito mais espessas do que as dos livros modernos e estavam amareladas com a idade. Era um volume fisicamente lindo, publicado em 1661, com ilustrações desenhadas à mão, algumas delas em cores. Caitlin virava as páginas com o maior cuidado, sem querer desfigurá-lo.

Até agora sua sessão de maratona de leitura havia sido interessante, mas ela não tinha encontrado nada atraente o suficiente para convencê-la. Ela leu volumes sobre vampirismo e ocultismo e bruxas e magia e feitiços e, agora, estava profundamente absorta em um tratado de demonologia. Ficou surpresa que, por milhares de anos, mitos e lendas de vampiros tinham persistido, em todas as línguas, em todos os países. Por incrível que pareça, o mundo inteiro tinha seus próprios contos de vampiros.

*Como era possível?* ela se perguntava. Dezenas de culturas, línguas e países, todos com as suas próprias, independentes, histórias de vampiros? Desde os mais remotos cantos da África até os extremos confins da Rússia – lugares e tempos em que as pessoas não tinham nenhuma maneira de se comunicar uns com os outros e, ainda assim, documentavam as mesmas histórias. Ela estava começando a ficar convencida de que o vampirismo era real. Caso contrário, de que outra forma aquilo poderia ser explicado? Teria de ser uma enorme coincidência.

Muitas das lendas de vampiros pareciam ter um tema comum: um vampiro foi criado quando alguém morreu de uma forma perturbadora, por exemplo, homicídio, suicídio ou doença, ou quando alguém tinha uma morte súbita e inesperada. Este era especialmente o caso se a pessoa tinha uma alma fraca, como um assassino ou um ladrão. Muitas das histórias relatavam que o vampiro era enterrado pelos moradores locais e, ao visitarem o túmulo no dia seguinte, este era encontrado revolvido, com o solo recém-mexido e o corpo ainda intacto, não em decomposição. Em algumas histórias, o cadáver se levantava da sepultura e atacava as pessoas; em outras ainda, ficava onde estava, mas o espírito do

falecido visitava a família e os amigos à noite e os atormentava. Em muitas histórias, a única maneira de matar o vampiro era empalando uma estaca em seu coração. Mas nas histórias mais antigas eles não usavam estacas – ao invés disso, eles matavam vampiros antes que estes pudessem surgir, enterrando os cadáveres com tijolos na boca, pois acreditavam que os espíritos malignos poderiam entrar um cadáver com a boca aberta.

Caitlin encontrou-se se envolvida, indo cada vez mais fundo no mundo da mitologia dos vampiros e fábulas. Tornava-se cada vez mais difícil para ela se separar o que era real da fantasia. No entanto, quanto mais lia, mais ela se sentiu validada, certa de que havia algo de real naquilo tudo. Ela sentia-se ligado à história, aos séculos. Outras pessoas tinham experimentado isso antes. Não era só ela.

Mas ela não encontrou o que estava procurando. Ela não sabia exatamente o que era que ela precisava de encontrar, mas ela imaginou que talvez fosse algum tipo de ritual, ou recurso, ou cerimônia, um serviço de algo tangível e concreto que poderia ajudar Scarlet. Transformá-la de volta em humano. Algo na literatura que declarasse explicitamente que havia uma maneira de curar o vampirismo. Para trazer os aflitos de volta ao normal.

Mas, até aquele momento, ela não havia encontrado nada. A única coisa que chegava perto eram as formas de parar um vampiro de uma vez por todas – matá-los de verdade. Às vezes, isso era acompanhado por um antigo serviço funeral. Na verdade, eles repetiam o serviço funeral, três vezes, e era isso que iria colocar o vampiro para descansar para sempre. Estranhamente, quando Caitlin leu isso, ela sentiu algum tipo de memória, algum tipo de conexão. Mas ela não entendia o motivo.

Mas isso não era o que Caitlin queria: ela queria curar Scarlet e não matá-la.

Quando ela terminou outro livro e o deslizou para o lado, ainda sem encontrar nenhuma menção de cura, ela começou a sentir uma sensação de desespero.

Ela levantou o último livro na pilha, um pequeno volume, encadernado em couro com uma lateral vermelha intitulado *De Fascino Libri Tres* por Leonardo Vairo. Caitlin convocou seu conhecimento do latim e sabia que traduzido era: *Três Livros de encantos, feitiços e mágicas*.

Intrigada, ela virou o rosto e viu que tudo estava em latim. Felizmente, seu Latim ainda era bom o suficiente para que ela pudesse traduzir em sua cabeça. O longo título da página dizia: "Em que todas as espécies e as causas dos feitiços são descritos e explicados por filósofos e teólogos. Com as formas de combater as ilusões dos demônios e a refutação das causas por trás do poder da feitiçaria. 1589. Veneza."

Caitlin mergulhou no livro, pesquisando, virando as páginas o mais rápido que podia, à procura de qualquer menção de vampiros, de como curar um, como trazer alguém de volta à vida normal.

Quando ela começou a ler, ela de repente diminuiu seu ritmo. Ela voltou a lê-lo novamente. E, depois, mais uma vez. Seu coração começou a bater forte de esperança. Ela podia dizer imediatamente que este livro era muito diferente dos outros. Este, entre todos os livros, era o que parecia mais real para ela, o mais sábio, o mais imparcial. Não estava cheio de hipérboles e mitos e histórias fantásticas contadas pelos avós. Este fora escrito, paradoxalmente, por um bispo no século 16. E também por um médico, ele tinha visto casos inexplicáveis de cadáveres voltando à vida e de pessoas transformadas em vampiros. Ele escrevia com tal detalhe médico, tinha documentado todos os casos tão meticulosamente, que Caitlin sentia que aquele volume era autêntico.

Enquanto ela continuava lendo, com as mãos trêmulas de emoção, se deparou com algo que lhe pareceu ouro puro:

“Não foi até o final da primavera, muito tempo depois que o chão tinha descongelado, que me deparei com algo que daria um fim à epidemia de nossa pequena aldeia. Era uma combinação de certas ervas. Quando usadas em conjunto com o ritual, elas curaram o vampiro diante de meus olhos. Ela passou de histérica, buscando desesperadamente sangue, quase incapaz de ser acorrentado a sua cama, para a adolescente que todos nós um dia havíamos conhecido. Para deixar registrado, muitos anos mais tarde, ela nunca mais voltou ao vampirismo e permanece em seu estado perfeito. O remédio só funciona se o vampiro em questão ainda não se alimentou, ainda não causou dor em um ser humano. Assim, é imperativo que se pegue o vampiro nos estágios iniciais. Que eu saiba, não existe tal remédio escrito ou relatado em nenhum outro lugar. A receita é: Três pitadas de alecrim; duas pitadas de endro; uma colher de lavanda triturada. Ferva em um copo de água com alcaçuz durante uma hora, a uma alta fervura. Deixe esfriar durante a noite e, em seguida, force o vampiro em questão a bebê-lo por inteiro. Claro, isso é inútil sem a cerimônia que o acompanha. É preciso cantar o alfabeto latino antigo, utilizado pela Igreja há milhares de anos...”

O coração de Caitlin parou. Quando ela virou a página, ela viu que a próxima página do livro, aquele com a cerimônia, estava rasgada ao meio. Ela não podia acreditar. Metade da página estava solta no livro, mostrando apenas uma parte da cerimônia Latina. A outra metade da página estava faltando.

Caitlin virou todas as páginas do livro freneticamente; ela levantou o livro, pendurando-o de cabeça para baixo e o sacudiu. Mas, para seu espanto, a outra metade simplesmente não estava lá.

*Não, ela pensou. Não agora. Não quando ela estava tão perto. Não era justo.*

Caitlin ficou ali, com o coração palpitando, pensando no que fazer. Ela puxou imediatamente seu teclado, entrou na internet, digitou o nome do volume e procurou por quaisquer outras cópias do mesmo.

É claro que não havia nenhum. Era um livro raro, um título emprestado da Inglaterra. A busca na internet confirmara seus piores medos: aquela era a única cópia do livro que existia.

Como poderia ser? Por que a página estava rasgada pela metade? Quem a tinha rasgado? Quando? E por quê? Foi séculos atrás? Era um vampiro, ou alguma força obscura, que não queria que esse ritual acontecesse?

Caitlin se sentiu esmagada pela urgência de tempo. O ritual só funcionava antes de primeira morte do vampiro. Será que Scarlet havia matado alguém? Quanto tempo Caitlin tinha antes que ela o fizesse? Já era tarde demais?

Caitlin extraiu a página solta, arrancada do livro e a segurou em suas mãos. Ela olhou para ela, sabendo que ela não poderia deixá-la de lado. Tinha que encontrar a outra metade. Ela se sentia culpada, segurando aquele papel, com as duas mãos, a céu aberto, quando cada instinto nela, o de uma estudiosa de livros raros, lhe dizia que aquela página deveria ser protegida, inserida de volta no meio do livro. Mas ela não podia fazê-lo. A vida de Scarlet estava em jogo.

Enquanto ela segurava a página, ela percebeu que não poderia colocá-la de volta. Ela tinha que roubá-la, levá-la com ela, para fora da biblioteca e, em seguida, fazer tudo o que podia para encontrar a outra metade.

“Caitlin?”, Veio uma voz.

Caitlin deu um pulo na cadeira, escondendo rapidamente o pedaço de papel e se virou. Perto dela, estava a Sra. Gardiner, a velha que supervisionava a biblioteca, tinha com cabelos volumosos, curtos e

grisalhos e óculos. Ela olhou para ela, sem expressão, enquanto segurava um monte de livros em seu braço.

“Eu não sabia que você tinha vindo hoje”, disse ela, com reprovação.

Quando Caitlin olhou para ela, ela podia jurar que a viu olhando para os livros em sua mesa de trabalho, para todos os títulos e até, possivelmente, para a página solta em sua mesa. Seu coração batia forte. Sentia-se como uma criminosa.

“Hum... sim... eu... hum... vim cedo”, disse ela, pensando rapidamente. “Eu queria adiantar meu trabalho.”

A Sra. Gardiner estava definitivamente olhando para os títulos em sua mesa e ela viu seus olhos arregalarem de surpresa.

“É um dos nossos títulos em exibição?”, ela perguntou, surpresa.

Caitlin rapidamente se virou e pegou o livro, afobada, sem saber o que dizer. Ela tinha que pensar rápido.

“Hum... sim, é”, disse ela. “Havia alguns títulos ocultos que tive que catalogar, e eu... hum ...queria saber o contexto para descobrir a melhor forma de classificá-los... então eu pensei em dar uma olhada em tudo o que tínhamos sobre o assunto.”

Era uma desculpa esfarrapada, mas ela esperava que a Sra. Gardiner acreditasse.

A Sra. Gardiner ficou ali, fazendo uma pausa por um momento e Caitlin sentiu um suor frio sair na parte de trás de seu pescoço. Ela nunca tinha estado naquela situação antes, sentia-se como uma criminosa. Claro, ela nunca tinha pensado em roubar um livro, nunca em toda sua carreira.

“Bem, eu confio que você vai colocar tudo de volta quando você terminar”, disse Gardner, e então ela assentiu e seguiu em frente.

Caitlin deu um suspiro de alívio. Foi por um triz.

Caitlin se virou, pegou a página solta de sua mesa, olhou para os lados para ter certeza de que ninguém estava olhando. Ela olhou para o teto, procurando por câmeras escondidas. Ela sabia que estava sendo gravada, então ela visivelmente colocou a página solta de volta no livro onde ela tinha achado.

Ela caminhou com o livro para o final do corredor, em direção à pilha, e foi para um lugar onde ela sabia que havia um ponto cego das câmeras, em seguida, rapidamente colocou a página do livro em uma pasta de documentos que havia trazido com ela. Então, colocou o livro longe dela e deslizou a pasta de papel pardo para dentro da bolsa.

Sem esperar mais um segundo, Caitlin andou pelo corredor, descendo os degraus elegantes e brancos e foi para o outro lado do lobby. Ela olhava para frente enquanto ia na direção das portas da frente, sem se atrever a olhar para os seus colegas, seu coração estava acelerado, ela sentia como se estivesse saindo de um banco com uma joia rara.

Ela saiu com um suspiro de alívio. Correu para o seu carro e se sentou ali, respirando profundamente. Ela pensou sobre seu próximo passo. Ela sabia com quem precisava conversar.

Aiden. Se havia alguém no mundo que saberia onde encontrar a página perdida, seria ele. Mas ela ainda não tinha coragem de ligar para ele. Ela pensou novamente em suas palavras, de impedir Scarlet e algo dentro dela não permitia que ela falasse com ele.

Em vez disso, ela teve uma ideia. Se os vampiros eram reais, se seu diário era real, então todos aqueles lugares que ela mencionou em seu diário tinham que ser reais, também. E alguns dos estavam em Nova York. Como o Cloisters. Se tudo o que ela tinha escrito era verdade, então ela deveria encontrar algo lá, algumas provas, algumas verdades, algum traço de ela ter estado lá. Alguns vestígios

de que os vampiros existiram. Talvez até mesmo uma pista ou um vestígio. Talvez até lhe mostrasse para onde ela deveria ir.

Sem pensar em outra coisa, Caitlin saiu correndo do estacionamento, em direção à cidade de Nova York. Ela estava decidida a não voltar para casa até que ela encontrasse a prova de que precisava.

## CAPITULO QUATORZE

Scarlet andou com Blake e seus três amigos e Vivian e suas duas amigas pelos hectares dos campos pertencentes a sua escola. Ela os seguia atrás. O pequeno grupo estava descendo para a floresta e, enquanto andavam, todos riam, empurravam uns aos outros, como se fossem amigos íntimos, Scarlet não conseguia deixar de se sentir excluída. Ela estava começando a pensar que aquilo tinha sido uma má ideia.

Vivian agarrava fortemente o braço de Blake, praticamente grudada a ele como se fosse um ímã, enquanto os dois caminhavam; suas duas amigas constantemente riam e sussurravam em seu ouvido, claramente tentando fazer Scarlet se sentir por fora. Os amigos de Blake também não estavam ajudando, disputavam entre si ou tentavam conversar com as amigas de Vivian.

O próprio Blake era a maior decepção. Ele andava com Vivian como se fosse *ela* quem ele tivesse chamado, permitia que ela se agarrasse ao braço, como se fossem namorado e namorada.

Scarlet estava confusa. Afinal, Blake havia lhe chamado para ir junto. Ele tinha medo de perturbar Vivian? Ele era fraco demais para resistir a ela? Ou ele estava realmente mudando de ideia, começando a ter sentimentos por Vivian?

A apreensão de Scarlet cresceu quando ela percebeu o que estava fazendo, cabulando aula, perdendo as suas duas últimas aulas – e ainda perdendo uma prova importante – para estar com aquele grupo. Será que ela tinha cometido um erro? Sua única razão para ir junto era para estar com Blake, e ele mal parecia se importar. Ele só olhou para ela por cima do ombro uma ou duas vezes. A cada passo, Scarlet se sentia cada vez mais deixada de lado. Mas já era tarde demais para voltar atrás agora: eles estavam longe da escola e já tinham entrado em uma trilha na mata, que ela não conhecia. Ela seguiu os seguiu pelo caminho estreito e sinuoso, sentindo-se cada vez mais dependente deles para voltar.

Por fim, a trilha acabava na beira de um pequeno lago azul. Belas árvores cercavam a água e sua folhagem se espalhava por toda a orla, folhas brilhantes flutuavam na água. A visão tirou o fôlego de Scarlet: era linda ali embaixo. Ela esteve ali uma vez antes e se lembrava que era o lugar favorito para as crianças brincarem nos finais de semana. Porém, ela nunca tinha estado ali durante um dia de escola, e a sensação era estranha, tudo silencioso e vazio. Parecia errado estar ali. Ela sentiu que ela deveria voltar para a aula.

O grupo encontrou um lugar na margem, perto da água, e todos eles se sentaram em locais improvisados: troncos, pedras, galhos. Eles se sentaram em um quase círculo. Scarlet foi se sentar ao lado de Blake, mas Vivian o dirigiu a um pequeno tronco, apenas grande o suficiente para manter os dois e Scarlet teve que se sentar do outro lado dele, em uma rocha, a poucos metros de distância.

Blake olhou para ela e ela podia ver que ele sentia um pouco culpado. Mas, mesmo assim, ele não estava fazendo nada para mudar isso.

Uma brisa fresca varreu a superfície do lago e Scarlet apertou sua jaqueta verde de outono firmemente em torno de seu peito, começando a sentir frio. Sentia-se instável, mas não sabia se era por causa do tempo ou por se sentir excluída, estava nervosa por estar com aquele grupo que ela mal conhecia. Ela se perguntou como ela tinha ido parar lá, para começar. Ela deveria ter escutado Maria. Não deveria ter ido. Uma parte dela só queria se levantar e ir embora, mas ela não conseguia.

Um dos amigos de Blake lançavam rochas ao longo do lago. Outro enfiou a mão no bolso do casaco e começou a enrolar pequenos pedaços de papel.

Scarlet piscou, chocada ao ver que ele estava enrolando um baseado. Maconha. Ela não podia acreditar. Era Richard, o melhor amigo de Blake, também do time de futebol, baixo e atarracado, com cabelo loiro brilhante. Ela sempre soube que ele era problemático, mas não suspeitou que ele estivesse fumando maconha, especialmente durante um dia de escola.

Em momentos ele tinha feito um baseado e o acendeu; ele deu um trago profundo e, em seguida, para o pavor de Scarlet, o passou ao redor. O outro amigo de Blake, outro jogador de futebol, pegou e respirou profundamente. Ele tossiu com isso e as amigas de Vivian caíram em uma gargalhada zombeteira. Ele ficou vermelho, envergonhado, mas depois aspirou novamente, determinado e desta vez, conseguiu prendê-lo.

Passou para o próximo, dando continuidade ao redor do círculo, no sentido anti-horário.

O coração de Scarlet começou a bater forte quando ela percebeu que o baseado estava sendo repassado e seguiria para ela. Todos os outros estavam inalando. Ela seria a última pessoa no círculo e sabia que ele chegaria nela, e Blake seria o único a entregá-lo a ela.

Sentia-se mais decepcionado do que nunca. Ela odiava a pressão dos colegas, nunca tinha fumado maconha antes e não tinha a intenção de começar naquele momento. Claro, algumas vezes ela bebeu algumas cervejas ou um vinho frasco em festas. Mas era só isso. Ela já tinha desenhado seu limite.

Mas, como todo mundo passou o baseado pelo círculo, ela sentia mais e mais pressão. Se ela fosse a única a dizer não, ela ficaria muito em evidência, seria visto como a certinha careta. E ela não queria ser vista assim por Blake. Ela estava dividida.

O baseado chegou em Vivian, que inspirou por um tempo bem longo, enchendo seus pulmões. Ela então se virou, pegou Blake pela parte de trás de sua cabeça, inclinou-se, colocou seus lábios nos dele e expirou em sua boca.

O pequeno grupo fez caras e bocas com isso.

Blake estava claramente surpreso, foi pego desprevenido. Mas, novamente, ele não tentou se afastar. Ele a deixou fazer aquilo, depois inalou e tossiu para fora.

Scarlet assistiu com choque e repugnância. Ela nunca tinha imaginado que Vivian seria assim tão ousada – e ela nunca tinha imaginado que Blake poderia ser assim tão cruel, deixar que ela o beijasse assim, bem na sua frente. Sentia-se mais desprezada do que nunca.

Quando Blake se aproximou e estendeu o baseado para ela, Scarlet apenas ficou lá parada, olhando para ele, em estado de choque. Ela mal sabia o que fazer. Ou Blake estava realmente a fim de Vivian ou ele não tinha coragem de mostrar isso a todos. Inclusive ele mesmo.

Pela primeira vez, Scarlet parou de querer o Blake. Ela simplesmente não ligava mais. Pela primeira vez, ela percebeu que merecia mais do que tudo isso. Ela não precisa receber aquele tipo de tratamento.

“Qual é o problema... tá com medo, franga?” Zombou uma das amigas de Vivian.

“Có-có-có-có-có!” outra amiga de Vivian disse, fazendo barulhos de frango.

Scarlet havia tido o suficiente. Ela se levantou, se virou e se afastou do grupo, voltando em direção à floresta.

“Careta!”, Gritou um dos amigos de Blake.

“Covarde!”, Gritou uma das amigas de Vivian.

“Deixe-a ir”, Vivian gritou. “Ela é apenas um desperdício de espaço de qualquer maneira.”

Scarlet sentiu-se despedaçada enquanto corria para longe do grupo, de volta para a trilha da floresta. Ela estava tão furiosa consigo mesma por ter concordado em ir.

“Scarlet!” Veio a voz de Blake.

Ele gritou atrás dela e ela ouviu o pesar em sua voz.

Mas ela não se importava mais. Era tarde demais.

Ela foi para a trilha da floresta, começando uma corrida, indo cada vez mais longe, secando suas lágrimas. Atrás dela, ela ouviu um farfalhar de folhas se aproximando. Ela já sabia quem era: Blake.

“Scarlet, por favor!”, Ele gritou.

Ela mal podia acreditar: ele havia deixado o grupo e estava indo atrás dela.

Logo ele a alcançou e ficou no seu caminho, ela não tinha escolha a não ser parar. Ela agora estava chorando, olhou para baixo para

enxugar as lágrimas, enquanto ele ficou na frente dela, segurando seu ombro. Ela virou a cabeça, olhando para longe dele.

“Eu sinto muito”, disse ele. “Eu realmente não queria que tivesse acontecido assim.”

“Por que você saiu?”, Ela retrucou. “Você gosta de Vivian. É óbvio. Por que você ainda me chamou para vir?”

“Eu não gosto dela”, ele respondeu.

“Então você não deveria tê-la deixado beijar você”, ela retrucou. “Especialmente na minha frente.”

Pela primeira vez, Scarlet estava se defendendo, dizendo o que ela sentia e acreditava e isso a fez se sentir bem. Ela já não tinha medo de expressar seus sentimentos. Nem para Blake.

Foi a vez de Blake olhar para baixo. Ela podia ver a tristeza em seu rosto.

“Você está certa. Eu não deveria ter deixado. Sinto muito.”

“Que seja”, disse ela, olhando para longe.” Somos apenas pessoas diferentes. Curtimos coisas diferentes. Desculpe-me, mas eu não cabulo aula. Não uso drogas. Não é meu tipo de coisa. Eu acho que você fica melhor com ela.”

“Mas eu também não sou assim”, ele implorou, abrandando sua expressão. “Isso realmente não sou eu”, continuou ele. “Eu... eu acho que... Eu só estava... tentando impressioná-la.”

“Impressionar-me?”, Ela perguntou, pasma.

“Mostrar que eu sou descolado. Cabulando aula, fumando, essas coisas. Sinto muito. Foi estúpido.”

Ela olhou para ele e podia ver sua sinceridade. Isso a fez pensar. Será que ele estava realmente sendo sincero? Ela sentia que sim. Ele estava tentando impressioná-la.

Ela pensou sobre isso e, pela primeira vez, lhe ocorreu: isso significava que ele gostava dela. Ele realmente gostava dela. Dela. Scarlet. Não Vivian.

“Podemos começar de novo?”, ele perguntou. “Só você e eu?”

Ela olhou para ele, considerando. Uma brisa levantou um monte de folhas nos seus pés e ele estendeu a mão para ela.

“Eu sei de um ótimo local. Descendo o rio. Vamos apenas nós dois. Sem os meus amigos. E sem Vivian. Você é a única que eu quero junto. Por Favor. Eu posso ter mais uma chance ?”

Ele estava sorrindo.

Lentamente, ela abriu um sorriso, também. Ela não conseguiu evitar. Desta vez, parecia verdade.

Ela estendeu a mão e pegou a mão dele, que se encaixava perfeitamente na dela.

Começara a descer a trilha, inclinada em direção ao rio. Ele apertou os dedos na mão dela e ela se viu apertando também.

Apesar de tudo, ela se viu com esperanças de novo.

\* \* \*

Scarlet e Blake entraram na trilha da floresta, cheia de folhas, e foram descendo a encosta suave, seguindo em direção ao rio. Enquanto eles iam, o vento aumentou, soprando dezenas de folhas das árvores. Elas caíam ao redor deles e, sob a luz do sol da tarde, várias cores diferentes iluminaram de forma brilhante. Foi mágico.

Blake segurou sua mão o tempo todo, e Scarlet sentiu como se estivesse andando em uma fantasia, um conto de fadas. Ela sentiu seu coração se aquecer a cada passo, sentiu-se tomada por sentimentos recém-descobertos por Blake, com esperança para um relacionamento. Ela estava se sentindo bem com ele novamente, assim como ela tinha se sentido naquela noite em que eles foram para o cinema. Vivian foi, aos poucos, se tornando uma memória distante.

Scarlet sorriu para si mesma, quando pensou em como seria sua reação naquele momento, sentada ao redor do lago com suas amigas e amigos de Blake, provavelmente esperando que Blake voltasse.

Provavelmente muito irritada por vê-lo ir atrás de Scarlet.

*Finalmente, Scarlet pensou. Uma pequena vitória.*

No fundo, porém, Scarlet sabia que Vivian, sendo tão vingativa e rancorosa como era, não iria deixar isso para lá tão facilmente. Ela tinha certeza de que ela faria a missão de sua vida para caluniar Scarlet, para deixar a escola inteira contra ela. Ela provavelmente travaria uma campanha de maledicência, e quem sabe o que mais faria para atingi-la. Afinal, Scarlet a embarçou na frente de suas amigas.

Scarlet se forçou a não pensar nisso. Agora não era o momento de pensar em Vivian nem em qualquer outro estresse que pudesse vir mais tarde. Agora era a hora de viver o momento, desfrutar seu tempo com Blake. Finalmente, ela tinha o que queria.

“Eu sei de um ótimo local”, disse Blake, lendo sua mente, assim que ela começou a se perguntar onde na margem do rio eles estavam indo. Ele quebrou o longo silêncio entre eles. “Eu acho que você vai realmente gostar.”

Scarlet sentiu que sim. Quanto mais eles andavam, mais ela sentia que eles dois eram os últimos que restavam no mundo, deixando tudo, todas as suas preocupações, para trás. Escola, professores, trabalhos de casa, amigos, pais... tudo se desvaneceu a cada passo que dava.

As árvores se abriram, e Scarlet ficou lá parada, maravilhado com a vista. Eles estavam no topo de uma pequena colina, coberto de grama e flores silvestres na altura do joelho, brilha, o sol do fim da tarde brilhava. Ao longe, estava o Rio Hudson. Em todos os seus anos ali, Scarlet nunca tinha visto uma paisagem tão bonita como daquele ponto, quando ela olhou para baixo, teve uma vista deslumbrante das árvores em ambos os lados da colina, das montanhas no horizonte. Nuvens dispersas enchiam o céu, e um rebocador lento fazia seu caminho no meio do imenso rio. Ela sentiu como se tivesse entrado em um cartão postal.

Blake puxou-lhe a mão, e eles continuaram por um caminho pequeno e desgastado através das flores, sob o céu aberto, chegando mais perto da costa. Eles chegaram a um conjunto de trilhos de trem, cerca de vinte metros de distância do rio. Ela parou, olhando para os dois lados, em seguida, para baixo, para os trilhos.

“Está tudo bem”, disse Blake. “Confia em mim.”

Ele pegou sua mão e a levou para os trilhos. Eles olharam rapidamente em ambos os sentidos, não viram nenhum trem à vista e, em seguida, correram atravessando, indo para a outra encosta.

Scarlet podia sentir seu coração acelerado e eles riram quando passaram. Depois de mais vinte metros se encontravam à beira da água.

Havia uma pequena costa rochosa, onde as ondas do Hudson espirravam, estava cheio de troncos, garrafas de vidro e pequenas pilhas de troncos queimados, restos de uma fogueira. Scarlet caminhou até a beira da água, estendeu a mão e sentiu as ondas

com sua palma. A água estava gelada, como ela imaginava, afinal, era final de outubro. Ainda assim, era refrescante ao toque.

Blake se afastou dela e, por um momento, ela se perguntou onde ele estava indo. Ele parou na beira da água e se agachou, começou a pentear a areia com os dedos da mão como se estivesse procurando alguma coisa. Ele olhava para a água, cada vez que a maré recuava, até que finalmente encontrou o que estava procurando.

Ele se levantou e sorriu para ela, revelando seus dentes perfeitos, com os olhos brilhando na luz. Era um sorriso que completou seu mundo. Ele estava radiante e Scarlet podia ver que estava realmente feliz e descontraído como ele era. Feliz por estar com ela, ela percebeu. O pensamento a fez se sentir bem.

“Feche os olhos”, disse ele em voz baixa. “Eu tenho uma surpresa.”

Scarlet sorriu quando ela fechou os olhos. Ela podia ouvir Blake se aproximando, seus passos esmagando as pedras e galhos.

“Estenda sua mão”, disse ele.

Ela abriu a palma da mão, esperando, curiosa. Depois de um momento, ele colocou algo frio e úmido na palma da mão. Ela abriu os olhos e olhou.

Ela engasgou. Ele tinha colocado em sua mão o mais belo pedaço de vidro do mar que já tinha visto, completamente liso, desgastado pelas ondas do Hudson. Era de uma vibrante cor rosa e parecia brilhar sob o sol que sumia.

Vidro do mar. De alguma forma, isso parecia significar algo para Scarlet, como se trouxesse memórias. Do que, ela não sabia.

Antes que ela pudesse agradecer a ele, ele já tinha tomado a mão dela e estava levando-a para baixo da costa.

“Por aqui”, disse ele.

Eles faziam curvas ao longo da costa, por um caminho estreito, entrando e saindo da grama alta. Depois de alguns minutos, eles fizeram uma curva e Scarlet ficou espantada com o que estava diante deles: lá estava um pequeno bosque de árvores, agrupadas na costa, suas sucursais inclinavam-se sobre o rio. Frutas estavam penduradas nos galhos.

Maçãs. Ela não podia acreditar. Um pomar de maçãs, ali, em todos os lugares, bem em cima da água.

“A melhor colheita na cidade”, disse Blake com um sorriso, quando ele se virou para ela.

“Ninguém mais sabe sobre isso. Elas crescem selvagens e caem na água. Podemos apreciá-las também, certo?”

Sorrindo, ele pegou a mão dela e a levou para a primeira árvore. As árvores eram pequenas, apenas cerca de um metro e oitenta de altura, com galhos largos e velhos arqueados para o chão. Blake facilmente alcançou um dos galhos, depois outro e se sentou em um grande tronco. Ele se virou e estendeu a mão para Scarlet.

Parecia divertido, e ela adorava subir em árvores.

“Eu consigo”, disse ela com um sorriso e, de forma rápida e com facilidade, ela subiu os ramos, até estar sentada ao lado dele.

Ele olhou para ela, impressionado com sua habilidade.

Ela estendeu a mão e pegou uma enorme maçã verde, que estava pendurada sobre a cabeça. Ela teve dificuldade para arrancá-la e tirá-la e, quando ela o fez, um monte de maçãs começaram a cair de seus ramos, um mini avalanche de frutas ao redor deles. Ela levantou a mão à cabeça, quando uma a atingiu. Várias caíram na

água, boiando, imediatamente levadas pelas fortes ondas do Hudson.

Ela se virou para Blake, em estado de choque e ele olhou para ela, igualmente chocada. Ao mesmo tempo, os dois caíram na gargalhada.

“Eu acho que você acabou de descobrir a gravidade”, brincou.

Eles riram juntos enquanto Scarlet observava as maçãs à deriva, mais e mais distantes no Hudson. Enquanto ela observava, um grande peixe de repente veio à tona e deu uma mordida em uma delas.

“Oh meu Deus, você viu isso?” Ela disse, emocionada, apontando.

Outro peixe veio e deu uma mordida em outra. Eles riram com espanto.

Blake se voltou para a árvore, levantando as mãos e escolhendo cuidadosamente uma maçã para si. Scarlet mordeu a dela. Foi a maior maçã ela já tinha visto do tamanho de uma laranja e também a mais saborosa. Estava delicioso e ela percebeu o quanto estava com fome. Em um minuto ela tinha comido quase metade da maçã, seu suco escorria pelo queixo.

De repente, ela se sentiu constrangida, limpando o queixo com as costas da mão.

“Desculpe”, disse ela, com a boca cheia.

“Por quê?” Blake perguntou, sua própria boca cheia e com o dobro do gotejamento de suco por seu queixo.

Os dois riram.

Eles terminaram suas maçãs e ambos ficaram ali sentados, observando o pôr do sol, vendo o sol desaparecendo ao longo do rio.

Depois de um tempo, fortes brisas apareceram, assobiando e ela começou a sentir frio. Ela estava tremendo, então abotoou todos os botões do casaco.

Blake estendeu a mão e passou o braço em torno de seu ombro.

Com isso, o coração de Scarlet começou a bater mais rápido. Ela nunca tinha sido tocada por Blake antes, não daquele jeito, a sensação era eletrizante. Ela estava com medo; no entanto, ela não queria que ele se afastasse.

Ela se inclinou ligeiramente nele e ele manteve seu braço em torno do ombro, puxando-a para perto dele. Eles sentaram-se lado a lado, os seus ombros tocando. Ele lentamente esfregou sua mão para cima e para baixo no braço dela, aquecendo-a.

Em seguida, ele estendeu sua outra mão e a colocou suavemente em cima dela.

“Meu Deus, você está congelando”, disse ele.

Scarlet rapidamente puxou sua mão, percebendo. Ela também tinha notado recentemente que suas mãos pareciam mais frias do que o habitual.

“Desculpe”, disse ela.

“Isso não me incomoda”, disse ele. “Suas mãos... elas são lindas.”

Blake estendeu a mão e, lentamente, pegou a mão dela e a segurou na sua.

Seu coração estava batendo forte quando ele lentamente acariciou lhe a mão. Ela estava tremendo de novo, mas desta vez não foi por causa do frio. Era nervosismo. Ela tinha certeza de que ele estava prestes a beijá-la. Uma parte dela queria. Mas outra parte ainda não tinha certeza.

Seu coração batia na garganta quando Blake se virou lentamente, de costas para o rio e ficou de frente para ela. Ela virou o queixo apenas um pouquinho em direção ao seu, para ver se ele estava olhando para ela.

Ela podia ver pelo canto do olho que ele estava, ela se virou para ele um pouco mais.

Isso era tudo o que ele precisava. Ele estendeu sua mão livre e segurou o rosto dela com a palma da mão. Ela se virou mais para ele e, por um momento, eles se olharam profundamente nos olhos um do outro.

Ele se inclinou e, um momento depois, ela sentiu seus lábios macios nos dela. Foi um beijo suave, e seu coração acelerou como seus lábios se encontraram.

O beijo durou uma eternidade.

Quando ela fechou os olhos, sentiu-se transportada para outro mundo.

Ela o beijou de volta. Ele estendeu a mão e passou a mão pelo cabelo, depois, lentamente, através de seu pescoço. Ela inclinou-se um pouco mais e eles se beijaram mais apaixonadamente.

De repente, algo começou a acontecer dentro dela. Era um sentimento, algo que ela não conhecia.

Seu coração de repente começou a bater forte como se estivesse fora do peito. Parecia que ela estava tendo um ataque cardíaco.

Então, ela sentiu um calor intenso, uma queimadura, subindo por suas pernas, atravessando seu torso, descendo pelos seus braços, até a ponta dos dedos. Ela sentiu uma pontada terrível de fome, de dor, no fundo do seu plexo solar. Por um momento, sentiu como se tivesse sido apunhalada. Isto lhe tirou o fôlego.

Ela não entendia o que estava acontecendo com ela. Ela pensou que talvez estivesse morrendo.

E então ela se viu olhando diretamente para o pescoço de Blake. Ela o olhava de perto, ficou observando a pulsação suas veias. Seu perfume preenchendo todos os poros de seu corpo. Ela sentiu um desejo insaciável de estar perto dele.

Mas, não para beijá-lo. Para seu próprio horror, ela encontrou seu corpo gritando com ela, pedindo-lhe para afundar seus dentes em seu pescoço. Para se alimentar dele. Para beber seu sangue. De repente, ela sentiu seus dois dentes incisivos começarem a se expandir. A crescer. A ficarem afiados.

Imediatamente, ela se afastou, fechando a boca, olhando para longe.

“O que é isso?”, Ele perguntou, surpreso. “O que está errado?”

Mas ela não podia ficar lá sentada nem mais um segundo. Seu corpo estava gritando com ela para fazer algo que sua mente não conseguia entender. O que estava acontecendo? Ela não sabia. Mas ela sabia que ela não podia correr o risco de estar perto de Blake por mais de um segundo. Ela sabia que, se ela olhasse para ele novamente, se ela virasse em sua direção, por uma fração de segundo, tudo estaria terminado. Ela não seria capaz de se controlar.

Então, sem dizer uma palavra, ela pulou da árvore e correu para longe, saltando sobre os trilhos, até o morro, de volta para a trilha da floresta. Ela correu com uma velocidade e agilidade que

ela nunca soube que tinha e, em poucos segundos, estava longe, muito longe do rio. Distante de Blake.

E distante da Scarlet que um dia ela conheceu.

# Document Outline

- [CAPÍTULO UM](#)
- [CAPÍTULO DOIS](#)
- [CAPÍTULO TRÊS](#)
- [CAPÍTULO QUATRO](#)
- [CAPÍTULO CINCO](#)
- [CAPÍTULO SEIS](#)
- [CAPÍTULO SETE](#)
- [CAPÍTULO OITO](#)
- [CAPÍTULO NOVE](#)
- [CAPÍTULO DEZ](#)
- [CAPÍTULO ONZE](#)
- [CAPÍTULO DOZE](#)
- [CAPÍTULO TREZE](#)
- [CAPÍTULO QUATORZE](#)